

TÉCNICAS DE TRADUÇÃO EM LÍNGUA INGLESA

Prof. Luiz Henrique Milani Queriquelli



Indaial – 2019

1ª Edição



Copyright © UNIASSELVI 2019

Elaboração:

Prof. Luiz Henrique Milani Queriquelli

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri
UNIASSELVI – Indaial.

Q4t

Queriquelli, Luiz Henrique Milani

Técnicas de tradução em língua inglesa. / Luiz Henrique Milani Queriquelli. – Indaial: UNIASSELVI, 2019.

148 p.; il.

ISBN 978-85-515-0345-4

1. Língua inglesa - Traduções para o português. - Brasil. II. Centro Universitário Leonardo Da Vinci.

CDD 428

APRESENTAÇÃO

Para muitos que nunca se deparam com a tarefa de traduzir, muitas vezes, para essas pessoas, ocorre a ideia de que só existe uma tradução possível, ou que existe uma tradução ideal, ou talvez a melhor opção tradutória. Se você já se viu diante da tarefa de oferecer a tradução de algum texto, provavelmente sabe ou deve ter tido a sensação de que as coisas não são bem assim.

Existe um sem-número de variáveis concorrendo para a execução de uma tradução. Implica dizer que uma tradução decorre de escolhas, e que critérios, como melhor e pior, ideal ou imperfeito, fluida ou dura, entre outros, são insuficientes para julgar uma tradução ou entender a natureza do fenômeno.

Com a leitura deste material, você terá condições de compreender a complexidade envolvida na tradução *latu sensu*. Em um segundo momento, analisar e praticar diferentes técnicas de tradução da língua inglesa, tendo o português como língua-alvo. Não coincidentemente, as unidades que seguem estão organizadas conforme essa linha de raciocínio.

Na primeira unidade faremos uma explanação sobre aspectos gerais da tradução, culminando na importante distinção entre tradução estrangeirizadora e tradução domesticadora, ou seja, entre traduções que ficam mais próximas da língua de partida e traduções que se aproximam mais da língua de chegada.

Na segunda unidade, analisaremos e praticaremos técnicas de tradução estrangeirizadora, que envolvem, por exemplo, tradução literal, empréstimos e manutenções da língua-fonte de outras ordens, como manutenções sintáticas, estilísticas e culturais.

Por fim, na terceira unidade, veremos técnicas de tradução domesticadora, que visam acomodar o texto a aspectos da língua-alvo, envolvendo adaptações propriamente linguísticas, adaptações estilísticas e, ainda, culturais/contextuais. Será, certamente, uma jornada exaustiva, mas muito divertida em meio ao universo da tradução.

Não importa qual seja o seu objetivo com o estudo da língua inglesa. Acreditamos que você se beneficiará muito com este material, pois compreender os desafios da tradução é, em última instância, compreender a natureza das línguas e seus limites. Assim, invista seu tempo e seus esforços intelectuais para aproveitar ao máximo o conteúdo aqui disponível.

Bons estudos!

Prof. Luiz Henrique Milani Queriquelli



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, tablet ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo layout, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebermos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



BATE SOBRE O PAPO ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades.



Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE.



Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O **MEC – Ministério da Educação**.

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.



Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas.



Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE!



SUMÁRIO

UNIDADE 1 – TEORIA GERAL DA TRADUÇÃO	1
TÓPICO 1 – NOÇÕES INTRODUTÓRIAS	3
1 INTRODUÇÃO	3
2 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE TRADUÇÃO	4
3 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA	7
RESUMO DO TÓPICO 1	9
AUTOATIVIDADE	10
TÓPICO 2 – CRENÇAS SOBRE A TRADUÇÃO E O TRADUTOR	13
1 INTRODUÇÃO	13
2 PRINCIPAIS CRENÇAS	14
LEITURA COMPLEMENTAR	18
3 DESCONSTRUINDO AS CRENÇAS	19
RESUMO DO TÓPICO 2	23
AUTOATIVIDADE	24
TÓPICO 3 – UNIDADES DE TRADUÇÃO	25
1 INTRODUÇÃO	25
2 FIDELIDADE VS. LIBERDADE	25
3 EXPERIMENTANDO A SELEÇÃO DE UNIDADES	27
RESUMO DO TÓPICO 3	33
AUTOATIVIDADE	34
TÓPICO 4 – DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO	35
1 INTRODUÇÃO	35
2 A TRADUÇÃO RELIGIOSA E O FOCO NO TEXTO DE PARTIDA	35
3 A TRADUÇÃO LITERÁRIA E O FOCO NO TEXTO DE CHEGADA	38
LEITURA COMPLEMENTAR	40
RESUMO DO TÓPICO 4	43
AUTOATIVIDADE	44
UNIDADE 2 – TÉCNICAS ESTRANGEIRIZADORAS DE TRADUÇÃO	45
TÓPICO 1 – TRADUÇÃO PALAVRA POR PALAVRA	47
1 INTRODUÇÃO	47
2 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO	48
3 PALAVRA POR PALAVRA OU MANUTENÇÃO MORFOLÓGICA	50
RESUMO DO TÓPICO 1	52
AUTOATIVIDADE	53

TÓPICO 2 – MANUTENÇÃO DE ITENS LEXICAIS DO TEXTO-FONTE	
(EMPRÉSTIMO).....	55
1 INTRODUÇÃO	55
2 MANUTENÇÃO SEM ACLIMATAÇÃO (EMPRÉSTIMO DIRETO).....	55
3 MANUTENÇÃO COM ACLIMATAÇÃO (APORTUGUESAMENTO)	58
4 DECALQUE.....	59
5 HIBRIDISMO	61
RESUMO DO TÓPICO 2.....	62
AUTOATIVIDADE	63
 TÓPICO 3 – MANUTENÇÃO DE ESTRUTURAS SINTÁTICAS DO TEXTO-FONTE	65
1 INTRODUÇÃO	65
2 ORDEM DOS ELEMENTOS SINTÁTICOS	66
RESUMO DO TÓPICO 3.....	68
AUTOATIVIDADE	69
 TÓPICO 4 – MANUTENÇÃO DO ESTILO DO TEXTO-FONTE.....	71
1 INTRODUÇÃO	71
2 USO DE SINAIS DE PONTUAÇÃO	72
3 REGISTRO	75
4 LAYOUT.....	77
5 USO DE VOZ PASSIVA/VOZ ATIVA	79
6 USO DE COORDENAÇÃO/SUBORDINAÇÃO.....	81
7 USO DE MARCADORES DO DISCURSO	84
8 USO DE REFERÊNCIAS ANAFÓRICAS.....	86
9 ADJETIVAÇÃO	87
RESUMO DO TÓPICO 4.....	89
AUTOATIVIDADE	91
 TÓPICO 5 – MANUTENÇÃO DE ITENS CULTURAIS DA CULTURA-FONTE	93
1 INTRODUÇÃO	93
2 ANÁLISE DE CASOS DE MANUTENÇÃO CULTURAL	93
LEITURA COMPLEMENTAR.....	97
RESUMO DO TÓPICO 5.....	99
AUTOATIVIDADE	100
 UNIDADE 3 – TÉCNICAS DOMESTICADORAS DE TRADUÇÃO	101
 TÓPICO 1 – DOMESTICAÇÃO DO SISTEMA LINGÜÍSTICO.....	103
1 INTRODUÇÃO	103
2 TRANSPOSIÇÃO	104
3 MODULAÇÃO.....	105
4 EQUIVALÊNCIA.....	105
4.1 EQUIVALÊNCIA DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS, DITADOS, PROVÉRBIOS ETC.	106
4.2 EQUIVALÊNCIA FUNCIONAL	107
5 SINONÍMIA	108
6 PARÁFRASE	108
RESUMO DO TÓPICO 1.....	111
AUTOATIVIDADE	112

TÓPICO 2 – DOMESTICAÇÃO DO ESTILO	113
1 INTRODUÇÃO	113
2 OMISSÃO	113
3 EXPLICITAÇÃO	114
4 GENERALIZAÇÃO (HIPERÔNIMOS) E ESPECIFICAÇÃO (HIPÔNIMOS)	115
5 COMPENSAÇÃO IBIDEM E ALIBI	116
6 RECONSTRUÇÃO	117
7 EQUIVALÊNCIA ESTILÍSTICA (MELHORIA)	118
8 MUDANÇA DE REGISTRO	119
9 MUDANÇA DE COMPLEXIDADE/FLUIDEZ ESTILÍSTICA	119
10 ADAPTAÇÃO	120
RESUMO DO TÓPICO 2.....	124
AUTOATIVIDADE	125
 TÓPICO 3 – DOMESTICAÇÃO DA REALIDADE EXTRALINGUÍSTICA.....	129
1 INTRODUÇÃO	129
2 OS ESTUDOS CULTURAIS E SUA IMPORTÂNCIA PARA A TRADUÇÃO	129
3 CULTURA COMO UM SISTEMA DE FRAMES	130
4 CULTURA TÉCNICA: CIVILIZAÇÃO	131
5 CULTURA FORMAL: PRÁTICAS FUNCIONALISTAS E APROPRIADAS	132
6 CULTURA INFORMAL: SISTEMAS COGNITIVOS	132
7 FORA DO ICEBERG: RELAÇÕES DE PODER	133
8 TRANSFERÊNCIA	135
9 EXPLICAÇÃO.....	136
LEITURA COMPLEMENTAR.....	139
10 ILUSTRAÇÃO	141
RESUMO DO TÓPICO 3.....	142
AUTOATIVIDADE	144
 REFERÊNCIAS	145

TEORIA GERAL DA TRADUÇÃO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir do estudo desta unidade, você deverá ser capaz de:

- abordar diferentes nuances do conceito de tradução;
- discutir as diferentes conotações que a atividade tradutória já ganhou na história;
- compreender a diversidade das línguas como a razão de ser da tradução;
- refletir sobre problemas de crenças comuns sobre a tradução e o tradutor frente aos estudos da tradução;
- operar com unidades de tradução conforme a natureza do texto e os objetivos de uma tarefa;
- compreender os fenômenos da estrangeirização e da domesticação como manifestações do foco no texto de partida ou de chegada.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em quatro tópicos e, no final de cada um deles, você encontrará atividades que ajudarão a ampliar os conhecimentos adquiridos.

TÓPICO 1 – NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

TÓPICO 2 – CRENÇAS SOBRE A TRADUÇÃO E O TRADUTOR

TÓPICO 3 – UNIDADES DE TRADUÇÃO

TÓPICO 4 – DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO

NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

1 INTRODUÇÃO

Você já parou para pensar que grande parte da vida moderna seria impensável sem a tradução? Como você pode imaginar, é uma das atividades mais antigas da humanidade e, em um mundo cada vez mais diverso como o nosso, continua sendo mais necessária do que nunca.

Em um sentido amplo, ou seja, entendendo tradução como interpretação, podemos afirmar que não há atividade linguística sem tradução. Como veremos adiante, é possível admitir que o aprendizado de qualquer língua passa necessariamente pela tradução.

Ainda, pensando no propósito específico deste material, devemos lembrar que o império cultural anglófono e a própria globalização seriam impensáveis sem a tradução de textos em língua inglesa para as mais diversas línguas no mundo, com os mais diversos propósitos.

Ao que parece, são muitas as implicações da tradução na nossa vida, certo? Você verá, porém, que elas vão muito além do que podemos imaginar. A seguir, ainda nesta introdução, vamos refletir sobre a definição de tradução, percorrendo uma variedade de conceitos e abordagens. Na sequência, vamos discutir a diversidade linguística como fenômeno que confere razão de ser para essa atividade.

Prosseguindo na nossa caminhada, refletiremos sobre crenças que pairam sobre a tradução e a figura do tradutor para, enfim, entrarmos em aspectos teóricos mais específicos, como as unidades de tradução e as chamadas abordagens estrangeirizadora e domesticadora. Acompanhe!

2 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE TRADUÇÃO

O conceito de tradução vem sendo objeto de debate há muito tempo. Em termos diacrônicos, sabemos que a palavra portuguesa deriva do vocábulo latino *traducere*, que significa levar/conduzir (*ducere*) além (*tra*).

Hoje, no entanto, o sentido empregado pelos latinos já evoluiu para uma diversidade de outros sentidos. É comum vermos, por exemplo, alguém falando em traduzir com o sentido de “revelar, explicar, manifestar, explanar, representar, simbolizar”, entre outros usos.

Como Guerini e Costa (2006) argumentam, o sentido de passar de uma língua para outra é uma metáfora do ato físico de transferir. Assim, concluímos que os demais sentidos atribuídos às palavras “traduzir” e “tradução” são gerados a partir de extensão metafórica. Em todos eles, pressupõe-se o ato de transferir, de passar algo de um lado para outro.



Nos termos dos autores Guerini e Costa (2006, p. 4), “traduzir designa, de modo restrito, uma operação de transferência linguística e, de modo amplo, qualquer operação de transferência entre códigos ou, inclusive, dentro de códigos”.

Há pouco falamos que a prática tradutória está presente no próprio processo de aquisição de linguagem. Para aprendermos uma língua, procedemos a diversas operações de tradução dentro da mesma língua. Paz (2012, p. 9) radicaliza a importância da chamada tradução intralingual para a constituição da linguagem, ao considerar o processo como algo essencial para os estágios iniciais de aquisição:

Aprender a falar é aprender a traduzir: quando uma criança pergunta para sua mãe o significado desta ou daquela palavra, o que realmente pede é que traduza para a sua linguagem a palavra desconhecida. A tradução dentro de uma língua não é, nesse sentido, essencialmente diferente da tradução entre duas línguas, e a história de todos os povos repete a experiência infantil.

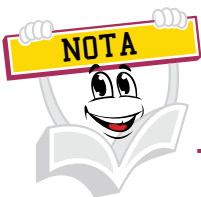
Podemos assumir, assim, que não existe linguagem sem tradução. O fenômeno é muito antigo, embora devemos ressaltar que, ao longo dos tempos, seu status mudou por diversas vezes. Ora a translação de textos era considerada uma atividade nobre, equivalente ao processo criativo, ora era considerada uma atividade vil, decorrente dos vícios humanos.

A primeira e mais positiva das visões, a visão de tradução como criação, pode ser bem observada entre os antigos romanos. A gênese da literatura e da ciência latina está na tradução e imitação de modelos gregos, sendo que o conceito clássico de imitação significava essencialmente recriação e superação do modelo. Uma prova de como a tradução estava no centro da inventividade latina é a quantidade de termos que os romanos tinham para a atividade.

Para diferentes nuances do fenômeno, eles davam diferentes nomes, como “verter”, “converter”, “transverter”, “imitar”, “explicar”, “interpretar”, “exprimir”, “render”, “transferir”, “transladar”; nomes que vêm de “translação” e “translator”. Eis o que explica Furlan (2001, p. 13):

Na tradução artística, com uma invenção latina, houve a produção de uma romanização não só da expressão, mas também do conteúdo, com ênfase no texto de chegada, e o novo valor se denominou com os verbos *uertere* e o composto *conuertere*, *transuertere* e *imitari*. *Explicare* também compartilha as noções, mas em São Jerônimo assume o significado de acentuação sobre a funcionalidade semântica mais que sobre o ornato retórico. Outras acepções latinas oferecem os verbos *interpretari*, que parece colocar a atenção sobre o conteúdo, a dependência e o esforço de fidelidade da cópia; *exprimere*, que parece enfatizar a marca formal do calco; e *reddere*, que indicaria a correspondência formal não literal entre original e tradução. No latim tardio e na Idade Média vai predominar o termo *transferre* e, ainda mais, de seu derivado participial, o verbo *translatare*, que oferece o substantivo *translatio* e o agente *translator*.

A segunda e mais negativa das visões foi produzida, paralelamente ao paganismo, no pensamento judaico-cristão. Até a Idade Média promoveu a visão da tradução como deturpação da palavra.



Uma das causas da visão pejorativa deriva do mito bíblico da Torre de Babel. Deus, para obstruir o trabalho dos homens, que tentaram construir uma torre tão alta quanto os céus, originou a diversidade de línguas entre si, levando-os ao desentendimento e ao fracasso no projeto. Consequentemente, a tradução, que derivaria da necessidade surgida com a punição divina, era comumente mal vista no antigo mundo judaico-cristão.

Bassnett (2003, p. 1) corrobora ao observar que a tradução era “considerada uma atividade marginal, que só começou a ser vista como um ato fundamental do intercâmbio humano no século XX”.

A função de mediação cultural, franqueada por Bassnett (2003), é um aspecto fundamental da atividade em discussão. Analogamente, Rónai (1976, p. 3-4) comenta que, em geral, as definições dadas à tradução disfarçam a natureza transcultural. Em seus termos:

Ao definirem “tradução”, os dicionários escamoteiam prudentemente o aspecto e limitam-se a dizer que traduzir é passar para outra língua. A comparação mais óbvia é fornecida pela etimologia: em latim, *traducere* é levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar. O sujeito do verbo é o tradutor, o objeto direto [...]. Mas a imagem pode ser entendida também de outra maneira, considerando-se que o tradutor pega o leitor pela mão para levá-lo para outro meio linguístico.

Do ponto de vista cultural, existiriam duas perspectivas distintas do ato tradutório: a do tradutor conduzindo o autor para a outra língua, e a do translator que leva, não o autor, mas o leitor para o outro “lado”, ou seja, para a cultura alheia. Assim, na primeira perspectiva, aquela que Rónai (1976, p. 4) chama de “tradução naturalizadora”, o tradutor “conduz uma obra estrangeira para outro ambiente linguístico, adaptando-a ao máximo aos costumes do novo meio”.

Há a retirada das características exóticas, o esquecimento que reflete uma realidade longínqua, diversa. Na segunda perspectiva, que o autor chama de “tradução identificadora”, o intérprete “conduz o leitor para o país da obra que lê e mantém cuidadosamente o que tem de estranho, de genuíno, e acentua a cada instante a sua origem alienígena” (RÓNAI, 1976, p. 4). Perceba que as definições dão destaque ao papel do tradutor e do leitor como sujeitos ativos no processo.

Pereira (2008), no entanto, observa que não são raras algumas tentativas de definir a tradução que deixam de lado elementos essenciais. Tais tentativas acabam reduzindo o conceito de tradução para a mera substituição de material textual em uma língua-fonte por material textual equivalente em outra língua-meta, ou à simples transferência do conteúdo de um texto para os meios próprios de outra língua.

Embora deixem de ser inteiramente erradas, as definições deixam lacunas importantes, pois descrevem um processo somente entre línguas, esquecendo-se de dois elementos essenciais: os sujeitos envolvidos e a situação (o contexto). Assim, nas abordagens redutivistas, o tradutor é encarado como um mero reproduzidor de textos, uma espécie de adaptador de voltagem entre línguas, sem nunca alçar a posição de autor.

Em dissonância ao tipo de visão em questão, declaramos que procuraremos sempre abordar a tradução em uma perspectiva que inclui não só os códigos linguísticos, mas também os sujeitos envolvidos no processo e no contexto em que atuam.

3 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

Para Guerini e Costa (2006), o mito da Torre de Babel, que mencionamos há pouco, pode ser interpretado como uma expressão da interminável tarefa do tradutor, que decorre de um fenômeno primordial: a grande diversidade de línguas existentes.

Steiner (2005) entende que a diversidade é uma consequência da própria individualidade dos seres humanos, ou seja, cada um de nós é naturalmente diferente, e é natural que nos expressemos de modos singulares. Embora haja uma negociação das nossas diferenças com vistas à comunicação, os limites das diferenças se tornam cada vez mais salientes na medida em que os limites sociais também se alargam. Nos termos de Steiner (2005, p. 72):

O fato de que milhares e milhares de línguas diferentes e mutuamente incompreensíveis foram e são faladas em nosso pequeno planeta é uma expressão clara do enigma profundo da individualidade humana, da evidência biogenética e biossocial de que não existem dois seres humanos inteiramente iguais.

Quando Steiner (2005) afirma que milhares de línguas diferentes foram e são faladas por razões biogenéticas e biossociais, ele chama a nossa atenção para o fato de que, desde que o ser humano desenvolveu a faculdade da linguagem, as línguas variaram e mudaram por inúmeros fatores, como sexo dos falantes, idade, classe social, região geográfica, registro (culto ou informal) etc.

Com tantos fatores condicionando o comportamento das línguas e sua mudança, é natural que quanto mais a população humana se multiplica e suas diferenças biológicas e culturais se agravam no tempo e no espaço, mais as línguas se diferenciam e se multiplicam.



É importante ressaltar que a variedade linguística existe dentro de uma mesma língua, e a variação, na medida em que se intensifica, pode levar ao surgimento de novas línguas, o que o torna a operação tradutória sempre necessária e atual.

A língua portuguesa, por exemplo, por muitos considerada uma só, tem variedades díspares a ponto de seus falantes não as reconhecerem mais como variedades de um mesmo sistema. Estamos falando do português europeu

e do português brasileiro, variedades diatópicas que já guardam profundas diferenças, não só no léxico (vocabulário), mas também na fonologia (regras para a articulação dos sons), na prosódia (entonação, acentuação e atração de clíticos) e na morfossintaxe (regras de concordância, sistema pronominal etc.).

Muitas edições de obras estrangeiras têm uma tradução no Brasil e outra, sensivelmente diferente, em Portugal, o que é um claro sintoma do afastamento radical.

Agora que já tocamos em algumas questões elementares (como a ideia de translação e seus desdobramentos, a tradução como algo constitutivo da linguagem humana, suas concepções históricas e a relação do fenômeno da diversidade linguística com a tradução), podemos passar a analisar com mais calma e detalhe algumas crenças, mitos e fatos ligados à atividade.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- Há diferentes nuances do conceito de tradução. Começamos por uma definição mais geral, a de levar um significado de uma língua para outra e, em seguida, vimos como o conceito se desdobrou em outros, como “revelar, explicar, manifestar, explanar, representar, simbolizar” etc. Vimos também que a tradução pode acontecer entre duas línguas ou no interior de uma mesma língua. Em última instância, não há atividade linguística sem tradução.
- Existem diferentes conotações que a atividade tradutória já ganhou na história, extremamente positiva na antiguidade clássica, por exemplo, símbolo de invenção, criação e engenhosidade e extremamente pejorativa na tradição judaico-cristã, símbolo de discórdia, obscuridade e degeneração da verdade.
- A tarefa do tradutor decorre de um fenômeno primordial: a grande diversidade de línguas existentes. Tal diversidade, por sua vez, advém de razões biogenéticas e biossociais (sexo dos falantes, idade, classe social, região geográfica, registro culto ou informal etc.) e, com tantos fatores condicionando o comportamento das línguas e sua mudança, é natural que quanto mais a população humana aumenta e suas diferenças se agravam, mais as línguas se diferenciam e se multiplicam. Assim, a diversidade das línguas é, por excelência, a razão de ser da tradução.



1 Relacione os itens com as afirmações a seguir:

- I- Visão da tradução na antiguidade clássica.
- II- Visão da tradução na antiga tradição judaico-cristã.
- III- Tradução como atividade linguística básica.
- IV- Causa primordial da necessidade da tradução.
- V- Tradução como negociação entre textos.
- VI- Tradução como negociação entre culturas.

- () Um texto não reflete apenas as propriedades estritamente linguísticas de uma língua (léxico e gramática, por exemplo), mas também espelha convenções muito particulares em relação à cultura do seu autor. A tradução envolve equalizar as diferenças entre o mundo do autor e o mundo do leitor.
- () Em termos estritamente linguísticos (léxico, morfologia, sintaxe etc.), as línguas são invariavelmente distintas. Portanto, na versão de um texto de uma língua para outra, o tradutor tem perdas e ganhos em termos de escolhas vocabulares, construções sintáticas, equivalências morfológicas etc.
- () As pessoas são naturalmente diversas entre si, e a diversidade se estende à linguagem. Quanto mais as diferenças se agravam, mais as diferenças linguísticas se acentuam.
- () Estamos operando traduções a todo momento, quando explicamos algo para alguém, quando mudamos de contexto, mudamos de veículo de comunicação ou gênero discursivo, quando estamos adquirindo linguagem, quando lidamos com línguas estrangeiras.
- () A tradução era vista como uma deturpação do sentido original das palavras e como causa primordial da discórdia entre os homens.
- () A tradução era vista como um processo criativo, assumindo sentidos como os de criar, verter, converter, transverter, imitar, explicar, interpretar, exprimir, render, transferir, transladar, dentre outros.

2 Diante do que foi apresentado no primeiro tópico, como você explicaria a seguinte afirmação: “quanto mais as diferenças entre seres humanos se aprofundam, mais a tradução se faz necessária”?

3 Existem tentativas de simplificar o conceito do que é uma tradução, como sendo a substituição de material textual em uma língua-fonte (LF) por material textual equivalente em outra língua-meta (LM) ou a transferência do conteúdo de um texto para os meios próprios de outra língua. Apesar

de sucintos, ainda existem pontos não explicitados nas definições, pois descrevem um processo somente entre línguas. Os sujeitos envolvidos e a situação (contexto) nem são mencionados. Com base no enunciado, marque a opção INCORRETA:

- a) () O tradutor ora é encarado como um mero reproduzidor de textos, uma espécie de adaptador de voltagem entre línguas, ora alça a posição de autor.
- b) () A tradução é o termo geral que define a ação de transformar um texto a partir da língua-fonte, por meio de vocalização, escrita ou sinalização, em outra língua-meta.
- c) () É aceitável que a tradução procure uma correspondência de aspectos linguísticos, porém seus objetivos de interação podem ser perdidos em uma busca obsessiva de equivalência entre as línguas.
- d) () A tradução é uma atividade que abrange a interpretação do significado de um texto em uma língua – o texto-fonte – e a produção de um novo texto em outra língua, sendo que tal texto resultante também é chamado de tradução.

CRENÇAS SOBRE A TRADUÇÃO E O TRADUTOR

1 INTRODUÇÃO

Frequentemente ouvimos de muitas pessoas afirmações como: “O português é a língua mais difícil de todas.” ou “O inglês é mais fácil do que o português.”, e por aí vai. Apenas para redarguir as duas alegações infundadas, podemos citar uma série de fatos linguísticos.

Um dos argumentos usados, por exemplo, para sustentar a tese de o que inglês é mais fácil é a pobreza da sua morfologia verbal. O inglês tem apenas uma flexão para marcar as categorias de número e pessoa (-s), outra para marcar tempo passado (-ed), uma ou outra alomorfa de raiz que pode ser considerada marcação de tempo ou modo, e só. Tudo o mais é marcado por perífrases envolvendo verbos auxiliares, preposições, advérbios, marcações de categorias nos nomes etc.

Além das perífrases verbais serem tão complexas quanto qualquer outra morfologia verbal rica em flexões (pense, por exemplo, na infinidade de combinações possíveis com o verbo *get*), temos que dizer que o vernáculo brasileiro contemporâneo nem é lá muito mais complexo que o inglês em termos de flexões número-pessoais.

Um verbo como **tem**, em muitos dialetos, só apresenta oposição entre a primeira pessoa e as demais: eu *tenh-o*, você *tem-ø*, ele *tem-ø*, a gente *tem-ø*, vocês *têm-ø*, eles *têm-ø*. É exatamente como no inglês, que opõe a terceira do singular às demais com a desinência -s. Ainda, se a morfologia verbal do inglês é mais simples, sua fonologia é muito mais complexa do que a do português e de outras línguas românicas, haja vista a riqueza do seu sistema vocálico e da sua prosódia.

Nós poderíamos encher laudas tratando do assunto, mas nosso objetivo, neste tópico, é tratar dos mitos e crenças que as pessoas têm não sobre a linguagem em geral, mas particularmente sobre a tradução e o tradutor. Também existem em abundância, e esclarecê-las pode ser um bom ponto de partida para avançarmos nos estudos da tradução. Vamos lá então!

2 PRINCIPAIS CRENÇAS

Em um texto de título igual ao deste tópico, a tradutóloga Adriana Pagano discute aquelas que acredita serem as crenças mais comuns em relação à tradução e ao tradutor e sua aplicabilidade ou validade à luz das novas teorias dos estudos da tradução. Tais crenças são as seguintes:

1. A tradução é uma arte reservada a uns poucos que podem exercê-la graças a um dom especial.
2. A tradução é uma atividade prática que requer apenas conhecimento da língua e um bom dicionário.
3. O tradutor deve ser falante bilíngue ou ter morado num país onde se fala a língua estrangeira com a qual trabalha.
4. Só se pode traduzir da língua estrangeira para a língua materna, uma vez que só dominamos esta última.
5. O tradutor é um traidor e toda tradução envolve certo grau de traição (PAGANO, 2000, p. 11-12).



Antes de continuar a leitura, pense a respeito das crenças elencadas por Pagano (2000). O que você pensa sobre elas? Elas condizem com o seu entendimento a respeito da tradução e do tradutor? Refletem as suas crenças pessoais? Anote o resultado das suas reflexões e retorne a elas ao final desta seção.

Segundo a autora, a primeira das crenças decorre de uma impressão que se tem ao apreciar uma excelente tradução ou, por outro lado, um trabalho ruim. No primeiro caso, a excelência deixa a impressão de que é um trabalho muito difícil ou inalcançável, inacessível aos que não são dotados.

No segundo, a crença é evocada justamente para desmerecer o trabalho malsucedido de um tradutor, sugerindo que quem não tem o dom não deve se meter a fazer o que não sabe. Tanto uma reação quanto outra obscurecem o que de fato está por trás do ofício do tradutor e impedem que as pessoas reconheçam os méritos reais.

Como observa Pagano (2000, p. 12), “está implícita aqui a ideia de que se nasce tradutor ou que só se pode chegar a sê-lo quando se possui esse dom. Longe de corroborar, as pesquisas mostram que tradutores competentes e reconhecidos possuem uma carreira que envolve experiência e qualificação”.

É claro que a sensibilidade artística de certos tradutores contribui para a qualidade dos seus textos, principalmente se forem traduções literárias. Pode ser

encarado como um convite para duas reflexões: primeiro, a de que todo tradutor é um escritor, é um autor, um criador, e, se o texto traduzido parece bom, muito do mérito deve ser atribuído ao tradutor, que fez um ótimo trabalho de produção textual, e não necessariamente ao autor do texto de partida.

A segunda reflexão, que decorre da primeira, é a de que, para sermos bons tradutores, temos que antes, e sempre, qualificarmo-nos como bons escritores na língua de chegada, não importa se os textos que vamos escrever são traduções ou não.

A segunda crença comum apontada pela autora é a de que a tradução é uma atividade meramente prática e que requer apenas conhecimento da língua e um bom dicionário. Costuma decorrer de uma subvalorização da atividade pelo mercado. Sem conhecer as dificuldades e a complexidade envolvida no trabalho de tradução, os demandantes de serviços de tradução (empresários, administradores, profissionais liberais etc.), geralmente visando gastar pouco, pressupõem que seja algo simples de se fazer.

Não raras vezes, eles mesmos se arriscam a traduzir ou solicitam a tarefa a uma pessoa próxima, que tenha algum conhecimento da língua em questão, embora não seja tradutor profissional, a fim de minimizar seus custos. Como lembra Pagano (2000), há uma longa história de casos, muitas vezes trágicos, ligados a insucessos de tradução.



O caso “general will” é conhecido como um dos maiores desacertos já cometidos em uma tradução para o português brasileiro. No livro “A Teoria Política do Individualismo Possessivo: de Hobbes até Locke”, de C. B. Macpherson, a expressão inglesa “the general will”, em vez de significar “a vontade geral”, virou “o general Will”. Assim, quem decidia as coisas em algumas *passagens da obra não era a vontade geral, mas sim um tal de general Will*. Como ironiza Narloch (2002), “tudo bem: o livro foi editado em 1979, tempo de ditadura militar...”.

Tais demandantes que subvalorizam o serviço de tradução não fazem ideia do tanto de investimento que um profissional faz para desenvolver a chamada competência tradutória, um conjunto de “conhecimentos, habilidades e estratégias que o tradutor bem-sucedido possui e que conduzem a um exercício adequado da tarefa tradutória” (PAGANO, 2000, p. 14).

Para entender a subvalorização, podemos recorrer à divisão da competência tradutória proposta por Campbell (1998) entre “habilidades inferiores” e “habilidades superiores”.

A primeira envolveria o conhecimento de léxico, morfologia e sintaxe, enquanto a segunda abrangeria níveis supostamente mais complexos, como aspectos de coesão e coerência (referenciação e sequenciação textual), macroestruturas textuais, coligações lexicais, domínio de registros e gêneros discursivos, e sua inserção no contexto do texto traduzido.

Assim, muitas vezes, quem subvaloriza o trabalho de traduzir pressupõe que, ao tradutor, basta ter tais habilidades inferiores, sem dimensionar a importância daquilo que Campbell (1998) chama de habilidades superiores.

A terceira crença, aquela segundo a qual o tradutor deve ser falante bilíngue ou ter morado em um país onde se fala a língua estrangeira com a qual trabalha, é parcialmente confirmada pela autora.

Segundo ela, as pesquisas corroboram, indicando que o bilinguismo e a vivência intercultural são fatores decisivos para uma boa tradução. No entanto, Pagano (2000) alerta que apenas os dois fatores não são suficientes, se não estiverem acompanhados de uma formação que permita ao tradutor um bom desempenho. Ainda, um falante bilíngue não significa necessariamente alguém que tem domínio absoluto de ambas as línguas.

Devemos acrescentar outra ressalva às feitas por Pagano (2000). Como estudiosos de tradução de latim, não podemos dizer que somos falantes bilíngues de latim e português, nem tampouco vivência na Roma Antiga. Ainda assim, publicamos traduções de literatura latina e serviços de tradução.

Parece reforçar a ideia que já defendemos antes, a de que ao tradutor é necessário sim ter um domínio razoável da língua de partida, mas acima de tudo ser um bom escritor na língua de chegada, capaz de reproduzir textos e contextos tendo em vista o leitor pretendido.

A quarta crença discutida por Pagano (2000) opõe tradução e versão, negando a segunda possibilidade. Em outras palavras, a crença diz que só se pode traduzir da língua estrangeira para a língua materna, uma vez que só dominamos a última. A autora discorda da presunção, sugerindo que, se o tradutor conseguir desenvolver as habilidades estritamente linguísticas e as ditas habilidades textuais superiores na língua estrangeira, ele pode sim verter da sua língua materna para a segunda língua.

Em seus termos, “o domínio de uma língua estrangeira, juntamente com um conhecimento cultural e técnico, e as habilidades apropriadas para o exercício da recriação de um texto, possibilitam a tradução para a língua estrangeira sem maiores problemas” (PAGANO, 2000, p. 14).

A quinta e última das crenças elencadas talvez seja a mais famosa de todas que cercam o universo da tradução e está imortalizada pelo ditado italiano *traduttori, traditori* (tradutores, traidores). Por trás da crença repousam várias falácias que os Estudos da Tradução, desde meados do século passado, vêm pouco a pouco desconstruindo.

Por trás da ideia de traição, pressupõe-se que o tradutor prometeu algo e não cumpriu, traindo ou enganando o leitor. Contudo, que promessa teria sido? A de entregar o mesmo sentido e palavras do original, em uma transposição plenamente equivalente ou correspondente? Em que mundo imaginário um ideal assim seria possível? Se nem mesmo um texto escrito em uma dada língua produz os mesmos sentidos em dois leitores nativos dessa língua, por que esperar algo tão irreal assim de uma tradução? Como pontua Pagano (2000, p. 15):

Teorias desenvolvidas já a partir dos anos 1950 e novas teorias fundamentadas em pesquisas acadêmicas recentes mostram a complexidade do processo tradutório, que envolve aspectos da produção e recepção de textos. Assim, por exemplo, podem ser realizadas diferentes traduções de um mesmo original de acordo com os objetivos pretendidos, o público-alvo, a função que se busca atribuir ao texto traduzido e outros fatores mercadológicos ou não que participam das decisões a serem tomadas na recriação de um texto numa nova língua e cultura.

Assim, não há o porquê de se falar em traição sendo que o acordo tácito entre tradutor-locutor e leitor-interlocutor esteja bem posto, uma vez que a tradução seja compatível com seus objetivos. É claro que o descrédito que o tradutor ainda recebe em alguns círculos continua sendo confirmado por exemplos de trabalhos improvisados ou realizados por pessoas não qualificadas. Contudo, nem é motivo para perdurar uma crença falaciosa como essa que distorce o sentido da atividade tradutória.

LEITURA COMPLEMENTAR

Tragédias de tradução: a TV a cabo gerou uma enorme demanda por tradutores, que nem sempre são qualificados

Leandro Narloch

Que tal sentar com os amigos em um bar, erguer o copo de cerveja e propor uma torrada? Estranho? Segundo o poeta e tradutor Ivo Barroso, confusões assim, causadas por erros de tradução em livros, filmes e seriados, são cada vez mais comuns. “A TV a cabo gerou uma enorme demanda por tradutores, que nem sempre são qualificados”, diz ele. A Super consultou 30 especialistas na área para saber alguns dos piores tropeços na arte de traduzir. Aí vão eles:

Moça! Moça!

Nick Marshall (Mel Gibson), protagonista de *Do Que as Mulheres Gostam*, assiste a um jogo de basquete pela TV. Um dos jogadores se prepara para arremessar a bola e as palavras de Nick aparecem na legenda: – Moça, moça, moça! Moça? Na verdade, ele torcia: “Erra, erra, erra” (*miss, miss, miss*). Quem errou foi o sujeito que fez a legenda para a versão brasileira.

Torrada!

Let's make a toast significa “vamos fazer um brinde”, mas, segundo a tradutora Raquel Elimar, em muitas legendas está como “vamos fazer uma torrada”. *Toast* é uma das tantas palavras inglesas com dois significados. Outro erro comum envolve o verbo inglês *pretend* (fingir), que quase sempre vira “pretender”. O livro *The Physician* (“o médico”) foi traduzido para O Físico (na verdade, “físico” é *physicist*).

Motorista de disco

O tradutor Flávio Steffen lembra que “motorista de disco” entrou no lugar de “unidade de disco” na tradução de *disk drive*, em um dos primeiros livros de informática do Brasil. Motorista, em inglês, é *driver*.

Arenque vermelho

Red herring é uma expressão com o sentido de pista falsa, disfarce, mas pouca gente sabe. Ela é sempre traduzida literalmente para arenque vermelho. Como em “o cálculo do leite é, de fato, um arenque vermelho”, em tradução virtual do livro *Fit for Life, Heads & Tails, Diet for a New America*.

Dinheiro na jogada

Há mal-entendidos que podem causar prejuízos astronômicos. Um deles, segundo o tradutor Francis Aubert, aconteceu com uma empresa brasileira que tentou comprar uma enorme carga chinesa de feijão preto. Só quando o navio chegou ao Brasil os empresários perceberam que o que haviam comprado era um tipo de soja. Como a negociação foi feita em inglês – língua estrangeira para os dois lados –, as empresas se confundiram com a palavra *bean*, que quer dizer tanto “feijão” quanto “grão”.

O General Will

O pior de todos os “desacertos” já cometidos em uma tradução para o português brasileiro é tido como mito para a maioria dos tradutores. Mas ele está lá, no livro *A Teoria Política do Individualismo Possessivo*: de Hobbes até Locke. A expressão inglesa *the general will*, em vez de significar “a vontade geral”, virou “o general Will”. Resultado? Quem decidia as coisas em algumas passagens da obra não era a vontade geral, mas o general Will. Tudo bem: o livro foi editado em 1979, tempo de ditadura militar...

FONTE: NARLOCH, Leandro. Tragédias de tradução: a TV a cabo gerou uma enorme demanda por tradutores, que nem sempre são qualificados. **Superinteressante**, São Paulo, n. 180, 2002. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/tragedias-de-traducao>. Acesso em: 22 nov. 2018.

3 DESCONSTRUINDO AS CRENÇAS

Como forma de mostrar que a competência tradutória vai além das habilidades estritamente linguísticas, abrangendo também diferentes habilidades macrotextuais, e como cada tradução está condicionada a estratégias e objetivos específicos, Pagano (2000) propõe um breve exercício de tradução de uma certidão de casamento estrangeira. Tentaremos resenhar seu exercício aqui a fim de pôr em prática a desconstrução das crenças que discutimos. A certidão de casamento em questão é a que veremos a seguir:

FIGURA 1 – CERTIDÃO DE CASAMENTO



FONTE: Pagano (2000, p. 16)

Muitas pessoas, principalmente aquelas leigas em relação às especificidades envolvidas no ofício do tradutor profissional, ao se depararem com um documento assim, podem pensar que sua tradução seja uma tarefa fácil, algo possível de ser realizado por qualquer um com um conhecimento razoável de inglês. A autora, porém, mostra pouco a pouco como tal tarefa não é assim tão simples.

Primeiro, temos que considerar o contexto do original. Trata-se de uma certidão pública, que imediatamente nos remete a um gênero textual bem estabelecido, dotado de características consolidadas, um formato fixo, que não podemos alterar livremente. Não podemos inventar os enunciados típicos de um documento como uma certidão, um edital, um diploma etc.

Possuem frases formulaicas, relativamente engessadas. Por exemplo: “O diretor de gestão de pessoal, no uso das atribuições legais, em cumprimento à determinação tal, torna pública a realização de concurso público para provimento de vagas...”; “Declaro para os devidos fins...”; “A quem interessar possa...” etc. Como adverte Pagano (2000, p. 17), “a identificação do tipo textual é importante para selecionar o formato, a estrutura e o léxico do nosso texto traduzido para português”.

Aqui já começamos a ver claramente as limitações daquele tipo de visão que presume ser necessário ao tradutor apenas um conhecimento do vocabulário e da gramática de uma língua. Uma primeira tentativa de tradução, feita em posse apenas de um dicionário, resultaria em um texto assim: *Isto é para certificar que Carlos A. Vittori de Madri e estado da Espanha e Avelina Hernández de Madri e estado da Espanha foram unidos por mim em sagrado matrimônio em Miami, Dade County, no dia 30 de janeiro de 1980.*

Parece bom o suficiente? Soa estranho? Provavelmente soa e você está certo: a tradução está longe do que se espera de um típico texto notarial brasileiro. A colocação “Carlos A. Vittori de Madri e estado da Espanha e Avelina Hernández de Madri e estado da Espanha”, por exemplo, é completamente exótica e inaceitável para os propósitos do texto.

Ainda, será que traduzir “*This is to certify that*” por “Isto é para certificar que” funciona no gênero em questão? Se formos buscar quais são as fórmulas típicas em certidões de casamento brasileiras, encontraremos construções como “Certifico que...”. Seria, portanto, uma alternativa mais apropriada.

“*This is to certify that*” é a translação de “*In witness whereof, I have hereunto set my hand and seal at Miami, Dade County, Florida, the day and year above written.*”. Se fosse preciso agir como querem aqueles demandantes que subvalorizam a tradução profissional, ofereceríamos algo como “Em testemunho do que, em seguida, pus minha mão e selo em Miami, Dade County, Flórida, o dia e ano acima escritos”.

Em termos de léxico e gramática, não há nenhum problema – o corretor do Word nem faria nenhuma advertência. Contudo, nós sabemos que um texto como esse nem é aceitável, certo? Temos de nos perguntar: o que alguém quer dizer ao declarar “Em testemunho do que, em seguida, pus minha mão e selo”?

Aparentemente a pessoa quer afirmar a veracidade de algo que ela testemunhou e, sendo ela alguém em quem o povo confia (que tem fé pública), está apta a oferecer sua assinatura pessoal (“sua mão e selo”) como forma de comprovar publicamente. Ora, como também já anunciamos antes, há uma fórmula típica em português: “O referido é verdade e dou fé.”. A tradução toda, agora devidamente acomodada às expectativas do gênero em português brasileiro, ficaria assim: *Certifico que Carlos A. Vittori, de Madri, Espanha e Avelina Hernández, de Madri, Espanha foram unidos por mim em matrimônio em Miami, Dade County, no dia 30 de janeiro de 1980. O referido é verdade e dou fé. Miami, Dade County, Flórida, 30 de janeiro de 1980.*

Como lembra Pagano (2000), é um típico caso que exigiria o trabalho de um tradutor juramentado, alguém cuja competência tradutória é certificada pelo Estado, por meio de concurso público, e cujo trabalho é regulado pela junta comercial. Traduções de documentos, contratos etc. só têm validade legal se forem feitas por um tradutor juramentado.

Vamos supor que um tradutor juramentado cobre seu trabalho por laudas e que, tecnicamente, cada lauda possui até 190 palavras (há uma convenção brasileira que estabelece). Suponhamos também que seu trabalho custa, segundo a tabela da Junta, R\$ 50 por lauda (estamos em 2019).

O texto da certidão em questão aqui tem 47 palavras, ou seja, está dentro do limite de uma lauda. Logo, o serviço custaria R\$ 50. Alguém que precisa da tradução juramentada da nossa certidão e que desconhece todas essas questões que discutimos poderia se espantar com o preço, poderia achar “um absurdo”. Se ela soubesse, no entanto, de todo o trabalho refinado e detalhista que foi feito até chegar ao texto final, e de todas as qualificações que um profissional precisa buscar para estar apto a fazer o trabalho, será que ela continuaria achando caro?

Agora imagine todo o trabalho minucioso para traduzir adequadamente um texto de 47 palavras sendo feito, na mesma proporção de esforço, pesquisa e diligência, para um texto de 1.900 palavras (10 laudas). Daria um trabalhão. Um trabalhão que, a propósito, não pode ser feito por qualquer pessoa, mas apenas por alguém qualificado.

Um trabalho assim custaria em torno de R\$ 500 e tomaria dias. Um burocrata que demanda a tradução de um contrato de 3 ou 4 folhas, escrito em letras miúdas, que podem chegar a totalizar 1.900 palavras, muitas vezes nem consegue entender esse valor.

Você pode decidir nem se tornar um tradutor profissional na sua carreira, mas desde já tem o compromisso de desconstruir, dentro dos círculos sociais de que participa, alguns daqueles mitos infundados que debatemos há pouco, especialmente a segunda e a quinta crença.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você aprendeu que:

- Há pelo menos cinco crenças infundadas que distorcem o trabalho do tradutor. São elas: a tradução é uma arte reservada a poucos que podem exercê-la graças a um dom especial; a tradução é uma atividade prática que requer apenas conhecimento da língua e um bom dicionário; o tradutor deve ser falante bilíngue ou ter morado em um país onde se fala a língua estrangeira com a qual trabalha; só se pode traduzir da língua estrangeira para a língua materna, uma vez que só dominamos esta última; o tradutor é um traidor e toda tradução envolve certo grau de traição.
- Com relação à primeira crença, está implícita aqui a ideia de que se nasce tradutor ou que só se pode chegar a sê-lo quando se possui o dom. No entanto, as pesquisas mostram que tradutores competentes e reconhecidos possuem uma carreira que envolve experiência e qualificação.
- A segunda crença está ligada à subvalorização do tradutor pelo mercado e, para entender a subvalorização, podemos recorrer à divisão da competência tradutória: habilidades inferiores (conhecimento da gramática e léxico de uma língua) e habilidades superiores (conhecimentos metatextuais e pragmáticos). Muitas vezes, quem subvaloriza o trabalho de traduzir pressupõe que basta ter as habilidades inferiores, sem dimensionar a importância das ditas habilidades superiores.
- Com relação à terceira crença, concordamos que o bilinguismo e a vivência intercultural são fatores decisivos para uma boa tradução. No entanto, apenas esses dois fatores não são suficientes, se não estiverem acompanhados de uma formação que permita ao tradutor um bom desempenho.
- Quanto à quarta crença, chegamos à conclusão de que a operação da versão (passar da língua materna para a língua estrangeira) é sim admissível, desde que o tradutor tenha o domínio da língua estrangeira, conhecimento cultural e técnico e as habilidades apropriadas para o exercício da recriação de um texto.
- Por fim, quanto ao dito “traduzir é trair”, notamos que a consolidação dos Estudos da Tradução como campo científico mostrou a complexidade do processo tradutório, que envolve aspectos da produção e recepção de textos, desfazendo o mito da traição. Assim, podem ser realizadas diferentes traduções de um mesmo original de acordo com os objetivos pretendidos, o público-alvo, a função que se busca atribuir ao texto traduzido e outros fatores mercadológicos ou não que participam das decisões a serem tomadas na recriação de um texto em uma nova língua e cultura.



- 1 Analise o texto em inglês, imaginando que você foi contratado para traduzi-lo:



FONTE: Pagano (2000, p. 23)

Agora responda:

- a) Qual é o contexto do texto? A que gênero ele parece pertencer? Que características poderíamos dizer que são típicas do gênero?
- b) Considerando que *bar*, em inglês, pode tanto significar um guidão de bicicleta (a barra de direção) quanto o balcão de um bar, como você traduziria a chamada principal do anúncio?
- c) Como você traduziria o jogo presente em “*Happy hour is happier*” em “*Happy hour is happier when the recreation you choose is good for both body and mind.*”?

UNIDADES DE TRADUÇÃO

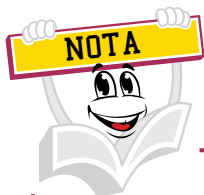
1 INTRODUÇÃO

Lembra-se de que, no tópico anterior, debatemos o famoso ditado italiano “tradutor, traidor”? Muito bem! Naquele momento, desconstruímos a crença falaciosa por trás do ditado, argumentando no sentido de que não há traição se o acordo tácito entre tradutor e leitor/interlocutor está bem estabelecido, ou seja, se os objetivos da tradução estão bem postos e, as estratégias do tradutor, suficientemente claras.

Neste tópico, porém, veremos que é legítimo falar em fidelidade quando o tradutor procura manter ao máximo as chamadas unidades mínimas de tradução, ao passo que costumamos falar em liberdade quando o tradutor se afasta das unidades mínimas e se concentra em unidades cada vez maiores de tradução. Você deve estar se perguntando: “mas o que são as tais unidades?” Fique tranquilo, é o assunto deste tópico.

2 FIDELIDADE VS. LIBERDADE

Se você já experimentou traduzir algum texto, certamente já refletiu sobre o que traduzir: palavra por palavra? Sentido por sentido? Função por função? Um pouco de cada coisa? Palavras, locuções ou frases? Morfemas, sintagmas ou o texto todo como um bloco de sentido? Nunca é uma decisão fácil, e ela varia tanto em relação às diferenças entre as línguas envolvidas na tradução quanto em relação aos objetivos e preferências do tradutor.



O prefixo grego *-ma* significa “unidade”. Portanto, um morfema seria a mínima unidade formal com sentido e, um sintagma, uma unidade sintática ou funcional. Por exemplo: em *falávamos* temos três morfemas *fal(a)-va-mos* significando respectivamente “a ação de falar”, “tempo passado imperfeito” e “primeira pessoa do plural”. Em uma tradução para outra língua que tivesse uma morfossintaxe diferente da portuguesa, as três unidades de sentido talvez tivessem que ser rearranjadas de outra maneira, não raramente em mais de uma palavra.

Alves (2000) aborda a questão, referindo-se à antiga dicotomia entre fidelidade e liberdade. O autor faz menção, por exemplo, a uma famosa declaração de Cícero, que, ao comentar o modo como ele traduziu alguns discursos de Demóstenes e Ésquines do grego para o latim, afirma: *nec converti ut interpres, sed ut orator* (nem traduzi como intérprete, mas como orador). Em outros termos, Cícero afirmava não estar comprometido com a literalidade do texto grego, mas estar comprometido com seu efeito de sentido. Logo se afastou do texto grego tanto quanto necessário.

Alves (2000, p. 30), tomando como unidade de tradução todo o adágio ciceroniano e enfocando a oposição intérprete vs. orador, traduziu por “Tão fiel quanto possível, tão livre quanto necessário”. Sua formulação expressa a eterna dificuldade que os tradutores enfrentam para definir as partes do original para as quais buscarão correspondentes na língua de chegada.

O dilema clássico atravessa milênios e é revisitado modernamente por diferentes teóricos da tradução. Vinay e Darbelnet (1957, p. 37), ao buscarem definir o conceito de unidade de tradução, propõem o seguinte: “uma unidade de tradução é o menor segmento de um enunciado cuja coesão de sinais seja tal que esses nem possam ser traduzidos separadamente”. Haas (1968, p. 338), em uma aparente paráfrase de Cícero, propõe que a unidade tradutória seja “tão pequena quanto possível e tão longa quanto necessária”.

Mais tarde, já nos anos 1980, Reiß e Vermeer (1984), influenciados tanto pelo funcionalismo quanto pela análise do discurso, propõem que a única unidade de tradução possível é o texto. Assim, nem há como considerar a tradução isolada de palavras, sintagmas, frases, períodos ou mesmo um mero amontoado de períodos, mas considerar a função integral do texto como objeto de discurso.

Na interpretação de Alves (2000, p. 31), a abordagem “defende que o tradutor abandone a literalidade lexical e sintática em prol de uma contextualização mais adequada da tradução na língua e cultura de chegada”.

Em resposta a Reiß e Vermeer, e a outras propostas similares, Newmark (1988 *apud* ALVES, 2000), ainda na década de 1980, adverte que posições radicais como essas nem atendem às necessidades práticas de um tradutor e sugere que se busque um equilíbrio entre um polo e outro.

No início deste tópico, antecipamos a você que seria lícito falar em **fidelidade** quando o tradutor procurasse manter ao máximo as chamadas unidades mínimas de tradução, ao passo que poderíamos falar em **liberdade** quando o tradutor se afastasse das unidades mínimas e se concentrasse em unidades cada vez maiores de tradução. Em outros termos, é exatamente o que propõe Newmark (1988, p. 31):

[...] quanto mais livre a tradução maior será a UT [unidade de tradução] e quanto mais fiel a tradução menor será a UT. Poderíamos dizer que a tradução livre favorece a oração enquanto que a tradução literal defende a hegemonia da palavra.

Embora Newmark (1988) advogue em favor do equilíbrio no dimensionamento das unidades de tradução, o autor acredita que a maior ocorrência das unidades resida no nível da palavra. A hipótese, porém, nem é confirmada pelas pesquisas empíricas de Gerloff (1987). Mesmo admitindo ser impossível estipular um único nível, constata que os tradutores tendem a situar suas unidades nos níveis da frase e da oração.



Em resumo, podemos concluir que as unidades de tradução correspondem aos vários objetos de análise discrimináveis em uma língua: o morfema, a palavra, o sintagma, a sentença, o período, o texto etc. Complementariamente, devemos admitir que o tradutor situará as suas unidades de tradução em um ou outro nível de acordo com uma série de fatores, entre os quais podemos incluir: as diferenças entre as línguas envolvidas, as particularidades de cada texto (gênero, contexto etc.), os objetivos de cada tradução e as preferências subjetivas de cada tradutor, incluindo aí seu background sociolinguístico e seus processos pessoais de letramento.

3 EXPERIMENTANDO A SELEÇÃO DE UNIDADES

Até aqui só falamos de unidades de tradução de maneira teórica, mas vamos ver agora com exemplos concretos como se dá a seleção de unidades tradutórias.

Para começar, vamos relembrar um exemplo que já exploramos no tópico anterior. Lembra daquela certidão de casamento? Ela terminava com o enunciado “*In witness whereof, I have hereunto set my hand and seal at Miami, Dade County, Florida, the day and year above written.*”.

Em um primeiro momento, apresentamos a tradução: “Em testemunho do que, em seguida, pus minha mão e selo em Miami, Dade County, Flórida, o dia e ano acima escritos.”. A tradução assumia as seguintes unidades:

QUADRO 1 – ANÁLISE DE UNIDADES DE TRADUÇÃO I

<i>In</i>	<i>witness</i>	<i>whereof,</i>	<i>hereunto</i>	<i>I have</i> <i>set</i>	<i>my</i>	<i>hand</i>	<i>and</i>	<i>seal</i>	<i>at</i>	<i>Miami,</i>	<i>Dade</i> <i>County,</i>	<i>Florida,</i>	<i>the</i> <i>day</i>	<i>and</i>	<i>year</i>	<i>above</i>	<i>written.</i>
Na	testemunha	do que,	em seguida	pus	minha	mão	e	selo	em	Miami,	Dade County,	Flórida,	o dia	e	ano	acima	escritos.

FONTE: O autor

Com exceção da locução verbal *I have set* (“pus”), traduzida em um nível sintagmático, todas as demais unidades de tradução ficaram no nível da palavra. Em seguida, porém, defendemos que a tradução era inaceitável por desrespeitar as regras do gênero textual em questão. Assim, propusemos a seguinte solução:

QUADRO 2 – ANÁLISE DE UNIDADES DE TRADUÇÃO II

<i>In witness whereof, I have hereunto set my hand and seal</i>	<i>at</i> <i>Miami,</i>	<i>Dade</i> <i>County,</i>	<i>Florida,</i>	<i>the day and year</i> <i>above written.</i>
O referido é verdade e dou fé.	Miami,	Dade County,	Flórida,	30 de janeiro de 1980.

FONTE: O autor

Perceba que, na segunda solução, temos unidades muito menos discretas. Poderíamos até conceder uma análise um pouco mais discriminada:

QUADRO 3 – ANÁLISE DE UNIDADES DE TRADUÇÃO III

<i>In witness whereof,</i>	<i>I have hereunto set my</i> <i>hand and seal</i>	<i>at Miami,</i>	<i>Dade</i> <i>County,</i>	<i>Florida,</i>	<i>the day and year above written.</i>
O referido é verdade	e dou fé.	Miami,	Dade County,	Flórida,	30 de janeiro de 1980.

FONTE: O autor

No entanto, ainda preferimos a descrição do Quadro 2, por considerar que “*In witness whereof, I have hereunto set my hand and seal*” é uma expressão formulaica com uma função específica. Em português brasileiro corresponde à formula “O referido é verdade e dou fé”, igualmente fixa e indiscriminável. Analise agora o seguinte anúncio de jornal:

QUADRO 4 – JORNAL

TRAVELERS ADVISORY

Compiled by Jeffery C. Rubin

SOUTH AMERICA RIO DE JANEIRO

Visitors who want to see how many of Brazil's citizens live can now add the Morro da Providência favela to their tourism itinerary. The oldest and most colorful of the slums that rise above the Cidade Maravilhosa, Providência is being featured in a new four-hour city tour offered by BTR Turismo. Six local teenagers will act as guides, showing off such sights as the Nossa Senhora da Pena Chapel, which dates from the turn of the century, as well as the stunning view of Rio from the hilltop. Police patrols ensure visitor's safety.

Cost: \$22.

Time, March 2, 1992.

FONTE: Time (1992, p. 34)

Reflita agora sobre como você traduziria o anúncio para o português, considerando a discriminação do texto inglês em unidades de tradução. Considere os vários níveis que mencionamos. Que partes você traduziria palavra por palavra? Que partes você ampliaria para o nível sintagmático? Há alguma parte cuja tradução você recorreria a estratégias mais avançadas? Pense a respeito e esboce em um bloco de anotações as suas ideias. Agora, responda sim (S) ou não (N) às questões a seguir formuladas por Alves (2000, p. 33):

- () Você percebeu que há uma oração relativa embutida na oração principal do primeiro período?
- () Havia compreendido “how” e “many” de forma adequada na oração relativa?
- () Atentou para o uso de superlativos na segunda sentença?
- () Percebeu as diferenças de construção entre os superlativos?
- () Ficou claro para você que a segunda sentença se apresenta na voz passiva?
- () Questionou a possibilidade de modificar a voz na tradução da segunda sentença?
- () Chegou a ficar curioso (a) em descobrir o que significa BTR na expressão “by BTR Turismo”?

- () Notou que “show off” quer dizer mais que “show”?
- () Havia descoberto que Penha estava escrito de forma incorreta?
- () Questionou se valeria a pena transformar o preço de dólares para reais no final do texto?

A primeira questão aponta para a sentença relativa “*who want to see how many of Brazil’s citizens live*”, que se liga a “*visitors*”. A segunda pergunta alerta para o fato de que “*how many*” geralmente funciona como uma única unidade tradutória (o pronome “quanto”), mas também podem ser unidades distintas, como “*many*”, que é o núcleo da sentença introduzida por “*how*”, a qual cumpre a função de objeto de “*see*”. A terceira questão aponta para “*oldest*” e “*most colorful*” (um superlativo sintético e outro analítico e que, necessariamente, teriam que ser traduzidos por superlativos analíticos em português).

Agora, atentos às insinuações feitas por Alves (2000) com suas perguntas, vejamos como poderia ser a tradução do texto central do anúncio:

Os visitantes interessados em saber como vivem muitos dos cidadãos brasileiros podem agora acrescentar a favela do Morro da Providência ao seu itinerário turístico. Sendo a mais antiga e colorida das favelas que se elevam acima da Cidade Maravilhosa, a Providência pode ser conhecida em um novo city tour de quatro horas oferecido pela BTR Turismo, especializada no serviço de Bus Transfer (BTR). Seis adolescentes locais irão atuar como guias, apresentando lugares como a Capela de Nossa Senhora da Penha, que data da virada do século, bem como a vista deslumbrante do Rio a partir do topo da colina. Patrulhas policiais garantem a segurança do visitante.

Agora, considere as seguintes expressões idiomáticas inglesas:

- a) *A bird in the hand is worth two in the bush.*
- b) *One swallow doesn’t make a summer.*
- c) *Don’t cry over spilt milk.*
- d) *Birds of a feather flock together.*
- e) *Make hay while the sun shines.*

Se você se dispusesse a traduzir tais provérbios para o português, provavelmente definiria unidades mais discretas para os três primeiros provérbios, ao passo que a situação seria diferente para os dois últimos, certo? Vejamos o primeiro:

<i>A Bird</i>		<i>in the hand</i>		<i>is worth</i>		<i>two</i>		<i>in the bush.</i>
Um pássaro		na mão		vale mais do que		dois		voando.

Na maioria dos casos, mantivemos a dimensão lexical, com pequenos ajustes sintáticos, exceto pelo final. Tivemos que considerar a dimensão retórica ou funcional do constituinte. “*In the bush*” (no arbusto) nem poderia ser traduzido

no plano lexical, caso contrário perderia sua função. Em português “no arbusto” nem funcionaria para representar a “situação insegura ou arriscada” (voando), que se opõe à segurança (“o pássaro na mão”).

A função do provérbio é a de afirmar a seguinte mensagem moralizante: “uma situação controlada é melhor que uma situação descontrolada”. Felizmente, os provérbios inglês e português coincidem quase que integralmente. O mesmo acontece com as expressões B e C:

Provérbio B

<i>One swallow</i>		<i>doesn't make</i>		<i>a summer.</i>
Uma andorinha só		não faz		verão.

Provérbio C

<i>Don't cry</i>		<i>over</i>		<i>spilt milk.</i>
Não adianta chorar		sobre		o leite derramado.

No entanto, os provérbios D e E, se traduzidos em unidades mínimas, próximas ao nível lexical, fariam sentido em português? Vejamos:

Provérbio D

<i>Birds</i>		<i>of</i>		<i>a feather</i>		<i>flock</i>		<i>together.</i>
Pássaros		de		uma pena só		andam em bando		juntos.

Provérbio E

<i>Make</i>		<i>hay</i>		<i>while</i>		<i>the sun</i>		<i>shines.</i>
Faça		o feno		enquanto		o sol		brilha.

Provavelmente não, certo? Significa que, nos casos, provavelmente teríamos que considerar o provérbio todo como uma única unidade de tradução, correspondente à mensagem moralizante, e encontrar um correspondente na nossa língua. No primeiro caso, poderíamos optar por soluções como “farinha do mesmo saco”, ou “diz-me com quem andas e te direi quem és”.

No segundo caso, poderíamos considerar alternativas como “aproveite enquanto há tempo”, “aproveite ao máximo”, ou mesmo a já difundida fórmula horaciana “carpe diem”. A discussão dos exemplos corrobora a seguinte reflexão de Alves (2000, p. 36):

[...] a delimitação de UTs [unidades de tradução] depende bastante do tipo de texto a ser traduzido. Existem textos mais flexíveis que permitem uma maior amplitude às UTs; existem também outros tipos de texto mais rígidos que limitam e restringem as UTs. Por isso, a sua atenção consciente é fundamental [...]. A delimitação das UTs é o ponto de partida para uma boa tradução. Cabe a você desenvolver cuidadosamente a habilidade para poder traduzir de forma mais eficaz e adequada.

Reiterando o que afirmamos antes, no final da seção anterior, e endossando a reflexão de Alves (2000), podemos concluir que o tradutor definirá suas unidades de acordo com uma série de fatores, que incluem as diferenças estruturais entre as línguas envolvidas, as particularidades de cada texto, os objetivos de cada tradução e as subjetividades do tradutor, incluindo suas marcas dialetais e seu letramento.



RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você aprendeu que:

- As unidades de tradução correspondem aos vários objetos de análise discrimináveis em uma língua: o morfema, a palavra, o sintagma, a sentença, o período, o texto etc.
- O tradutor situará as suas unidades de tradução em um ou outro nível de acordo com uma série de fatores, entre os quais podemos incluir: as diferenças entre as línguas envolvidas, as particularidades de cada texto (gênero, contexto etc.), os objetivos de cada tradução e as preferências subjetivas de cada tradutor, incluindo aí seu background sociolinguístico e seus processos pessoais de letramento.



Analise a seguinte notícia (Adaptado de Alves, 2000, p. 38):

BRAZIL
Carnal Carnaval

A shapely dominatrix has ignited the fantasies of Brazilian merchants. Suzana Alves, known as Tiazinha or "Little Aunt", appears on a wildly popular TV variety show where she uses wax to strip body hair from men who answer trivia questions incorrectly. Last month she made a splash parading in Rio de Janeiro's Carnaval. Now marketers have launched a closetful of Tiazinha consumer goods, like nylons, underwear, lollipops and, of course, depilatory wax. Brazilian Playboy will unmask her in a forthcoming centerfold. The planned press run: a record 1 million copies.

Newsweek, March 8, 1999.

- 1 Desenvolva o seu trabalho de tradução observando as seguintes etapas:
 - a) Divida o texto em possíveis Uts.
 - b) Faça uma análise detalhada de cada uma delas.
 - c) Reflita novamente sobre as UTs escolhidas.
 - d) Modifique-as se não estiver satisfeito.
 - e) Elabore uma primeira versão de tradução para o texto anterior.
- 2 Tendo em mãos a sua primeira versão de tradução, responda às perguntas a seguir:
 - a) Você se sente satisfeito com a sua tradução?
 - b) Gostaria de modificar eventualmente alguma ou várias das UTs trabalhadas?
 - c) Acredita que poderia melhorar sua tradução?
 - d) Como poderia fazer?
- 3 Com base em suas respostas, redija, a seguir, uma outra versão aperfeiçoada de sua tradução.
- 4 Organize, em ordem sequencial, o seu trabalho de tradução, preparando um pequeno portfólio. Inclua nele o texto de partida, sua primeira divisão do texto em UTs, suas reflexões, possíveis modificações na divisão de UTs, sua primeira versão da tradução, suas respostas às perguntas formuladas pelo exercício e sua outra versão aperfeiçoada da tradução. Se possível, procure um outro leitor para discutir seu trabalho com ele.
- 5 Desenvolva uma crítica do seu próprio trabalho de tradução. Se possível, compare seu portfólio com o portfólio dos seus colegas, avalie seu desempenho e redija uma crítica do texto que você apresentou como versão definitiva.

DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO

1 INTRODUÇÃO

No tópico anterior, tratamos da dicotomia fidelidade versus liberdade. Complementarmente, vimos que os dois polos da dicotomia estão ligados respectivamente a duas posturas: por um lado, a de manter ao máximo unidades mínimas de tradução, que estejam próximas ao nível lexical e, por outro, a de preferir unidades maiores, ligadas em nível discursivo-textual.

A dicotomia também é conhecida nos estudos da tradução como um antagonismo entre o foco no texto de partida, que corresponde a uma tradução estrangeirizadora, e o foco no texto de chegada, que corresponde a uma tradução domesticadora. A oposição irá guiar nossas atividades até o fim deste material, logo é importante que entendamos como ela surgiu e o que significa se aproximar de um ou outro lado.

Vamos conversar um pouco mais sobre o passado e entender como a história das traduções religiosas esteve ligada ao fenômeno da estrangeirização, e como a história das traduções literárias, por seu turno, esteve ligada ao fenômeno da domesticação. Vamos lá!

2 A TRADUÇÃO RELIGIOSA E O FOCO NO TEXTO DE PARTIDA

Como avaliam Guerini e Costa (2006, p. 12):

Se a ênfase de Cícero e Horácio era no texto de chegada para o enriquecimento da língua e da literatura latina, com a tradução da Bíblia, por exemplo, temos uma mudança de foco e a preocupação era com o texto de partida, pois o objetivo era o de “espalhar a palavra de Deus” e estar o mais próximo possível da palavra divina.

Procurando semear suas doutrinas sem perverter os sentidos originais, as religiões sempre tiveram a tradução como atividade essencial para a sua

disseminação entre os povos. As principais religiões do mundo, entre elas o cristianismo, o islamismo, o hinduísmo e a religião tradicional chinesa, em certa medida, podem creditar o seu sucesso às contínuas traduções de seus textos doutrinários.

A saga da história tradutória da Bíblia, por exemplo, começa no século III a.C., quando o antigo testamento foi vertido do hebraico para o grego, em um projeto coletivo que envolveu mais de 70 tradutores de 12 tribos judaicas. A edição ficou conhecida como Septuaginta (ou versão dos setenta).

Mais tarde, a Septuaginta seria transvertida para o copta (língua dos cristãos egípcios), o etíope e o gótico. Todas as traduções foram marcadas por uma preocupação explícita de manter a essência do texto original judaico a despeito das demais línguas destinadas e suas respectivas culturas (uma evidente falta de equilíbrio na negociação). No entanto, na translação ao latim, a postura começa a mudar.

Em latim, a Bíblia passou por pelo menos duas traduções. A primeira delas foi feita de forma fragmentária e coletiva, e reflete variedades do latim vernacular. Trata-se da *Vetus Latina*, também conhecida como a Bíblia dos Pais da Igreja, versão que se associa à doutrina patrística. A segunda delas, a mais famosa de todas, é atribuída ao São Jerônimo e ficou conhecida como *Vulgata*, acabada por volta de 1400 d.C.

A *Vulgata* viria a ser, a partir de então, o texto basilar para todas as demais traduções que se fariam posteriormente. E nem foram poucas: “se em 1450 existiam já 33 diferentes traduções, e em 1800 o número tinha saltado para 71, no final do século XX, havia edições integrais em mais de 250 línguas e edições parciais em cerca de 1300 outras línguas” (GUERINI; COSTA, 2006, p. 13).

A disputa sobre a melhor forma de traduzir a palavra sagrada naturalmente avivou a controvérsia entre tradução literal e tradução livre. Enquanto que se defendia que a Bíblia deveria ficar sempre próxima das raízes hebraicas (porque seriam contíguas à palavra de Deus), São Jerônimo afirmou ter preferido o sentido à palavra. Significou uma guinada em direção a uma maior atenção ao texto de chegada, algo que vinha sendo preterido na história das traduções do cristianismo.

Ao lado da *Vulgata*, a versão de Lutero, publicada em 1534, é outra tradução bíblica que abalou os paradigmas medievais e merece uma consideração especial. Entretanto, nem ignoramos que, não apenas o texto de Lutero, mas toda tradução da Bíblia para outras línguas teve um valor político e cultural singular, especialmente no Ocidente:

O Ocidente dedicou muita atenção às traduções, pois o seu texto central, a Bíblia, foi escrito em uma língua que nem podia ser compreendida prontamente e, por isso, [os estados teocráticos] foram obrigados a confiar nos tradutores para legitimar seu poder (LEFEVERE, 2003, p. 3).

Seriam dignas de atenção, por exemplo, a tradução para francês, publicada em 1528 por Jacques Lefevre d'Étaples (ou Faber Stapulensis); a tradução para o espanhol, publicada na Basileia em 1569 por Casiodoro de Reina (Bíblia del Oso); a tradução para o tcheco, publicada em Kralice entre 1579-1593; a tradução para o inglês, conhecida como Bíblia do Rei James, publicada em 1611; e a tradução para o holandês, conhecida como The States Bible, publicada em 1637.

Todas as traduções, guardadas com as devidas proporções, causaram muito impacto cultural e linguístico em seus países. Entretanto, a tradução de Lutero para o alemão merece algum destaque particular, principalmente pelas declarações e explicações que ele deixou a respeito das suas escolhas.

Em uma das anotações feitas por seus alunos e colaboradores durante encontros informais (as chamadas “Conversas à mesa”), Martinho Lutero (1532 *apud* FURLAN, 2004, p. 13) afirma que “a verdadeira tradução é a adaptação do que foi dito em uma língua estrangeira à própria língua”.

Ocorre que a “própria língua” de Lutero nem estava bem consolidada quando ele se propôs a traduzir a Bíblia. Naquela época, o que hoje conhecemos como alto-alemão, era um conjunto de dialetos distintos, nem sempre compreensíveis entre si.

Ciente da importância política e religiosa de unificar a língua, Lutero se comprometeu a compor um alemão *standart* a partir daqueles dialetos existentes, a fim de que o povo pudesse se identificar com aquela língua e, por tabela, com aquela Bíblia. Assim, na sua “Carta Aberta sobre a Tradução”, publicada em 1530, ao criticar traduções anteriores, decalcadas do latim, Lutero afirma:

Assim, quando Cristo fala: *Ex abundantia cordis os loquitur*. Se eu fosse seguir esses asnos, eles me apresentariam a letra e traduziriam assim: *Aus dem Überfuss des Herzens redet der Mund* [Da abundância do coração fala a boca]. Diga-me: isso é falar alemão? Que alemão entenderia uma coisa dessas? Que coisa é abundância do coração? Nenhum alemão poderia dizer isso, a não ser que quisesse dizer que alguém tem um coração demasiado grande ou tem coração demais; embora isto também nem seja correto. Pois, abundância do coração nem é alemão, assim como nem é alemão abundância da casa, abundância da estufa, abundância do banco, porém assim fala a mãe em casa e o homem comum: *We das Herz voll ist, des gehet der Mund über* [A boca fala daquilo de que o coração está cheio]. Isto é falar um bom alemão, pelo que eu me esforcei, e infelizmente nem sempre consegui ou o encontrei. As letras latinas dificultam muito a formulação para se falar em bom alemão (LUTERO, 2006, p. 105).

As declarações e explicações de Lutero sobre as suas opções tradutórias são repletas de comentários do tipo, marcados por um humor ácido. Interessa ressaltar que, do projeto de tradução de Lutero, sobressai uma evidente insinuação: de modo semelhante ao Jerônimo, Lutero indica uma mudança de foco, que se desloca do texto de partida para o texto de chegada. A alternância de

foco, promovida pelos dois tradutores, auxiliou as concepções sobre tradução no Ocidente e gerou efeitos principalmente no âmbito da tradução literária, como veremos a seguir.

3 A TRADUÇÃO LITERÁRIA E O FOCO NO TEXTO DE CHEGADA

Até o século XIX, a literatura monopolizou um espaço na sociedade que acumulava as funções de árbitro de costumes, veículo do conhecimento e meio de entretenimento. Assim, a tradução literária foi até então um tópico de amplo debate teórico e consequentemente um campo de muita experimentação. Todo o movimento de inflexão, crítica, experimentação e reflexão sobre a tradução, iniciado no embalo das revoluções modernas, deixou um vasto legado, o qual pretendemos explorar aqui.

Entre os tradutólogos mais relevantes do período, podemos destacar Etienne Dolet, John Dryden e Friedrich Schleiermacher. Todos teorizaram a tradução interlingual, mostrando problemas em seus dois polos: o foco no texto de partida e no texto de chegada. Vejamos algumas de suas proposições.

Em seu clássico ensaio “A maneira de bem traduzir de uma língua para outra” (1540), Dolet menciona os seguintes princípios:

- o tradutor deve entender perfeitamente o sentido e a matéria do autor a ser traduzido;
- o tradutor deve conhecer perfeitamente a língua do autor que ele traduz; e que ele seja igualmente excelente na língua na qual se propõe traduzir;
- o tradutor nem deve traduzir palavra por palavra;
- o tradutor deve usar palavras de uso corrente;
- o tradutor deve observar a harmonia do discurso (DOLET, 2004, p. 15-19 *apud* GUERINI; COSTA, 2006, p. 14).

Bassnett (2003, p. 98) entende que, embora os princípios de Dolet acentuem a importância da compreensão do texto de partida, sobressai a preocupação com “a percepção do lugar que a tradução pretende ocupar no sistema da língua de chegada”.

Cabe observar que ele é, de certo modo, pioneiro por prenunciar certos entendimentos acerca da tradução que seus sucessores viriam a reforçar séculos mais tarde, sob influência das ideias renascentistas.

Um dos sucessores é o inglês John Dryden, que traduziu o poeta latino Ovídio e, no ensaio de introdução à publicação da sua tradução, teorizou sobre a tradução e diferenciou três tipos: a metáfrase (palavra por palavra), a imitação (recriação) e a paráfrase (tradução do sentido), defendendo abertamente o último método.

Para Dryden (1680 *apud* GUERINI; COSTA, 2006), a tradução do sentido (paráfrase), que enfatiza o texto de chegada, é o método mais sensato por permitir extrair do original minúcias do estilo e da forma, e reelaborá-las na tradução.

Outro sucessor de Dolet no debate sobre a tradução é o alemão Friedrich Schleiermacher que, em seu clássico “Sobre os diferentes métodos de tradução”, de 1813, propõe uma tipologia enxuta, reduzindo a questão da tradução para duas possibilidades: ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele ou o tradutor deixa o leitor em paz e leva o autor até ele.

Ainda que a visão de Schleiermacher possa parecer simplista em primeira vista, sua classificação foi uma das mais prósperas no debate, tendo sido retomada mais tarde, no século XX, por teóricos como Walter Benjamin e Lawrence Venuti. Este último reformulou a divisão schleiermacheriana na dicotomia **tradução estrangeirizadora versus tradução domesticadora** (VENUTI, 1992). Ainda, outro tradutólogo contemporâneo que também se vale da dicotomia é Rónai (1976), em termos de “tradução naturalizadora” e “tradução identificadora”.

Assim, temos a seguinte diversidade terminológica para se referir à posição de uma tradução em relação aos textos de partida e de chegada:

QUADRO 4 – TERMINOLOGIAS TRADUTÓRIAS

Teórico	Foco no texto de partida	Foco no texto de chegada
Schleiermacher	Trad. que leva o leitor ao autor	Trad. que leva o autor ao leitor
Venuti	Tradução estrangeirizadora	Tradução domesticadora
Rónai	Tradução identificadora	Tradução naturalizadora

FONTE: O autor

Como você pode perceber, ao longo da história, a maior parte das abordagens sobre a tradução acabou, de uma forma ou de outra, tangenciando a questão do foco sobre o texto-fonte ou o texto-alvo.

Se o escopo do trabalho não fosse reduzido, poderíamos ainda aprofundar aqui outras tipologias, como a “criação paralela” de Haroldo de Campos, ou a “tradução totalizadora” de August Willemsen. Acreditamos, porém, que a dicotomia em questão é uma maneira útil e simplificada de compreender os problemas que incidem sobre a tradução.

Este tópico encerra o percurso que fizemos nesta primeira unidade. Em síntese, passamos por quatro etapas básicas: entender o que é tradução em sentido amplo, aproximar-se das teorias e técnicas de tradução a partir de um exame de crenças comuns sobre a atividade tradutória e a figura do tradutor; explorar a funcionalidade do conceito de unidades tradutórias para a tradução de língua inglesa e, por fim, entender como surgiu, historicamente, a dicotomia estrangeirização vs. domesticação, dicotomia esta absolutamente central para a organização das técnicas de tradução que veremos nas próximas unidades.

LEITURA COMPLEMENTAR**AS TEORIAS DA TRADUÇÃO SEGUNDO STEINER, BORGES E LEOPARDI**

Andrea Guerini

Walter Costa

Diante da variedade de teorizações, vamos agora ver como o professor, crítico e teórico George Steiner agrupa as teorias da tradução. Para ele, a produção teórica ocidental sobre o assunto pode ser dividida em quatro grandes períodos:

O primeiro se caracteriza como o mais empírico e abarcaria de 46 a.C. a 1804, de Cícero a Hölderlin. Entre as duas datas, figuram São Jerônimo, Leonardo Bruni, Montaigne, Dryden, entre outros.

O segundo período, de teoria e investigação hermenêutica, dá ao problema da tradução um caráter mais filosófico, iniciando-se com os escritos de Tytler e Schleiermacher passando por Schlegel e Humboldt. Já os textos de Goethe, Schopenhauer, Paul Valéry, Pound, Croce, Benjamin e Ortega y Gasset refletem as descrições da atividade do tradutor e das relações entre as línguas. A época comporta uma historiografia da tradução e se estende até Valéry Larbaud (1946).

O terceiro momento é o da corrente moderna. No final da década de 40 aparecem artigos sobre tradução automática. Os pesquisadores russos e tchecos aplicam a teoria linguística e os métodos estatísticos para a tradução.

No quarto momento, por volta da década de 1960, há o redescobrimento de “A tarefa do tradutor”, texto de Walter Benjamin, publicado em 1923, que dará nova vida aos estudos hermenêuticos, quase filosóficos, sobre a tradução e a interpretação. Decai a confiança que inspirava a tradução automática. Na época, o estudo da teoria e da prática da tradução se torna interdisciplinar, com contribuições da psicologia, antropologia, sociologia, etnografia etc.

Assim, a filologia clássica, a literatura comparada, a estatística lexical e etnográfica, a sociolinguística, a retórica formal, a poética e o estudo da gramática confluem no propósito de esclarecer o ato de tradução e os mecanismos da vida entre as línguas (2005, p. 259-262).

Como podemos perceber, muito tem se falado sobre a tradução entre línguas diferentes, além da teoria sobre o assunto:

- tradução literal;
- tradução intermediária, que se dá com a ajuda de um enunciado que procura ser fiel e, no entanto, autônomo;
- imitação, recriação, variação ou interpretação paralela.

Steiner vai observar, por exemplo, que embora a história da tradução seja muito rica, o número de ideias originais e significativas sobre o assunto permanece limitado, porque as reflexões sempre tendem a falar ou da tradução literal, ou da tradução livre.

Entretanto, há autores como Jorge Luís Borges, por exemplo, que vão além desse tipo de classificação e que dão uma nova dimensão à tradução, valorizando-a por contribuir para a discussão estética. Na concepção borgiana, as traduções são vistas não apenas como derivadas de um original necessariamente superior, mas como atualizações do original que podem, eventualmente, ser tão ou mais significativas.

Assim, um conjunto de traduções realizadas para diferentes línguas pertencentes a sistemas literários sofisticados pode representar para seu leitor mais riqueza estética do que para o leitor monolíngue do original. Borges ilustra o aparente paradoxo de as traduções oferecerem mais prazer estético que o original, dizendo que, pelo fato de nem conhecer grego, pôde ler a Odisseia em várias traduções para diferentes línguas.

Para Borges, que era um grande conhecedor de línguas estrangeiras, a sua leitura de um conjunto de Odisseias em inglês, francês, alemão, representando diferentes estilos e épocas, constituiu uma experiência literária mais rica do que sua leitura de Dom Quixote, feita apenas em espanhol. A tradução interlingual também serve como exercício de escrita e como meio de desenvolver e/ou aprimorar o próprio estilo.

Aliás, muitos escritores como, por exemplo, o italiano Giacomo Leopardi (1798-1837), defendem a prática da tradução para o escritor iniciante. É traduzindo que se aprende a compor com estilo. Convém frisar que quando Leopardi fala que é traduzindo que se aprende a escrever, ele se refere à tradução de excelentes autores clássicos gregos e latinos, como Homero, Virgílio e Horácio. Entretanto, no caso de ser escritor e escrever bem, a probabilidade de uma boa tradução é bastante alta, pois a tradução de qualidade é obra do escritor maduro.

Assim, em uma das suas primeiras observações sobre tradução, que é encontrada em uma carta de 29 de dezembro de 1817 endereçada ao amigo e escritor Pietro Giordani, ele diz: [...] dou-me conta de que traduzir, assim por exercício, deve realmente preceder a atividade de compor, sendo útil e necessário para os que querem tornar-se escritores insígnies; mas para tornar-se um grande tradutor convém antes haver composto e ter sido bom escritor: enfim, uma tradução perfeita é obra mais da maturidade que da juventude (1996, p. 730).

Leopardi coloca a prática da tradução como requisito para se tornar um bom escritor porque, para o escritor italiano, a tradução possibilita o mais íntimo e profundo contato com determinados textos literários, com suas formas, mas também com o conteúdo das obras dos escritores que estão sendo traduzidos.

Com as ideias trazidas, Leopardi lança as bases da relevância do traduzir, estabelecendo a relação tradutor-escritor e escritor-tradutor, afirmando que somente um bom escritor pode ser um bom tradutor. Claro que a ideia pode ser contestada e há muitos autores que defenderam uma ou outra posição, embora a balança pareça pender mais para o lado de Leopardi.

FONTE: GUERINI, Andréia; COSTA, Walter. **Introdução aos estudos de tradução**. Florianópolis: CCE/UFSC, 2006. p. 16-18.

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico, você aprendeu que:

- Historicamente, as traduções religiosas tiveram o foco no texto de partida, ou seja, foram predominantemente estrangeirizadoras. Logo ocorreu, em partes, por uma crença de que era preciso respeitar o sentido original, sagrado, sob risco de comprometer a palavra divina.
- A Bíblia traduzida por Lutero representa uma quebra radical na tradição de traduções religiosas por mudar radicalmente o foco para o texto de chegada, respeitando características discursivas, textuais e pragmáticas do vernáculo alemão de sua época, a fim de contagiar os fiéis.
- A tradução de textos literários, que teve um grande protagonismo pelo menos até o século XIX, acirrou o debate sobre os limites da atividade, levando diferentes pensadores para a atividade da reflexão. Entre tais pensadores, destacam-se: Friedrich Schlegel e sua oposição com o levar o autor ao leitor, ou levar o leitor ao autor; Lawrence Venuti e sua crítica às traduções domesticadoras ou estrangeirizadoras; e Paulo Rónai, com sua menção às traduções naturalizadoras ou identificadoras.



- 1 Na oposição entre domesticação e estrangeirização, de que lado se situam historicamente as traduções de textos religiosos? Por quê?
- 2 Como a tradução da Bíblia, feita por Lutero, rompe com a tradição?
- 3 A tradução de textos literários, que teve um grande protagonismo pelo menos até o século XIX, fez com que diferentes pensadores refletissem. Acerca da posição de uma tradução em relação aos textos de partida e de chegada, relacione os seguintes autores às respectivas terminologias:

- I- Friedrich Schleiermacher
- II- Lawrence Venuti
- III- Paulo Rónai

- () Refere-se ao termo “tradução domesticadora” para tratar de traduções com foco no texto de chegada.
- () Refere-se ao termo “tradução identificadora” para tratar de traduções com foco no texto de partida.
- () Refere-se à “tradução que leva o autor ao leitor” para tratar de traduções com foco no texto de chegada.
- () Refere-se ao termo “tradução estrangeirizadora” para tratar de traduções com foco no texto de partida.
- () Refere-se à “tradução que leva o leitor ao autor” para tratar de traduções com foco no texto de partida.
- () Refere-se ao termo “tradução naturalizadora” para tratar de traduções com foco no texto de chegada.

TÉCNICAS ESTRANGEIRIZADORAS DE TRADUÇÃO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você deverá ser capaz de:

- compreender a diferença entre tradução palavra por palavra e manutenção;
- distinguir tradução estrangeirizadora de tradução domesticadora;
- operar técnicas de tradução mantenedora em nível de morfemas ou palavras, e itens lexicais;
- praticar técnicas de tradução mantenedoras de língua inglesa para o português mediante quatro dimensões: lexical, sintática, estilística e cultural.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade de estudos será apresentada em cinco tópicos. Em cada um deles, você encontrará um resumo e autoatividades para auxiliá-lo na compreensão dos conteúdos estudados.

TÓPICO 1 – TRADUÇÃO PALAVRA POR PALAVRA

TÓPICO 2 – MANUTENÇÃO DE ITENS LEXICAIS DO
TEXTO-FONTE (EMPRÉSTIMO)

TÓPICO 3 – MANUTENÇÃO DE ESTRUTURAS SINTÁTICAS
DO TEXTO-FONTE

TÓPICO 4 – MANUTENÇÃO DO ESTILO DO TEXTO-FONTE

TÓPICO 5 – MANUTENÇÃO DE ITENS CULTURAIS DA
CULTURA-FONTE

TRADUÇÃO PALAVRA POR PALAVRA

1 INTRODUÇÃO

No final da primeira unidade, introduzimos a distinção entre tradução estrangeirizadora e tradução domesticadora, que correspondem respectivamente ao tipo de tradução que se mantém próxima ao texto e à língua de partida, e à tradução que se acomoda ao máximo à língua de chegada e suas particularidades. Tal distinção, como vimos, é muito antiga e reflete diferentes momentos da história da tradução ocidental.

Essa nomenclatura (estrangeirizadora vs. domesticadora), amplamente empregada nos modernos estudos da tradução, foi cunhada por Venuti (1992), embora outros autores já tivessem proposto pares terminológicos equivalentes, a exemplo de Schleiermacher (2001), que opôs a “tradução que leva o leitor ao autor” à “tradução que leva o autor ao leitor”; e Rónai (1976), que falou em “tradução identificadora” e “tradução naturalizadora”.

Seguindo a nomenclatura de Venuti (1992), nesta unidade, vamos aprofundar nossos conhecimentos sobre a tradução estrangeirizadora, explorando diferentes procedimentos técnicos de tradução que possibilitam a proximidade da língua inglesa, se esse for o nosso desejo.

No primeiro tópico, vamos distinguir tradução palavra por palavra e manutenção, e nos tópicos seguintes vamos praticar técnicas de tradução mantenedoras de língua inglesa para o português mediante quatro dimensões: lexical, sintática, estilística e cultural.

Acompanhe!

2 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO

Até aqui, falamos muito em questões teóricas e conceituais da tradução, e muito pouco em questões técnicas, exceto em alguns momentos pontuais quando exemplificamos as crenças sobre a tradução e o tradutor, e quando exemplificamos as unidades de tradução. E, por isso, com razão, você deve se perguntar: mas, se este material é sobre *técnicas* de tradução, por que ainda não começamos a tratar das técnicas propriamente? Fique tranquilo, pois vamos passar o resto do livro falando em técnicas. Acreditamos, porém, que antes de pôr mãos à obra, é importante saber com o que estamos lidando, para não tomarmos decisões apressadas, e é por isso que dedicamos a primeira parte a esclarecer algumas questões conceituais. Afinal, como diria o provérbio de Salomão, “quem se apressa erra o caminho”.

A noção de procedimentos técnicos de tradução que adotamos aqui e a maneira como os classificamos remontam aos trabalhos de Barbosa (1990), Lanzetti (2006) e Lanzetti *et al.* (2009).



Segundo Barbosa (1990, p. 17), procedimentos técnicos de tradução podem ser definidos como “ações de cunhos linguístico e técnico praticadas por tradutores para a realização do processo de tradução”.

Em seu trabalho, a autora propõe uma maneira de sistematizar diversas técnicas de tradução abordadas em modelos consagrados. Segundo ela, tais modelos apresentavam algumas redundâncias ou contradições entre si, o que dificultava a visualização de um quadro geral com todas as alternativas procedimentais à disposição do tradutor. Em seus termos, “devido às discrepâncias entre os modelos descritivos de procedimentos técnicos da tradução e à divergência terminológica, é necessário propor-se uma nova caracterização de tais procedimentos” (BARBOSA, 1990, p. 63).

Podemos dizer, então, que Barbosa (1990) “limpou o terreno” e chegou a uma classificação mais enxuta e coerente de procedimentos técnicos. Sua lista incluiu procedimentos como tradução palavra por palavra, tradução literal, transposição, modulação, equivalência, omissão, explicitação, compensação, reconstrução, melhorias, transferência, transferência com explicação, decalque, explicação e adaptação. Essas técnicas, por sua vez, se distribuíam em quatro grandes categorias: convergência do sistema linguístico, do estilo e da realidade extralinguística; divergência do sistema linguístico; divergência do estilo; e divergência da realidade extralinguística.

Lanzetti (2006) e Lanzetti *et al.* (2009) reconhecem os méritos do trabalho de Barbosa (1990) e propõem aperfeiçoá-lo, subdividindo e especificando os procedimentos levantados pela autora, e organizando-os dentro de um leque mais amplo. Tal esforço resultou no seguinte quadro, que elenca mais de 30 procedimentos técnicos:

QUADRO 1 – CLASSIFICAÇÃO DE PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO

Categorias de procedimentos	Estrangeirizadores	Tradução palavra por palavra		
		Manutenção	do léxico	1. sem aclimação (empréstimo direto) 2. com aclimação (aportuguesamento) 3. decalque 4. hibridismo
			da sintaxe	5. manutenção da ordem dos elementos sintáticos
			do estilo	6. manutenção do uso de sinais de pontuação 7. manutenção do registro 8. manutenção do layout 9. manutenção do uso de voz passiva/voz ativa 10. manutenção do uso de coordenação/subordinação 11. manutenção do uso de marcadores do discurso 12. manutenção do uso de referências (endóforas/exóforas) 13. manutenção da adjetivação 14. manutenção da complexidade/fluidez estilística
			da cultura	15. de itens culturais da cultura-fonte
Domesticadores	Domesticação	do sistema linguístico	16. transposição	
			17. modulação	
			18. equivalência	18.1 de expressões idiomáticas, ditados, provérbios etc.
				18.2 funcional
			19. sinonímia	
			20. paráfrase	
		do estilo	21. omissão	
			22. explicitação	
			23. generalização (uso de hiperônimo)	
			24. especificação (uso de hipônimo)	
			25. compensação	25.1 ibidem
				25.2 álibi
			26. reconstrução	26.1 sintática
				26.2 semântica
			27. equivalência estilística (melhoria)	
			28. mudança de registro	
			29. mudança de complexidade/fluidez estilística	
			30. adaptação	
		da realidade extralinguística	31. transferência	
			32. explicação	32.1 intratextual (entre parênteses, entre vírgulas etc.)
				32.2 paratextual (notas do tradutor, prefácio etc.)
			33. ilustração	

FONTE: Adaptado de Lanzetti *et al.* (2009, p. 5-7)

Fique atento a este quadro, pois ele é um grande mapa para todas as técnicas que vamos explorar neste material. Dito isto, expressamos também nossa concordância com a proposta de Lanzetti *et al.* (2009).

3 PALAVRA POR PALAVRA OU MANUTENÇÃO MORFOLÓGICA

Em respeito à proposta de Lanzetti *et al.* (2009), mantivemos no Quadro 1 a distinção entre tradução palavra por palavra e manutenção, como duas grandes classes de procedimentos estrangeirizadores. No entanto, poderíamos sem grandes problemas considerar a tradução palavra por palavra como uma manutenção no nível morfológico (em oposição à manutenção do léxico, da sintaxe e da cultura, como propõem os autores). Na verdade, já fizemos isso antes neste mesmo material, quando exemplificamos a determinação das unidades de tradução em nível da palavra (Quadro 1).

Mantendo a divisão entre tradução palavra por palavra e manutenção, precisamos, portanto, distinguir um do outro.



Conforme Lanzetti *et al.* (2009, p. 7), “a tradução palavra por palavra pressupõe que o texto de chegada terá o mesmo número de palavras do texto original, obrigatoriamente na mesma ordem sintática”.

Os autores usam como exemplo a tradução da seguinte sentença:

Exemplo 1

- *She went to the supermarket yesterday.*
- Ela foi ao supermercado ontem.

Eles advertem que, “embora o número de palavras não seja o mesmo na tradução, por conta da contração, da preposição e do artigo definido, o procedimento empregado foi a tradução palavra por palavra” (LANZETTI *et al.*, 2009, p. 7).

Assim, a tradução palavra por palavra corresponde à definição de unidades mínimas de tradução no nível morfológico, isto é, corresponde a uma manutenção morfológica, no sentido de que a morfologia tem como suas unidades de análise formal a palavra e o morfema. Portanto, sempre que pudermos manter uma correspondência exata no número de palavras e nas funções dos termos, teremos uma tradução palavra por palavra.

Portanto, em última análise, o que diferenciaria “palavra por palavra” de “manutenção”, na terminologia de Lanzetti *et al.* (2009), é basicamente a unidade de análise: se tivermos a manutenção no nível morfológico (palavras e morfemas), falaremos em “palavra por palavra”; se tivermos a manutenção nos níveis do léxico, da sintaxe, do estilo e das representações simbólicas (cultura), falaremos em “manutenção”.

Vejamos outros exemplos de sentenças passíveis de tradução palavra por palavra:

Exemplo 2:

- *Amazon sees in Brazil profits and problems.*
- Amazon vê no Brasil lucros e problemas.

Exemplo 3:

- *President pulls Brazil from accord.*
- Presidente tira Brasil de acordo.

Exemplo 4:

- *Silvia Furmanovich created a collection inspired by her trips into the Amazon.*
- Silvia Furmanovich criou uma coleção inspirada por suas viagens à Amazônia.

Perceba que neste último exemplo (Ex. 4), a preposição *a* (trad. de *into*) e o artigo *a* (trad. de *the*) se contraem em *à*, o que não descaracteriza a tradução palavra por palavra. Além disso, perceba também que nesse procedimento há uma correspondência exata de constituintes frasais e ordem dos constituintes. Se houvesse a manutenção dos constituintes mas alteração da ordem, já não falaríamos em palavra por palavra, mas sim transposição, como veremos na próxima unidade.

RESUMO DO TÓPICO 1

Nesta unidade, você aprendeu que:

- Procedimentos técnicos de tradução são ações de cunho linguístico e técnico praticadas por tradutores para a realização do processo de tradução.
- Os procedimentos técnicos podem ser divididos em dois grandes grupos: estrangeirizadores (manter elementos da língua estrangeira) e domesticadores (acomodar a tradução à língua de chegada).
- Conforme a classificação de Lanzetti *et al.* (2009), os procedimentos estrangeirizadores se dividem em tradução palavra por palavra e manutenção. O que diferencia um do outro é a unidade de análise daquilo que se mantém: se houver manutenção no nível morfológico (palavras e morfemas), diz-se “palavra por palavra”; se houver manutenção nos níveis do léxico, da sintaxe, do estilo e das representações simbólicas (cultura), diz-se “manutenção”.
- Contrações de preposições e artigos ou pronomes não descaracterizam a tradução palavra por palavra. Se houver mudança na ordem dos constituintes, porém, já não poderemos usar essa terminologia.



1 Assinale a sentença que NÃO admite tradução palavra por palavra em português:

- a) () He is going to the school.
- b) () The company seeks improvements in the production.
- c) () The politician pushes the country toward a crisis.
- d) () After a market swoon, investors are seeking safety.

2 Assinale a ÚNICA sentença que admite tradução palavra por palavra em português:

- a) () Russia warns U.S. against Venezuela intervention.
- b) () What is lost when a museum vanishes?
- c) () Cybercrime scheme uncovered in Brazil.
- d) () Brazil shuts down successful corruption.

MANUTENÇÃO DE ITENS LEXICAIS DO TEXTO-FONTE (EMPRÉSTIMO)

1 INTRODUÇÃO

No Tópico 1, já tratamos de manutenção no nível da palavra. Agora, avançando nos procedimentos estrangeirizadores, vamos tratar de manutenção no nível do vocabulário, isto é, no nível lexical.

A manutenção do léxico em uma tradução pode ocorrer de, pelo menos, quatro maneiras: acomodando o vocábulo estrangeiro à morfologia portuguesa, mantendo-o intacto como ele é na língua estrangeira, traduzindo as partes da palavra original para formar uma nova palavra na língua de chegada e, ainda, combinando línguas diferentes nos dois sentidos da tradução.

Ficou com dúvidas sobre as distinções entre esses quatro tipos? Provavelmente, sim. Vamos entendê-los com mais detalhes e exemplos a partir de agora.

2 MANUTENÇÃO SEM ACLIMATAÇÃO (EMPRÉSTIMO DIRETO)

O termo aclimação, também chamado por alguns autores de acomodamento ou transliteração, refere-se ao procedimento de acomodar uma palavra estrangeira à fonologia da língua de chegada e buscar uma grafia que corresponda a esse som aclimatado. Por exemplo, como veremos na próxima seção, a tradução de *whisky* por *uísque* seria um bom exemplo de aclimação.

Por consequência, a manutenção sem aclimação ocorre quando mantemos a palavra estrangeira exatamente como é, sem qualquer ajuste na sua grafia. Assim, no exemplo anterior, a palavra *whisky* não seria aclimatada para *uísque*, mas se manteria tal como na língua de saída.

Quanto maior a presença de uma língua e sua respectiva cultura na outra, mais aceitável se torna a manutenção sem aclimação. Quanto mais nacionalista, protecionista ou conservadora é a postura de um país em relação à sua língua, menos aceitável é esse tipo de procedimento. França e Espanha, por exemplo, são conhecidos por serem resistentes a palavras inglesas. Fazem o chamado decalque, como veremos daqui a pouco, ou aclimatam.

O Brasil, por outro lado, foi e tem sido cada vez mais simpático à cultura de língua inglesa, e assim a manutenção não aclimatada é vista com bons olhos, eventualmente até como marca de prestígio. Por esse motivo, a aclimação é frequentemente vista como algo sem prestígio. Assim como temos visto cada vez menos as pessoas grafarem *uisque*, também é cada vez mais rara a grafia *Nova Iorque* em favor de *New York*, ou no máximo *Nova York*.

Confira outros exemplos de palavras inglesas geralmente mantidas nas traduções portuguesas sem aclimação:

Palavras inglesas da informática mantidas em português sem aclimação:

- | | |
|-------------|-------------|
| • backup; | • on-line; |
| • chip; | • output; |
| • download; | • scanner; |
| • drive; | • site. |
| • e-mail; | • software; |
| • homepage; | • tablet; |
| • input; | • upgrade; |
| • internet; | • upload; |
| • mouse; | • website; |
| • off-line; | • wireless. |

Palavras inglesas nos negócios mantidas em português sem aclimação:

- | | |
|----------------------------|--------------------------|
| • check-in e
check-out; | • marketing; |
| • feedback; | • meeting; |
| • follow-up; | • merchandising; |
| • franchising; | • part-time e full-time. |
| • freelance; | • performance; |
| • holding; | • press release; |
| • know-how; | • ranking; |
| • leasing; | • royalty; |
| • lobby; | • staff ou estafe; |
| • manager; | • timing. |

Palavras inglesas na alimentação mantidas em português sem aclimação:

- | | |
|-----------------|-------------------|
| • bacon; | • ketchup; |
| • brunch; | • light; |
| • catering; | • milk-shake; |
| • cheeseburger; | • pickles; |
| • cupcake; | • sandwich; |
| • delivery; | • self-service; |
| • diet; | • snack-bar; |
| • drink; | • sundae; |
| • fast-food; | • waffle; |
| • grill; | • <i>whisky</i> . |
| • happy hour, | |

Palavras inglesas nos esportes mantidas em português sem aclimação:

- | | |
|---------------|------------------|
| • baseball; | • jogging; |
| • basketball; | • karting; |
| • bike; | • knock-out; |
| • body-board; | • motocross; |
| • box; | • mountain bike; |
| • breakdance; | • skate; |
| • doping; | • surf; |
| • fitness; | • volley-ball; |
| • football; | • windsurf |

Palavras inglesas na moda e vestuário mantidas em português sem aclimação:

- baby-doll;
- black tie;
- blazer;
- cardigan;
- fashion;
- jeans;
- lycra;
- shorts;
- smoking;
- stretch;
- tennis;
- *top model*.

Palavras inglesas nos passatempos e entretenimentos mantidas em português sem aclimação:

- best-seller;
- camping;
- disc jockey;
- hobby;
- jingle;
- medley;
- script;
- show;
- spoiler;
- thriller;
- trailer;
- *videogame*.

Outras manutenções sem aclimação:

- | | |
|----------------|--------------------|
| • aftershave; | • flat; |
| • air bag; | • freezer; |
| • baby-sitter; | • handicap; |
| • band-aid; | • laser; |
| • botox; | • made in. |
| • bullying; | • overdose; |
| • bypass; | • shopping center; |
| • cameraman; | • slogan; |
| • check-up; | • spray; |
| • design; | • stress; |
| • display; | • taxi; |
| • drive-thru; | • walkie-talkie; |
| • flash; | • workshop. |

3 MANUTENÇÃO COM ACLIMATAÇÃO (APORTUGUESAMENTO)

Algumas palavras das listas anteriores já tiveram sua aclimação ao português dicionarizada. São elas:

- bandeide;
- basquetebol;
- becape;
- beisebol;
- blêiser;
- boxe;
- cardigã;
- disque-jóquei;
- drinque;
- escâner;
- esqueite;
- estafe;
- estresse;
- futebol;
- nocaute;
- picles;
- sanduíche;
- surfe;
- táxi;
- tênis;
- uísque;
- voleibol.

Mesmo já tendo sido dicionarizadas, ou até mesmo pretendidas por lei, essas traduções aclimatadas nem sempre são bem aceitas. Aquelas que entraram no uso corrente em um tempo em que a língua inglesa não estava tão disseminada na cultura brasileira ainda resistem. É o caso de nomes como: picles, basquetebol, sanduíche, boxe, futebol, drinque, beisebol, nocaute, voleibol, tênis e táxi. Outras, no entanto, como becape, escâner, estafe, estresse, uísque, esqueite, blêiser, disque-jóquei, surfe, cardigã e bandeide, nem sempre são aceitas e não gozam do mesmo prestígio de suas correspondentes inglesas.

É importante que o tradutor tenha sensibilidade de perceber ou imaginar como o seu público receberia uma tradução que se servisse de um procedimento ou outro (com ou sem aclimação). Por exemplo, se estou traduzindo um texto para um público jovem que pratica esportes radicais, será que cairia bem usar a aclimação *esqueite*? Por outro lado, será que não soaria estranho usar a palavra *volley-ball* sem aclimação, quando sucessivas gerações já se habituaram a *vôlei* ou *voleibol*?

É muito importante que o tradutor faça a si mesmo esse tipo de questionamento quando preferir procedimentos estrangeirizadores em sua tradução, a fim de que consiga atingir seu leitor ou interlocutor de modo eficiente.

4 DECALQUE

Até aqui tratamos de manutenção *ipsis litteris*, ou seja, de empréstimo, apenas diferenciando o fator da aclimação. Agora, entretanto, vamos passar a considerar casos em que se traduz buscando itens lexicais já existentes na língua de chegada. Não se trata, portanto, de empréstimo lexical propriamente dito. Nesses casos, chamados *decalques*, os radicais da tradução e do original não necessariamente guardam semelhança entre si, mas se pretende uma equivalência plena de significado. Poderíamos, aqui, falar em empréstimo da composição ou da colocação.

Manzolillo (2016) diferencia o decalque semântico e o decalque morfológico. No primeiro caso, a criação de uma palavra pode simplesmente consistir em dar um significado novo a um termo já existente. “Por exemplo, em anos recentes, o verbo *realizar* tem sido usado, na linguagem coloquial, no sentido de ‘perceber’ ou ‘dar-se conta de algo’. Tal acepção não é portuguesa, mas provém do inglês *to realize*, e a sua admissibilidade é discutível” (MANZOLILLO, 2016, p. 4). Da mesma forma, é usado o termo ‘salvar’ com referência à memorização digital. Nesse caso também se trata de um calco semântico do inglês *to save*.

No decalque morfológico, uma palavra composta pode ser criada a partir de uma combinação de elementos anteriormente desconhecida na língua de chegada. “É o caso da palavra ‘arranha-céu’ – um calco morfológico do inglês *skyscraper* – criado porque não existia, em português, uma palavra apropriada para indicar esse tipo de edificação” (MANZOLILLO, 2016, p. 3). A seguir, você encontra uma lista com outros decalques provenientes do inglês:

QUADRO 2 - LOCUÇÕES E PALAVRAS PORTUGUESAS CALCADAS NO INGLÊS

Termo original inglês	Decalque
<i>air conditioner</i>	condicionador de ar
<i>automation</i>	automação
<i>cable TV</i>	TV a cabo
<i>electronic mail (ou e-mail)</i>	correio eletrônico
<i>fiberglass</i>	fibra de vidro
<i>free-thinker</i>	livre-pensador
<i>high-fidelity</i>	alta-fidelidade
<i>high society</i>	alta sociedade
<i>high technology</i>	alta tecnologia
<i>hot dog</i>	cachorro-quente
<i>honeymoon</i>	lua de mel
<i>introjection</i>	introjeção
<i>loudspeaker</i>	alto-falante
<i>miniskirt</i>	minissaia
<i>remote control</i>	controle remoto
<i>single</i>	simples
<i>social climber</i>	alpinista social
<i>stagflation</i>	estagflação
<i>skyscraper</i>	arranha-céu
<i>computer</i>	computador
<i>server</i>	servidor
<i>supermarket</i>	supermercado
<i>plant</i>	planta

FONTE: Adaptado de Manzolillo (2016, p. 5)

5 HIBRIDISMO

Em sua tipologia, Lanzetti *et al.* (2009) ainda consideram o empréstimo por hibridismo, em que um neologismo é formado a partir de morfemas lexicais de duas ou mais línguas diferentes.

Os autores citam, como exemplos, iceberg (do ing. *ice*, gelo + alem. *berg*, montanha) e agricultura (do gre. *ager*, campo + lat. *cultura*). A partir deles, depreendemos que o empréstimo por hibridismo se trata de uma manutenção direta ou aclimatada, porém com formação por justaposição ou aglutinação envolvendo palavras de duas línguas diferentes.

RESUMO DO TÓPICO 2

Nesta unidade, você aprendeu que:

- A manutenção é subdividida em quatro subcategorias: manutenção de itens lexicais do texto-fonte, manutenção de estruturas sintáticas do texto-fonte, manutenção do estilo do texto-fonte e manutenção de itens culturais da cultura-fonte.
- A manutenção de itens lexicais do texto-fonte, também conhecida como empréstimo, ocorre quando o tradutor decide manter, no texto de chegada, um item lexical da língua-fonte.
- O empréstimo pode ser feito sem aclimação ortográfica quando, por exemplo, o tradutor decide manter a palavra *feedback* no texto de chegada em português; ou com aclimação, quando palavras estrangeiras adquirem nova forma ortográfica condizente com o sistema fonético-ortográfico da língua de chegada. Ex.: New York > Nova Iorque, whisky > uísque, football > futebol.
- O empréstimo pode ainda ser feito por decalque, em que os morfemas formadores da palavra na língua-fonte são traduzidos para a língua de chegada (ex.: *skyscraper* > arranha-céus, *hi-fi* > alta fidelidade, *science-fiction* > ficção científica), e por hibridismo, em que um neologismo é formado a partir de morfemas lexicais de duas ou mais línguas diferentes (ex.: *iceberg*, do ing. *ice*, gelo + alem. *Berg*, montanha; e *agricultura*, do gre. *ager*, campo + lat. *cultura*).



- 1 Assinale a alternativa que contém um exemplo de manutenção do inglês no português sem aclimação:
 - a) () Jingle.
 - b) () Futebol.
 - c) () Descarregar.
 - d) () Automóvel.

- 2 Assinale a alternativa que contém um exemplo de manutenção do inglês no português com aclimação:
 - a) () Internet.
 - b) () Esqueite.
 - c) () Arranha-céu.
 - d) () Telegrama.

- 3 Assinale a alternativa que contém um exemplo de manutenção do inglês no português por decalque:
 - a) () Fitness.
 - b) () Vôlei.
 - c) () Cachorro-quente.
 - d) () Burocracia.

- 4 Assinale a alternativa que contém um exemplo de hibridismo envolvendo ao menos um radical inglês:
 - a) () Fitness.
 - b) () Basquete.
 - c) () Correio eletrônico.
 - d) () Surfista.

MANUTENÇÃO DE ESTRUTURAS SINTÁTICAS DO TEXTO-FONTE

1 INTRODUÇÃO

Até aqui, nós vimos como operar técnicas de tradução mantenedora (estrangeirizadora) no nível dos morfemas ou palavras, e no nível dos itens lexicais. Agora, vamos começar a falar de manutenção no nível dos constituintes frasais.

Os constituintes frasais podem ser entendidos como as partes que formam (constituem) a estrutura de uma frase. Essa estrutura é constituída de grandes partes, que estão no topo da hierarquia, e de partes menores, que integram aquelas maiores. Por exemplo, na sentença “Sérgio ama literatura”, temos dois grandes constituintes que correspondem ao sujeito e ao predicado:

[Sérgio] [ama literatura]

O constituinte do predicado, porém, é composto de dois itens (verbo e objeto). Podemos dizer, portanto, que esses dois itens são constituintes do sintagma verbal, que, por sua vez, é constituinte da sentença. Poderíamos fazer, portanto, esta representação:

[Sérgio] [[ama] [literatura]]

Se quiséssemos complicar um pouco mais a constituição dessa sentença, poderíamos acrescentar um adjetivo ao objeto: “Sérgio ama literatura inglesa”. Nesse caso, o sintagma nominal do objeto passaria a ser constituído por dois itens: literatura + inglesa. Assim, teríamos mais um nível na hierarquia:

[Sérgio] [[ama] [[literatura] [inglesa]]]

Perceba que as peças vão se encaixando em blocos que respeitam uma hierarquia. Logo, a noção de constituinte está intimamente ligada a esses blocos, que chamamos de sintagmas: a unidade sintática.

2 ORDEM DOS ELEMENTOS SINTÁTICOS

No nível da sentença, os constituintes máximos (sujeito e predicado) geralmente respeitam a mesma ordem em português e inglês. Veja:

	[sujeito]	[predicado]
en.	[Sergio]	[loves literature]
pt.	[Sérgio]	[ama literatura]

Se acrescentássemos um advérbio, a ordem dos constituintes também se manteria a mesma nas duas línguas. Observe:

	[sujeito]	[[verbo]	[objeto]	[advérbio]]	
en.	[Sergio]	[[loves]	[literature]	[since started	reading Shakespeare]]
pt.	[Sérgio]	[[ama]	[literatura]	[desde que começou a ler	Shakespeare]]

No entanto, se acrescentássemos um adjetivo ao objeto do verbo, iríamos nos deparar com um caso em que a ordem dos constituintes em inglês é necessariamente diferente da ordem em português. Por exemplo:

	[sujeito]	[[verbo]	[objeto (sintagma nominal)]	[advérbio]]
en.	[Sergio]	[[loves]	[[english [literature]]	[since started reading S.]]
pt.	[Sérgio]	[[ama]	[[literatura [inglesa]	[desde que começou a ler S.]]

Observe as seguintes frases de Conan Doyle. Na maioria dos casos, poderíamos manter, em português, a mesma ordem dos constituintes da frase inglesa, com poucas exceções (destacadas em **negrito**):

1) *Once you eliminate the impossible, whatever remains, no matter how improbable, must be the truth.*

Uma vez que você elimina o impossível, o que quer que reste, não importa o quão improvável, deve ser a verdade.

2) *Where there is **no** imagination there is **no** horror.*

Onde **não** há imaginação, **não** há horror.

3) *Any truth is better than **indefinite** doubt.*

Qualquer verdade é melhor do que a dúvida **infinita**.

4) *I never guess. It is a **shocking** habit destructive to the **logical** faculty.*

Eu nunca adivinho. É um hábito **ofensivo**, destrutivo à faculdade **lógica**.

5) *Mediocrity knows nothing higher than itself, but talent instantly recognizes genius.*

A mediocridade **não** conhece nada maior do que ela mesma, mas o talento instantaneamente reconhece o gênio.

6) *Of all ghosts the ghosts of our **old** loves are the worst.*

De todos os fantasmas, os fantasmas dos nossos amores **antigos** são os piores.

Como você pode perceber, na maioria dos casos em que não pudemos manter, em português, a ordem dos constituintes da frase inglesa, a mudança deveu-se:

- Ou à posição do adjetivo (em inglês fica à esquerda do núcleo nominal, em português fica à direita);
- Ou à posição do advérbio de negação (em inglês o escopo da negação é o complemento do verbo, em português o escopo é o próprio verbo).

Além disso, cabe fazer pelo menos outros dois comentários referentes ao item 5. Nesse item, na verdade, não tivemos que mudar nada em termos de ordenamento sintático. O primeiro ponto, nesse item, é que, em inglês, não há dupla negação, ao passo que em português há. Por isso, tivemos que acrescentar na tradução uma partícula negativa.

Nesse mesmo item, você deve ter percebido que mantivemos a posição do advérbio (*instantly/instantaneamente*) no mesmo local. Tanto em inglês quanto em português, a posição natural do advérbio é ao final da sentença, depois do verbo e eventuais objetos. No entanto, nas duas línguas, podemos deslocar o advérbio para dar ênfase a ele. Foi o que Doyle fez em sua frase. Por isso, se a sintaxe portuguesa possibilita manter esse mesmo efeito, não há por que não fazê-lo na tradução.



Em resumo, a manutenção de estruturas sintáticas do texto-fonte implica a preservação da ordem dos constituintes frasais sempre que a sintaxe língua de chegada permitir tal procedimento.



RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você aprendeu que:

- Há a manutenção no nível dos constituintes frasais, que podem ser entendidos como as partes que formam (constituem) a estrutura de uma frase.
- Em nível da sentença, os constituintes máximos (sujeito e predicado) geralmente respeitam a mesma ordem em português e inglês.
- Em nível do sintagma nominal, a posição do adjetivo difere de uma língua para outra: em inglês fica à esquerda do núcleo nominal, em português fica à direita.
- A posição do advérbio de negação nem sempre é a mesma: analisamos casos em que, no inglês, o escopo da negação é o complemento do verbo, enquanto, em português, o escopo é o próprio verbo.
- A manutenção de estruturas sintáticas do texto-fonte implica a preservação da ordem dos constituintes frasais sempre que a sintaxe língua de chegada permitir tal procedimento.



1 Considere as seguintes afirmações proverbiais do escritor Conan Doyle e tente traduzi-las mantendo o ordenamento sintático sempre que possível.

- a) It is a capital mistake to theorize before one has data.
- b) My mind rebels at stagnation. Give me problems, give me work, give me the most abstruse cryptogram, or the most intricate analysis, and I am in my own proper atmosphere. But I abhor the dull routine of existence. I crave for mental exaltation.
- c) There is nothing more deceptive than an obvious fact.
- d) I have frequently gained my first real insight into the character of parents by studying their children.
- e) It has long been an axiom of mine that the little things are infinitely the most important.
- f) Women are naturally secretive, and they like to do their own secreting.
- g) I am sure, agree with me that... if page 534 only finds us in the second chapter, the length of the first one must have been really intolerable.
- h) A trusty comrade is always of use; and a chronicler still more so.
- i) From a drop of water a logician could infer the possibility of an Atlantic or a Niagara without having seen or heard of one or the other.
- j) Our ideas must be as broad as Nature if they are to interpret Nature.
- k) There is nothing more unaesthetic than a policeman.

2 Caso não tenha sido possível manter o mesmo ordenamento sintático do texto-fonte, explique agora, item por item, por que você teve que fazer certas mudanças. Aproveite para explicar também outras mudanças que você tenha tido que fazer, que impediram uma tradução estrangeirizadora: mudanças lexicais ou morfológicas, por exemplo.

- a) It is a capital mistake to theorize before one has data.
- b) My mind rebels at stagnation. Give me problems, give me work, give me the most abstruse cryptogram, or the most intricate analysis, and I am in my own proper atmosphere. But I abhor the dull routine of existence. I crave for mental exaltation.

- c) There is nothing more deceptive than an obvious fact.
- d) I have frequently gained my first real insight into the character of parents by studying their children.
- e) It has long been an axiom of mine that the little things are infinitely the most important.
- f) Women are naturally secretive, and they like to do their own secreting.
- g) I am sure, agree with me that... if page 534 only finds us in the second chapter, the length of the first one must have been really intolerable.
- h) A trusty comrade is always of use; and a chronicler still more so.
- i) From a drop of water a logician could infer the possibility of an Atlantic or a Niagara without having seen or heard of one or the other.
- j) Our ideas must be as broad as Nature if they are to interpret Nature.
- k) There is nothing more unaesthetic than a policeman.

MANUTENÇÃO DO ESTILO DO TEXTO-FONTE

1 INTRODUÇÃO

Começamos agora a ampliar, cada vez mais, o nosso leque de procedimentos estrangeirizadores de tradução. Este tópico vai abordar a manutenção no nível do estilo, que, em termos de estrangeirização, é o nível que traz mais procedimentos.

O estilo, como objeto de análise linguística, diz respeito às escolhas formais que um autor faz mediante os recursos que a língua oferece, visando provocar certos efeitos de sentido, eventualmente estéticos, eventualmente discursivo-pragmáticos.

Por exemplo, ao enunciar um determinado fato, podemos enfatizar o agente que praticou aquele fato, ou resultado da ação. Entre outros recursos que a língua oferece para determinarmos a escolha dessa ênfase está a voz verbal: a voz ativa enfatiza o agente, enquanto a voz passiva enfatiza o resultado ou o paciente da ação. A escolha por este ou aquele recurso por parte de um autor, tendo em vista determinadas intenções, é uma escolha *estilística*.

Ao traduzir um texto, o tradutor deve estar atento às escolhas do autor do texto-fonte no plano estilístico, a fim de reproduzi-las, tanto quanto possível, na língua de chegada.

Uma vez delimitado o nosso conceito de estilo, passamos então a tratar do procedimento tradutório de manutenção do estilo. Lanzetti *et al.* (2009, p. 8) assim definem a manutenção do estilo:

No procedimento de manutenção do estilo do texto-fonte, podem ser mantidos os sinais de pontuação do texto-fonte, o registro (formal, neutro, informal), o *layout* (disposição gráfica dos elementos do texto na página), a frequência de uso da voz passiva e/ou da voz ativa, o uso de coordenações e/ou subordinações, o uso de marcadores do discurso (*certo, agora, veja bem, entende, quero dizer, dentre outros*), o uso de referências dêiticas (intratextuais ou endóforas) através de pronomes dêiticos, sinonímia e substituição lexical, e referências exóforas (cujos referentes não estejam presentes no texto); o uso de adjetivação e a complexidade ou fluidez estilística com que o texto-original tenha sido escrito.

Como você pôde concluir a partir dessa afirmação, os autores sugerem que a manutenção do estilo compreende todo tipo de recurso linguístico ou paralinguístico usado pelo autor. Vamos analisar, então, mais de perto e com exemplos, como podemos manter esses recursos na tradução do inglês ao português.

2 USO DE SINAIS DE PONTUAÇÃO

Em relação aos sinais de pontuação e a sua manutenção na tradução, convém fazer aqui pelo menos três reflexões: primeiro, sobre sua natureza essencialmente prosódica (ou protoprosódica, como veremos); segundo, sobre a importância da manutenção desse aspecto na tradução e, terceiro, sobre os limites para a manutenção da pontuação.

Quando dizemos que a pontuação tem uma essência prosódica, estamos nos referindo ao fato de que uma das funções básicas da pontuação é emular, na escrita, uma série de sentidos que, na fala, construímos por meio da prosódia (entonação, ritmo, acento e demais atributos correlatos na fala). Por exemplo, na fala, uma mesma sentença, se for afirmativa ou interrogativa, tem entonações diferentes: no primeiro caso, a melodia é decrescente; no segundo, é crescente. Como não podemos recriar essa curva melódica na escrita, inventamos sinais de pontuação para indicar essa diferença.

Outro exemplo pontual: na fala, quando dizemos algo a alguém, e chamamos essa pessoa pelo nome antes de proferir a mensagem que queremos endereçar a ela, fazemos uma pausa antes e/ou depois de dizer seu nome, para marcar a função vocativa: pense em “João, vem aqui por favor?” ou “Vem aqui, João, por favor?” Na escrita, essas pausas do vocativo e a entonação que imprimimos correspondem a vírgulas.

Mais um exemplo: quando, na fala, mantemos a ordem natural dos constituintes da sentença, geralmente mantemos um fluxo mais contínuo e linear. Pense na sentença: “João acordou mais cedo naquele dia”. Quando, porém, deslocamos algum constituinte, interrompendo a ordem natural, fazemos pausas e mudanças de ritmo e entonação para indicar essa intercalação: “João, naquele dia, acordou mais cedo”.



Quando dizemos que a pontuação tem uma essência prosódica, não estamos afirmando que ela não tenha um valor sintático, semântico ou discursivo, mas sim que ela reproduz funções (de implicações eventualmente sintáticas, semânticas ou discursivas) que na fala seriam desempenhadas pelo componente prosódico. Em outras palavras, podemos dizer que fala e escrita compartilham praticamente todas as dimensões da língua em uso, exceto a prosódia, e essa carência da escrita é compensada pela pontuação.

Passando ao segundo ponto que anunciamos, se os sinais de pontuação não são jamais gratuitos e têm por função básica emular os sentidos que se constroem na prosódia, logo é natural que sua manutenção na tradução seja imperativa. Pense, por exemplo, se um tradutor decidisse alterar arbitrariamente a pontuação das seguintes passagens dessas obras literárias:

LAVINIA – (startled – agitatedly)

Father? No! ... Yes! He does – something about his face – that must be why I've had the strange feeling I've known him before ... Oh! I won't believe it! You must be mistaken, Seth!

(Mourning Becomes Electra, by Eugene O'Neil)

The why and wherefore of the scorpion – how it had got on board and came to select his room rather than the pantry (which was a dark place and more what a scorpion would be partial to), and how on earth it managed to drown itself in the inkwell of his writing desk – had exercised him infinitely.

(The Secret Sharer, by Joseph Conrad)

Certamente o encadeamento das sentenças e o sentido delas seriam comprometidos. Portanto, se há um ponto que – entre estrangeirização e domesticação – parece não haver muita controvérsia, esse ponto é a manutenção da pontuação.

Entretanto, e aqui passando à terceira reflexão anunciada, de língua para língua, muitas vezes há certas convenções de pontuação que mudam, e isso implica que há certos limites para a manutenção desse aspecto na tradução. Isto é, muitas vezes o tradutor será forçado a mudar a pontuação, acrescentando ou omitindo sinais conforme as convenções da língua de chegada. No tópico anterior, quando expusemos alguns excertos de Conan Doyle, você deve ter percebido que fizemos alguns acréscimos na pontuação. Relembre:

Where there is no imagination there is no horror.

Onde não há imaginação, não há horror.

I never guess. It is a shocking habit destructive to the logical faculty.

Eu nunca adivinho. É um hábito ofensivo, destrutivo à faculdade lógica.

Of all ghosts the ghosts of our old loves are the worst.

De todos os fantasmas, os fantasmas dos nossos amores antigos são os piores.

Esses são alguns casos em que a vírgula, em português, tende a ser categórica, ao passo que, em inglês, parece ser arbitrária. Respectivamente, estamos nos referindo ao deslocamento de um longo advérbio, à coordenação de adjetivos e ao deslocamento de um longo adjunto adnominal da ordem direta. Essas são apenas algumas diferenças pontuais. Para efeitos de exemplificação, vamos tratar rapidamente de algumas outras convenções normativas para a colocação de vírgulas em inglês e português.

Para a maioria dos casos, as convenções de virgulação em inglês e português coincidem. Isso vale, por exemplo, para: vírgula entre sujeito e verbo; vírgula entre dois substantivos em um sintagma nominal (sujeito ou objeto composto); vírgula entre dois verbos em um predicado composto; quebras de períodos; vírgula e orações reduzidas de particípio ou gerúndio; vírgula dentro de comparação; vírgulas em intercalações; vírgula com *tags* de pergunta; vírgula com vocativos; vírgula com apostos; vírgulas em datas; vírgula antes *mas*; vírgula entre verbo e objeto; vírgula com cláusula não restritiva; vírgula com cláusulas restritivas; vírgula entre conjunções correlativas; vírgula entre citações diretas e *tags* atributivas; vírgula dentro de aspas; vírgula entre artigo e substantivo; vírgula com *tal como* e vírgula antes *também*. Em todos esses casos, as convenções em inglês e português tendem a coincidir.

No entanto, além daqueles exemplos pontuais mencionados há pouco a partir das traduções dos excertos de Doyle, há pelo menos um caso em que inglês e português divergem na colocação de vírgulas: a chamada vírgula serial ou vírgula de Oxford. Quando listamos três ou mais itens, as vírgulas devem separar cada elemento da lista. Até aí, tudo bem: isso vale para ambas as línguas. Contudo, em português, separamos o último elemento da lista com o conectivo *e*, que dispensa a vírgula. Em inglês, porém, conforme uma convenção chamada vírgula de Oxford, o último item da lista, mesmo que venha antecedido de *e*, vem também antecedido por vírgula. Observe os exemplos:

1) *Mary needs bread, milk, and butter at the grocery store.*

Maria precisa de pão, leite e manteiga na mercearia.

2) *I still have to buy a gift, pack the suitcases, and arrange for someone to water the plants while we're at the wedding.*

Eu ainda tenho que comprar um presente, arrumar as malas e arranjar alguém para regar as plantas enquanto estamos no casamento.

3) *I dedicate this award to my parents, Jane Austen, and Albert Einstein.*

Dedico este prêmio aos meus pais, Jane Austen e Albert Einstein.

Esse é um bom exemplo de limite para a manutenção da pontuação na tradução. Não convém que mantenhamos a pontuação inglesa aqui, pois a referida convenção simplesmente não existe em português.

Naturalmente, não caberia listar todos os casos de divergência nas convenções de pontuação entre inglês e português, pois isso fugiria aos propósitos deste material, mas importa ressaltar que o tradutor deve dominar as convenções de pontuação normativas na língua de chegada e para saber identificar quando um sinal de pontuação no texto de partida deve ser abolido ou acrescentado.

3 REGISTRO

Em linguística, quando falamos em *registro*, estamos nos referindo às variantes que preferimos em cada contexto, em cada situação de uso, principalmente considerando fala vs. escrita e informalidade vs. formalidade. Assim, sempre que um tradutor verificar no texto de partida alguma marca de registro, é conveniente que se busque uma equivalência na língua de chegada. Por exemplo, em inglês, as contrações costumam ser informais ou neutras, em comparação com as formas não contraídas, marcadamente formais. Em português, embora não tenhamos as mesmas marcas de formalidade do inglês, podemos buscar equivalências a fim de manter o registro. Observe:

QUADRO 3 – DIFERENÇAS DE REGISTRO: CONTRAÇÕES EM INGLÊS

Informal	Formal
<i>The improvements can't be introduced due to funding restrictions.</i> As melhorias não podem ser introduzidas por causa de restrições financeiras.	<i>Improvements cannot be introduced due to funding restrictions.</i> As melhorias estão inviabilizadas devido a restrições financeiras.
<i>I don't believe that the results are accurate.</i> Eu acho que o resultado não tá certo.	<i>The results are not believed to be accurate.</i> Não creio que os resultados sejam precisos.
<i>The research project won't continue next year.</i> O projeto de pesquisa não vai continuar ano que vem.	<i>The research project will not continue next year.</i> O projeto de pesquisa não continuará no ano que vem.

FONTE: O autor

As traduções propostas nesse quadro não são as únicas possíveis, porém buscamos manter o registro (formal ou informal) conforme as alternativas disponíveis em português. É nesse sentido que falamos em manutenção do registro.

Veja outras diferenças de registro em inglês e respectivas alternativas de tradução em português:

QUADRO 4 – DIFERENÇAS DE REGISTRO: PERÍFRASES (PHRASAL VERBS) EM INGLÊS

Informal	Formal
<i>The balloon was blown up for the experiment.</i> O balão foi enchido para o experimento.	<i>The balloon was inflated for the experiment.</i> O balão foi inflado para o experimento.
<i>The patient got over his illness.</i> O paciente sarou da doença dele.	<i>The patient recovered from his illness.</i> O paciente se recuperou da sua doença.
<i>The results of the study were mixed up.</i> Os resultados do estudo foram bagunçados .	<i>The results of the study were confused.</i> Os resultados do estudo foram confusos .

FONTE: O autor

QUADRO 5 – DIFERENÇAS DE REGISTRO: GÍRIAS EM INGLÊS

Informal	Formal
<i>The mob was very rowdy during the protest against cuts to university funding.</i> O povão estava muito barulhento durante o protesto contra os cortes no financiamento estudantil.	<i>The crowd was very rowdy during the protest against the cuts to university funding.</i> A multidão estava muito barulhenta durante o protesto contra os cortes no financiamento estudantil.
<i>Lecturers still count on students to use correct grammar and punctuation in essays.</i> Os professores ainda dão bola para o uso correto de gramática e pontuação nos ensaios.	<i>Lecturers expect students to use correct grammar and punctuation in essays.</i> Os professores ainda esperam que os alunos usem gramática e pontuação corretas nos ensaios.
<i>It was raining cats and dogs.</i> Estava caindo um toró .	<i>It was raining very heavily.</i> Estava chovendo muito forte .

FONTE: O autor

QUADRO 6 – DIFERENÇAS DE REGISTRO: USO PRIMEIRA PESSOA EM INGLÊS

Informal	Formal
<i>I considered various research methods for the study.</i> Eu considereei vários métodos de pesquisa para o estudo.	<i>Various research methods were considered for the study.</i> Vários métodos de pesquisa foram considerados para o estudo.
<i>We believe the practice is unsustainable.</i> A gente acredita que a prática é insustentável.	<i>It is believed the practice is unsustainable.</i> Acredita-se que a prática seja insustentável.
<i>During the interview I asked students about their experiences.</i> Durante a entrevista, eu questioneei os estudantes sobre suas experiências.	<i>During the interview students were asked about their experiences.</i> Durante a entrevista, os estudantes foram questionados sobre suas experiências.

FONTE: O autor

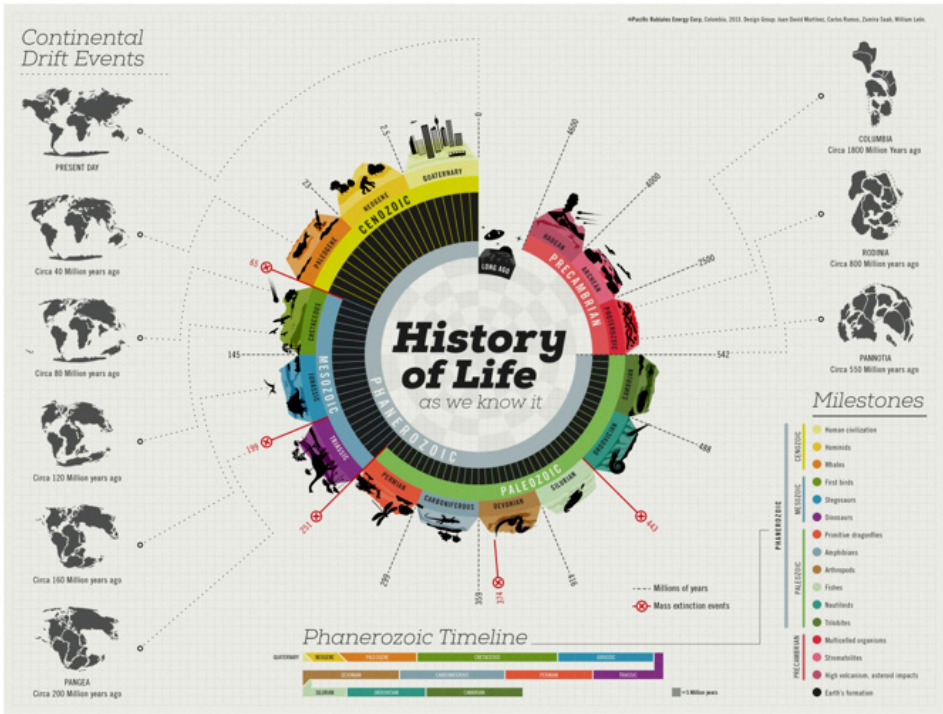
Mais uma vez, reforçamos: as traduções propostas nesses quadros precedentes não são as únicas possíveis, mas procuramos salientar o registro marcado em inglês (formal ou informal) dentro de possibilidades disponíveis em português brasileiro. Esse mesmo tipo de exercício se impõe ao tradutor e exige dele a sensibilidade de identificar, na língua de partida, as variações de registro existentes a fim de buscar equivalências na língua de chegada.

4 LAYOUT

Em textos cuja diagramação participa ativamente na construção do significado, a manutenção do layout constitui um aspecto importante.

A importância do layout varia de acordo com o gênero textual. Quanto mais multimidiático é um texto, maior tende a ser a importância do layout para o significado. Pense, por exemplo, no seguinte infográfico:

FIGURA 1 - EXEMPLO DE INFOGRÁFICO EM INGLÊS



FONTE: O autor

Imagine, pois, se traduzíssemos esse texto sem preservar o seu layout:

HISTÓRIA DA VIDA COMO A CONHECEMOS

Muito tempo atrás
Pré-cambriano
4600 – Hadeano
4000 – Arqueano
2500 – Proterozoico
[...]
Cenozoico
65 – Paleogênese
23 – Neogênese
2,5 – Quaternário

Milhões de anos
Eventos de extinção em massa

Eventos de deriva continental
Dias de hoje
[...]
Pangeia – Cerca de 200 milhões de anos atrás

E então, o que parece? A não manutenção do layout, no caso desse texto, é uma alternativa viável? Os sentidos permanecem sem perdas comprometedoras? Certamente não, correto?

Casos como este constituem, portanto, situações em que urge a manutenção do layout para a preservação do projeto semiótico do texto.

5 USO DE VOZ PASSIVA/VOZ ATIVA

Há pouco, quando tratávamos da manutenção do registro, já mostramos que o uso da voz passiva em inglês acadêmico é uma marca de formalidade, ao passo que o uso da voz ativa tendo o sujeito na primeira pessoa é uma marca de informalidade. Relembre:

I considered various research methods for the study.
Eu **considere**i vários métodos de pesquisa para o estudo.

Various research methods were considered for the study.
Vários métodos de pesquisa **foram considerados** para o estudo.

During the interview I asked students about their experiences.
Durante a entrevista, eu **questionei** os estudantes sobre suas experiências.

During the interview students were asked about their experiences.
Durante a entrevista, **os estudantes foram questionados** sobre suas experiências.

Assim, já podemos assumir que convém manter as estruturas de voz passiva e ativa se o tradutor pretender manter o registro. Além disso, essas estruturas também cumprem outras funções.

Talvez a principal dessas funções alternativas seja o emprego de foco sobre papéis temáticos. A voz passiva é usada, por exemplo, quando queremos focar a atenção na pessoa ou na coisa afetada pela ação. Normalmente, o executante da ação, ou o agente, vem primeiro e constitui o sujeito do verbo, e então usamos a forma ativa do verbo. Nesse caso, a outra pessoa ou coisa constitui o objeto do verbo. Considere estes exemplos:

- *The boss invited her to the party.*
O **chefe** a convidou para a festa.

- *The construction company in Station Road employs three hundred people.*
A **construtora na Station Road** emprega trezentas pessoas.

Entretanto, se você quer enfocar a pessoa ou coisa afetada pela ação, pode converter essa pessoa ou coisa em sujeito da sentença, usando a voz passiva. Dessa forma, o alvo do foco é alçado à posição de destaque no início da sentença:

- *She was invited to the party by the boss.*
Ela foi convidada para a festa pelo chefe.

- *Three hundred people are employed by the construction company in Station Road.*
Trezentas pessoas são empregadas pela construtora na Station Road.

Conforme Woodham (2019), há, pelo menos, outras cinco maneiras pelas quais os autores empregam a voz passiva de maneira estratégica, como recurso estilístico:

1. Quando não sabemos quem é o agente:

- *I don't know who did it, but my pet rabbit has been let out.*

Eu não sei quem fez isso, mas meu coelho de estimação foi solto.

- *I had the feeling that I was being followed.*

Eu tive a sensação de que estava sendo seguida.

Ao invés de:

- *I don't know who did it, but someone has let out my pet rabbit.*

Eu não sei quem fez isso, mas alguém soltou meu coelho de estimação.

- *I had the feeling that somebody was following me.*

Eu tive a sensação de que alguém estava me seguindo.

2. Quando é óbvio para o ouvinte ou leitor quem é o agente:

- *I had been instructed to remove all the ash trays.*

Eu tinha sido instruído a remover todas as bandejas de cinzas.

- *She discovered that she was being paid less than her male colleagues.*

Ela descobriu que estava sendo paga menos do que seus colegas homens.

Ao invés de:

- *My boss had instructed me to remove all the ash trays.*

Meu chefe me instruiu a remover todas as bandejas de cinzas.

- *She discovered that the firm was paying her less than her male colleagues.*

Ela descobriu que a empresa estava lhe pagando menos do que a seus colegas homens.

3. Quando não é importante saber quem é o agente:

- *Do you want a lift? No thanks, I'm being collected.*

Você quer um elevador? Não, obrigado, eu vou ser assessorado.

Ao invés de:

- *Do you want a lift? No thanks, someone is collecting me.*

Você quer um elevador? Não, obrigado, alguém está vindo me buscar.

4. Quando o agente já foi mencionado:

- *In the next session of parliament, new laws will be introduced aimed at stopping domestic violence.*

Na próxima sessão do parlamento, novas leis serão introduzidas para acabar com a violência doméstica.

Ao invés de:

- *In the next session of parliament, the government will introduce new laws aimed at stopping domestic violence.*

Na próxima sessão do parlamento, o governo introduzirá novas leis destinadas a acabar com a violência doméstica.

5. Quando as pessoas em geral são os agentes:

- *All the Beatles records can be borrowed from the central library.*

Todos os discos dos Beatles podem ser emprestados da biblioteca central.

Ao invés de:

- *You can borrow all the Beatles records from the central library.*

Você pode emprestar todos os discos dos Beatles da biblioteca central.

Portanto, ao traduzir qualquer sentença, repare na voz verbal empregada e reflita sobre os seus efeitos estilísticos antes de fazer quaisquer alterações na estrutura sintática.

6 USO DE COORDENAÇÃO/SUBORDINAÇÃO

Em sintaxe, quando falamos em coordenação, estamos falando em dispor sintagmas nominais ou verbais lado a lado, por meio de conjunções ou sinais de pontuação, sem que haja nenhuma relação de dependência: qualquer um poderia ser omitido e a sentença continuaria gramatical. Exemplos de sintagmas nominais coordenados:

- *Lisa loves coffee and ice cream.*

Lisa adora café e sorvete.

O objeto é composto por dois substantivos coordenados (café e sorvete), e ambos poderiam ser omitidos sem prejuízo da gramaticalidade da sentença:

- *Lisa loves coffee.*

Lisa adora café.

- *Lisa loves ice cream.*

Lisa adora sorvete.

Agora, um exemplo de sintagmas verbais coordenados:

- *Lisa loves coffee, and she can not drink too much coffee.*

Lisa adora café, e ela não pode tomar muito café.

Aqui, a primeira sentença (“Lisa adora café”) poderia ser perfeitamente separada da segunda (“ela não pode tomar muito café”) sem prejuízo da gramaticalidade.

Por outro lado, subordinação pressupõe sintagmas que estão conectados por uma relação de dependência entre si: se o sintagma subordinante for omitido, o subordinado se torna agramatical por si só. Exemplo:

- *Lisa loves the coffee that is produced in Colombia, although she can not drink too much.*

Lisa adora o café que é produzido na Colômbia, embora não possa tomar muito.

Nesse caso, a subordinada “é produzido na Colômbia” não poderia existir sem o núcleo “café”, sendo que a relação de subordinação é estabelecida pelo pronome relativo (“que”). Da mesma forma, a subordinada “não possa tomar muito” não poderia existir sem o núcleo “adora” (da sentença principal), sendo que a relação de subordinação é estabelecida pela conjunção subordinativa “embora”.

A composição de um texto por meio de coordenações ou subordinações consiste em um recurso estilístico importante, pois insere o leitor ou interlocutor na perspectiva ou no encadeamento de ideias que o autor deseja. O autor competente no estilo, portanto, arquiteta seus períodos de maneira inteligente, combinando coordenação e subordinação conforme o enquadramento no qual ele pretende colocar seu leitor ou interlocutor.

A título de exemplo das possibilidades estilísticas em coordenações e subordinações, observe o quadro a seguir, que apresenta possíveis efeitos de estilo envolvendo a conjunção *and*:

QUADRO 7 – EFEITOS DE ESTILO EM PERÍODOS COM A CONJUNÇÃO *AND*

Efeitos de estilo	Sentenças coordenadas em inglês	Tradução
Sequência de tempo (segunda cláusula vem depois da primeira cláusula)	<i>He opened the door, and then we entered the restaurant.</i>	Ele abriu a porta, e então entramos no restaurante.
Resultado (2ª cláusula resulta da 1ª cláusula)	<i>He dropped the plate of pasta on my lap, and I let out a cry of pain and horror.</i>	Ele largou o prato de massa no meu colo, e eu soltei um grito de dor e horror.
Contraste (2ª cláusula está em contraste com a 1ª cláusula)	<i>My sister orders tea, and I ervis take coffee.</i>	Minha irmã pede chá, e eu tomo café.
Concessão (1ª cláusula concede algo enquanto a 2ª cláusula dá a atualidade ou verdade)	<i>The restaurant owners want to serve good food, and yet they never quite get everything right.</i>	Os donos de restaurantes querem servir boa comida e, no entanto, nunca acham tudo certo.
Condição (1ª cláusula é uma condição para a 2ª cláusula)	<i>They have to learn to make better coffee, and then I'll be happier.</i>	Eles têm que aprender a fazer um café melhor, e então serei mais feliz.
Similaridade (2ª cláusula faz um ponto semelhante ao da 1ª cláusula)	<i>Italian food requires fresh vegetables, and similarly Southern food at its best depends on fresh ervissetes.</i>	A comida italiana requer vegetais frescos, e, do mesmo modo, os alimentos do sul dependem, na melhor das hipóteses, de temperos frescos.
Adição “pura” (2ª cláusula adiciona algo à 1ª cláusula)	<i>They serve pasta, and they also have a nice range of pizzas.</i>	Eles servem massas e também têm uma boa variedade de pizzas.
Explicação (2ª cláusula comenta ou explica a 1ª cláusula)	<i>They have only one choice to stay in business – and that's to improve both food and ervisse immediately.</i>	Eles têm apenas uma opção para permanecer no negócio – e isso é para melhorar tanto a comida quanto a higiene imediatamente.

FONTE: Adaptado de Byrd (2009, p. 6)

7 USO DE MARCADORES DO DISCURSO

Marcadores de discurso são palavras ou frases como: “de qualquer maneira”, “certo”, “tudo bem”, “como eu costumo dizer”, “para começar”. Nós os usamos para conectar, organizar e gerenciar o que dizemos ou escrevemos, ou para expressar uma atitude:

Por exemplo, imagine uma conversa entre amigos:

A: *So, I've decided I'm going to go to the bank and ask for a car loan.*

Então, decidi ir ao banco e pedir um empréstimo para o carro.

B: *That sounds like a good idea.*

Parece uma boa ideia.

C: *Well, you need a car.*

Bem, você precisa de um carro.

B: *Right.*

Certo.

A: *Anyway, I was wondering if either of you would teach me how to drive.*

De qualquer forma, eu queria saber se algum de vocês me ensinaria a dirigir.

Os marcadores de discurso nesse exemplo têm vários usos: *so* marca o início de uma nova parte da conversa; *well* marca uma mudança no foco (obter um empréstimo para precisar de um carro); *right* marca uma resposta (B está concordando com C) e *anyway* marca uma mudança no tópico (de comprar um carro novo para ter aulas de direção).

Geralmente, usamos marcadores discursivos distintos para a fala e escrita. Na fala, os seguintes marcadores discursivos são muito comuns:

- | | |
|-------------------------------------|---|
| • <i>anyway</i> (de qualquer forma) | • <i>oh</i> (oh, ah) |
| • <i>like</i> (tipo) | • <i>well</i> (bem) |
| • <i>right</i> (certo) | • <i>as I say</i> (como estava dizendo) |
| • <i>you know</i> (sabe como é) | • <i>great</i> (ótimo) |
| • <i>fine</i> (legal) | • <i>okay</i> (ok) |
| • <i>now</i> (agora) | • <i>mind you</i> (veja só) |
| • <i>so</i> (então) | • <i>for a start</i> (pra começar) |
| • <i>I mean</i> (quer dizer) | |
| • <i>good</i> (bom, joia) | |

Já, na escrita, são mais frequentes marcadores como:

- *firstly* (primeiramente)

- *in addition* (além do que, além do mais)
- *moreover* (além disso)
- *on the other hand* (por outro lado)
- *secondly* (em segundo lugar)
- *in conclusion* (em conclusão)
- *on the one hand* (por um lado)
- *to begin with* (inicialmente)
- *thirdly* (em terceiro lugar)
- *in sum* (em suma)

Marcadores de discurso nem sempre podem ser tomados literalmente, pois o mais importante no caso deles é sua função. Portanto, manter um marcador de discurso como recurso estilístico em uma tradução significa manter a sua função na organização do discurso. Algumas das principais funções dos marcadores discursivos são:

- organizar o que dizemos;
- monitorar o que dizemos;
- dar um feedback ao interlocutor para manter o curso do diálogo;
- demonstrar uma atitude;
- modalizar afirmações para soar menos direto;
- indicar cautela ou incerteza sobre o que será dito;
- demonstrar uma reação emocional.

Imagine, por exemplo, que você estivesse traduzindo as falas de um filme para fins de legendagem:

A: *So he opened the door.*

B: ***Yeah.***

A: *And he went in very quietly without waking her.*

B: ***Right.***

A: *He opened her bag and...*

O mais importante aí, em termos de manutenção do estilo, é preservar a função de *yeah* e *right*, que é dar um feedback ao interlocutor para manter o curso do diálogo. Portanto, não importa se você traduz *yeah* por “sim” ou “aham” etc. O que importa é encontrar um marcador funcionalmente compatível em português.

Outros exemplos:

*Can I **just** ask you a question?*

*We can **probably** add some more water to the sauce.*

*Is this **perhaps** one of your first times driving a car?*

Se traduzíssemos *just*, *probably* e *perhaps* literalmente, provavelmente funcionaria. Porém, o mais importante é ter em mente a manutenção da função desses marcadores, que é modalizar afirmações para soar menos direto. Respectivamente, suavizar um pedido, suavizar uma correção, suavizar uma crítica. Em português, poderíamos manter essas funções de diferentes maneiras, com diferentes marcadores. Pense em soluções como:

Será que eu posso te fazer uma perguntinha?

Olha... pode ser que a gente tenha que colocar um pouco mais de água no molho.

Pelo jeito, essa é uma das primeiras vezes que você dirige um carro?

As funções se mantiveram as mesmas, certo? Essa é a ideia.

8 USO DE REFERÊNCIAS ANAFÓRICAS

A anáfora refere-se ao modo como uma palavra ou frase se relaciona com outro texto. Esse processo de referenciação pode apontar para dentro ou para fora do texto. No primeiro caso, falamos em referência exofórica; no segundo, referência endofórica.

Uma referência exofórica refere-se à linguagem fora do texto em que a referência é encontrada. Entre os tipos de referência exofórica, está, por exemplo, a referência homofórica: uma frase genérica que obtém um significado específico através do conhecimento de seu contexto. Por exemplo, o significado de “*the Queen*” pode ser determinado pelo país em que essa locução é falada. Como existem diferentes rainhas em todo o mundo, a localização do locutor fornece as informações extras que permitem a identificação de uma rainha individual.

Já uma referência endofórica refere-se a algo dentro do texto em que a referência é encontrada. Quando tratamos de processos de referenciação endofórica, costumamos diferenciar anáfora e catáfora. Uma referência anafórica, quando oposta à catáfora, refere-se a algo previamente identificado dentro de um texto. Por exemplo, em “*Susan dropped the plate. It shattered loudly*” (“Susan derrubou o prato. Ele se quebrou ruidosamente”), a palavra *it* refere-se a *the plate*. Portanto, um processo anafórico.

Uma referência catafórica refere-se a algo dentro de um texto e que ainda não foi identificado. Por exemplo, em “*Since he was very cold, David promptly put on his coat*” (“Uma vez que ele estava com muito frio, David prontamente vestiu seu casaco”), a identidade de *he* é desconhecida até que o indivíduo também seja referido como *David*. Portanto, um processo catafórico.

Em termos de tradução estrangeirizadora, é importante que, ao identificar referências exofóricas (contextuais) ou endofóricas (contextuais), o tradutor esteja apto a identificar o referente e a encontrar a expressão mais apropriada para garantir a referenciação.

9 ADJETIVAÇÃO

Para tratar do uso estilístico de adjetivos, trazemos à tona um trecho da obra *Sense of Style*, do célebre linguista Steven Pinker. O autor explora qualidades estilísticas de escritores nem sempre convencionais. Um desses escritores é Margalit Fox, famosa por redigir obituários para o New York Times. A fim de comentar o uso inteligente de adjetivos, Pinker (2016, p. 33) analisa os seguintes excertos de Fox:

Maurice Sendak, widely considered the most important children's book artist of the 20th century, who wrenched the picture book out of the safe, sanitized world of the nursery and plunged it into the dark, terrifying and hauntingly beautiful recesses of the human psyche, died on Tuesday in Danbury, Conn.

Pauline Phillips, a California housewife who nearly 60 years ago, seeking something more meaningful than mah-jongg, transformed herself into the syndicated columnist Dear Abby — and in so doing became a trusted, tart-tongued adviser to tens of millions — died on Wednesday in Minneapolis. [...] With her comic and flinty yet fundamentally sympathetic voice, Mrs. Phillips helped wrestle the advice column from its weepy Victorian past into a hard-nosed 20th-century present. [...] Mrs. Phillips began her life as the columnist Abigail Van Buren in 1956. She quickly became known for her astringent, often genteelly risqué, replies to queries that included the marital, the medical and sometimes both at once.

Helen Gurley Brown, who as the author of “Sex and the Single Girl” shocked early-1960s America with the news that unmarried women not only had sex but thoroughly enjoyed it — and who as the editor of Cosmopolitan magazine spent the next three decades telling those women precisely how to enjoy it even more — died on Monday in Manhattan. [...] As Cosmopolitan's editor from 1965 until 1997, Ms. Brown was widely credited with being the first to introduce frank discussions of sex into magazines for women. The look of women's magazines today — a sea of voluptuous models and titillating cover lines — is due in no small part to her influence.

Pinker (2016) destaca os seguintes adjetivos e advérbios usados por Fox: *hauntingly*, *tart-tongued*, *flinty*, *weepy*, *hard-nosed*, *astringent*, *genteelly*, *risqué*, *voluptuous*, *titillating* (assombrosamente, cáustico, sarcástico, piegas, intransigente, ácida, gentilmente, maliciosa, voluptuoso, excitante). Conforme sua avaliação, ao escolher esses adjetivos e advérbios pouco comuns, Fox transgrediu duas das advertências mais comuns dos manuais de estilo: a que recomenda escrever com substantivos e verbos, não com adjetivos e advérbios; e a que dissuade os escritores a usarem palavras incomuns ou fantasiosas quando uma palavra comum e simples resolve.

Em sua análise, essas advertências estão mal formuladas, pois, se

[...] é verdade que existe uma quantidade enorme de prosa inchada, recheada de latinismos polissilábicos (*cessation* [cessação] em vez de *end* [fim], *eventuate* [ocasionar] em vez de *cause* [causar]) e adjetivos

inflados (is contributive to em vez de contributes to, is determinative of em vez de determines [é colaborativo em vez de colabora, é determinante de em vez de determina]) [...] (PINKER, 2016, p. 34).

É também verdade que um autor habilidoso pode “avivar e às vezes energizar sua prosa mediante a inserção judiciosa de uma palavra surpreendente” (PINKER, 2016, p. 34). Segundo o autor, um vocabulário arejado e o uso de palavras incomuns são duas das qualidades que distinguem a prosa com vitalidade da prosa sem graça.

Para efeitos de manutenção de estilo na tradução, é importante que o tradutor atente para esses adjetivos (e também advérbios) usados de maneira específica, intencional, gerando certo efeito pretendido e marcando, assim, a identidade do autor.

Nesse sentido, se traduzíssemos: “Maurice Sendak [...] plunged the picture book into the **dark, terrifying and hauntingly beautiful recesses** of the human psyche” por “Maurice Sendak mergulhou o livro ilustrado nos recantos da mente humana **marcados por escuridão, terror e uma beleza que assombra**”, comprometeríamos a identidade estilística do texto. Não é à toa que o tradutor, Rodolfo Ilari, optou por uma estratégia mantenedora: “Maurice Sendak mergulhou o livro ilustrado nos **obscuros, aterradores e assombrosamente maravilhosos recantos** da mente humana”.

Da mesma forma, se traduzíssemos “*Pauline Phillips [...] became a **trusted, tart-tongued adviser** to tens of millions*” por “Pauline Phillips se tornou uma conselheira **de confiança e de língua azeda** para dezenas de milhões”, perderíamos o efeito estilístico dos adjetivos, o que poderia ser evitado com alguns ajustes: “Pauline Phillips se tornou uma conselheira **confiável, azeda e linguaruda** para dezenas de milhões”.

O mesmo poderíamos afirmar se traduzíssemos: “*The look of women’s magazines today — a sea of **voluptuous models and titillating cover lines** — is due in no small part to her influence*” por “A aparência das revistas femininas hoje – um mar de modelos **com volúpia** e manchetes **que excitam** – não se deve, em parte alguma, à sua influência”.

Efeito diferente obteríamos com: “A aparência das revistas femininas hoje – um mar de modelos **voluptuosas** e manchetes **excitantes** – não se deve, em parte alguma, à sua influência”.

Portanto, reiterando, se o tradutor pretender manter a adjetivação como efeito de estilo na tradução, deve atentar para esses usos específicos e propositais, que dão identidade estética ao texto.

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico, você aprendeu que:

- O estilo, como objeto de análise linguística, diz respeito às escolhas formais que um autor faz mediante os recursos que a língua oferece, visando provocar certos efeitos de sentido, eventualmente estéticos, eventualmente discursivo-pragmáticos.
- No procedimento de manutenção do estilo do texto-fonte, podem ser mantidos os sinais de pontuação do texto-fonte, o registro (formal, neutro, informal), o layout (disposição gráfica dos elementos do texto na página), a frequência de uso da voz passiva e/ou da voz ativa, o uso de coordenações e/ou subordinações, o uso de marcadores do discurso (certo, agora, veja bem, entende, quero dizer, dentre outros), o uso de referências dêiticas (intratextuais ou endóforas) através de pronomes dêiticos, sinonímia e substituição lexical e referências exóforas (cujos referentes não estejam presentes no texto); o uso de adjetivação e a complexidade ou fluidez estilística com que o texto-original tenha sido escrito.
- Em relação aos sinais de pontuação e à manutenção na tradução, destacamos três pontos:
 - (1) uma das funções básicas da pontuação é emular, na escrita, uma série de sentidos que, na fala, construímos por meio da prosódia (entonação, ritmo, acento e demais atributos correlatos na fala);
 - (2) se os sinais de pontuação não são jamais gratuitos e têm por função básica emular os sentidos que se constroem na prosódia, logo é natural que sua manutenção na tradução seja imperativa;
 - (3) muitas vezes há certas convenções de pontuação que mudam, e isso implica que há certos limites para a manutenção desse aspecto na tradução; há pelo menos um caso em que inglês e português divergem na colocação de vírgulas: a chamada vírgula serial ou vírgula de Oxford.
- Sempre que um tradutor verificar no texto de partida alguma marca de registro (fala vs. escrita, informalidade vs. formalidade), é conveniente que se busque uma equivalência na língua de chegada.
- Em textos cuja diagramação participa ativamente na construção do significado, a manutenção do layout constitui um aspecto importante. Casos assim constituem situações em que urge a manutenção do layout para a preservação do projeto semiótico do texto.

- Em relação ao uso de vozes verbais, a passiva, em inglês acadêmico, é uma marca de formalidade, ao passo que o uso da voz ativa tendo o sujeito na primeira pessoa é uma marca de informalidade.
- Há, pelo menos, outras cinco maneiras pelas quais os autores empregam a voz passiva de maneira estratégica, como recurso estilístico: quando não sabemos quem é o agente; quando é óbvio para o ouvinte ou leitor quem é o agente; quando não é importante saber quem é o agente; quando o agente já foi mencionado e quando as pessoas em geral são os agentes.
- A composição de um texto por meio de coordenações ou subordinações consiste em um recurso estilístico importante, pois insere o leitor ou interlocutor na perspectiva ou no encadeamento de ideias que o autor deseja.
- O autor competente no estilo arquiteta seus períodos de maneira inteligente, combinando coordenação e subordinação conforme o enquadramento no qual ele pretende colocar seu leitor ou interlocutor.
- Os marcadores de discurso nem sempre podem ser tomados literalmente, pois o mais importante no caso é sua função.
- Manter um marcador de discurso como recurso estilístico em uma tradução significa manter a sua função na organização do discurso.
- Algumas das principais funções dos marcadores discursivos são: organizar o que dizemos; monitorar o que dizemos; dar um feedback ao interlocutor para manter o curso do diálogo; demonstrar uma atitude; modalizar afirmações para soar menos direto; indicar cautela ou incerteza sobre o que será dito e demonstrar uma reação emocional.
- A anáfora se refere ao modo como uma palavra ou frase se relaciona com outro texto. Esse processo de referência pode apontar para dentro ou para fora do texto. No primeiro caso, falamos em referência exofórica; no segundo, referência endofórica. Em termos de tradução estrangeirizadora, é importante que, ao identificar referências exofóricas (contextuais) ou endofóricas (cotextuais), o tradutor esteja apto a identificar o referente e a encontrar a expressão mais apropriada para garantir a referência.
- Se o tradutor pretende manter a adjetivação como efeito de estilo na tradução, deve atentar para usos específicos e propositais, que dão identidade estética ao texto.
- Um vocabulário arejado e o uso de palavras incomuns são duas das qualidades que distinguem a prosa com vitalidade da prosa sem graça, e um autor habilidoso pode “avivar e às vezes energizar sua prosa mediante a inserção judiciosa de uma palavra surpreendente” (PINKER, 2016, p. 34).



- 1 O texto a seguir é um excerto da peça de teatro *God: a play*, de Woody Allen (1975, p. 125-127). Faça uma primeira leitura de aproximação do texto e do estilo do autor:

SCENE: Athens. Approximately 500 B.C. Two distraught Greeks in the center of enormous empty amphitheatre. Sunset. One is the ACTOR; the other, the WRITER. They are both thinking and distracted. They should be played by two good, broad burlesque clowns.

ACTOR: Nothing ... just nothing.

WRITER: What?

ACTOR: Meaningless. It's empty.

WRITER: The ending.

ACTOR: Of course. What are we discussing? We're discussing the ending.

WRITER: We're always discussing the ending.

ACTOR: Because it's hopeless.

WRITER: I admit it's unsatisfying.

ACTOR: Unsatisfying? It's not even believable. The trick is to start at the ending when you write a play. Get a good strong ending and then write backwards.

WRITER: I've tried that. I got a play with no beginning.

ACTOR: That's absurd.

WRITER: Absurd? What's absurd?

ACTOR: Every play must have a beginning, middle, and end.

WRITER: Why?

ACTOR (Confidently): Because everything in nature has a beginning, middle, and end.

WRITER: What about a circle?

ACTOR (Thinks): Okay ... A circle has no beginning, middle, or end - but they're not much fun either.

WRITER: Diabetes, think of an ending. We open in three days.

ACTOR: Not me. I'm not opening in this turkey. I have a reputation as an actor, a following ... My public expects to see me in a suitable vehicle.

WRITER: May I remind you, you're a starving, out-of-work actor whom I've generously consented to let appear in my play in an effort to assist your comeback.

ACTOR: Starving, yes ... Out of work, perhaps ... Hoping for a comeback, maybe - but a drunkard?

WRITER: I never said you were a drunkard.

ACTOR: Yes, but I'm also a drunkard.

Sua tarefa é analisar o texto buscando possíveis aspectos estilísticos que poderiam ser mantidos em uma tradução de viés estrangeirizador. Pense nos aspectos discutidos neste tópico: sinais de pontuação do texto-fonte, registro (formal, neutro, informal), layout (disposição gráfica dos elementos do texto na página), voz passiva e voz ativa, coordenações e/ou subordinações, marcadores do discurso, referências anafóricas e adjetivação. Aparecem no texto? Quais deles? Que estratégias você usaria para mantê-los na tradução? Registre os resultados do seu exercício aqui:

MANUTENÇÃO DE ITENS CULTURAIS DA CULTURA-FONTE

1 INTRODUÇÃO

Chegamos ao último nível dos procedimentos estrangeirizadores de tradução: a manutenção de itens culturais da cultura-fonte.

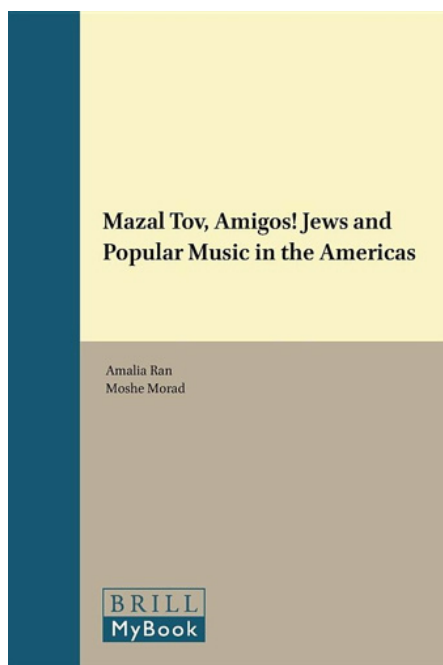
Esse é um aspecto cuja manutenção pode, muitas vezes, ser confundida com o empréstimo direto sem aclimação, conforme já vimos antes nesta mesma unidade, quando estudávamos a manutenção no nível do léxico. Apenas lembrando, o termo aclimação, também chamado de acomodamento ou transliteração, refere-se ao procedimento de acomodar uma palavra estrangeira à fonologia da língua de chegada e buscar uma grafia correspondente. Por exemplo, a tradução de *whisky* por *uísque*. Logo, o empréstimo direto sem aclimação seria manter *whisky* na tradução, sem qualquer mudança.

A diferença entre o empréstimo direto e a manutenção de itens da cultura-fonte é que, no primeiro caso, estamos apenas emprestando o item lexical da outra língua, mas seu referente já pertence de alguma maneira à cultura de chegada, de modo que o leitor não faz qualquer esforço para a contextualização; já, no segundo caso, além de fazermos um empréstimo (geralmente sem aclimação), o referente desse item lexical emprestado não existe na cultura de chegada, de modo que soa exótico. Nesse caso, a despeito desse exotismo, o tradutor sustenta a manutenção do elemento cultural estrangeiro, esperando que o leitor ou interlocutor será capaz de compreendê-lo e contextualizá-lo.

2 ANÁLISE DE CASOS DE MANUTENÇÃO CULTURAL

A fim de ilustrar essa diferença que expusemos, vamos comentar alguns exemplos ilustrativos. Para começar, considere o título da seguinte obra:

FIGURA 2 – EXEMPLO DE MANUTENÇÃO DE ITENS CULTURAIS DA CULTURA-FONTE



FONTE: Adaptado de Ran e Morad (2016)

No título da obra, temos a locução *mazal tov*, que significa *parabéns* em iídiche, a língua dos judeus ocidentais, e *amigos*, uma provável alusão ao espanhol, a principal língua da América Latina. Os autores poderiam ter optado por algo como *Congrats, friends!*, mas a opção pela manutenção desses itens, simbólicos da cultura-fonte, foi estratégica para a composição dos efeitos de sentido pretendidos.

Analise agora os seguintes excertos de uma obra sobre literatura árabe:

Particularly in analyzing the earlier stages in *al-nahḍah*, Western historians have for a long time placed much more emphasis on the first of these factors [renewed contacts with the Western world, accelerated by European imperial incursions during the 19th century]. [...]

During the course of Muhammad's lifetime, these revelations were memorized and recorded in written form. This activity was carried out in Mecca until 622 CE and – following the *hijrah* – in the oasis town of Yathrib, later to be known as Medina, where Muhammad remained from 622 until his death in 632. [...]

The short opening *sura*, *al-fātiḥah*, which is regularly used by muslims as a prayer and at the conclusion of contracts (including that of marriage) (ALLEN, 2018, p. 1).

Repare, particularmente, na manutenção dos termos *al-nahḍah*, *hijrah*, *sura* e *al-fātiḥah*. Eles significam respectivamente *renascimento*, *migração*, *capítulo* e *abertura*. No entanto, se o autor os tivesse traduzido por *renaissance*, *migration*,

chapter e *opening*, certamente muito de sua significação cultural teria se perdido. Assim, a despeito de um provável desconhecimento do árabe por parte do leitor, ele manteve tais termos, deixando, para quem lê, o desafio de encontrar o significado no contexto geral.

Perceba, a propósito, que a manutenção de itens da cultura-fonte não prevê a elaboração de qualquer elemento paratextual por parte do tradutor, como notas de rodapé, explicações entre parênteses etc. Nesse caso, o tradutor simplesmente banca a manutenção do item, a despeito de um eventual comprometimento da inteligibilidade da obra.

O próximo exemplo que vamos analisar é um trecho de “Come Together, Fall Apart”, livro de contos de Cristina Henríquez, escritora americana de ascendência panamenha, notável pelo seu uso do espanhol. O excerto a seguir é de uma história que se passa no Panamá, e o *Spanglish* é usado para sublinhar a relação disfuncional entre um pai que sofre de demência e sua filha:

“Is my father there?” I ask.
 “He’s having a good time here, you know.”
 “Please, Zenia. I want to talk to him.”
 She sighs. “*Momentito*.”
 “*Aló*” he says when he gets on the phone. “Who is this?”
 “It’s Mireya.”
 “*La presidenta?*”
 “No. It’s me. Your daughter” (HENRÍQUEZ, 2006, p. 46).

A manutenção dos termos *momentito*, *aló* e *la presidenta* compõe aqui o projeto estilístico da autora, pois imergem o leitor no ambiente hispano-fônico da cultura panamenha. Mais uma vez, a autora poderia tranquilamente ter usado termos ingleses como “*a moment, please*”, “*hello*” e “*the president*”, mas ela desperdiçaria uma carga cultural muito importante para a ambientação e o clima da cena narrada. Além disso, neste caso específico, o desafio do leitor é pequeno, pois os termos espanhóis e ingleses têm raízes em comum, o que torna a tarefa muito mais fácil, mesmo para quem nem tem qualquer conhecimento da língua espanhola.

Uma tradução de tais textos, porém, certamente nos induziria a respeitar a manutenção dos itens culturais e levá-la adiante no exercício tradutório. Vejamos, porém, este último texto:

Minors must be completed simultaneously with a major degree program. A minor may not be completed by itself, independent of a major program. This means you cannot earn a minor after you have already earned your bachelor’s degree(s). You need at least one active major in order to pursue a minor. Multiple minors can be linked to the completion of a single major (UNIVERSITY OF SOUTHERN CALIFORNIA, 2019).

Este texto trata de regras para aquilo que consideramos a habilitação principal e a habilitação secundária de uma graduação norte-americana. Pense, por exemplo, na frase “*A minor may not be completed by itself, independent of a major program*”. Dificilmente, funcionaria aqui uma tradução como “Uma habilitação secundária não pode ser concluída sozinha, independentemente da habilitação principal”, pois *habilitação secundária* e *habilitação principal* são referentes que não são típicos da cultura brasileira, e soariam estranhos e inapropriados. Nesse caso, mais conveniente seria uma solução como “Um *minor* não pode ser concluído sozinho, independentemente do *major*”, pois *minor* e *major* remetem diretamente a algo que existe e faz sentido na cultura do texto-fonte. Assim, transportam o leitor diretamente para aquela cultura e o obrigam a contextualizar e buscar sentido, e não na sua cultura.

LEITURA COMPLEMENTAR

PONTUAÇÃO: UMA QUESTÃO PROSÓDICA, SINTÁTICA, DISCURSIVA E SEMÂNTICA

Valéria Campos Muniz

[...] De modo geral, os sinais apresentam correspondente prosódico, fazem transparecer a intenção subjacente de modulação da leitura, representando a inflexão da voz, mas mesmo um sinal como a vírgula, por exemplo, com relevante função na organização do texto, nem sempre interfere no modo de ler um texto. O ritmo da leitura dependerá do leitor, havendo sinais que, em razão desse ritmo, não correspondem a pausas, bem como pausas não representadas na escrita. Não há dúvida de que um texto lido com as inflexões de suas pausas permite ao ouvinte organizar informações, enquanto que uma leitura rápida, mesmo com as palavras bem pronunciadas, dependendo das interferências externas, pode dificultar a compreensão, captando o ouvinte apenas alguns fragmentos.

Há textos em que a pontuação delimita uma interferência do narrador, firmando uma aproximação do leitor, ao transparecer sua opinião acerca do tema em questão: “O que por agora importa saber é que Virgília — chamava-se Virgília — entrou na alcova [...]” (ASSIS, 1994, p. 12). “E depois — cogitações de enfermo — dado que chegássemos ao fim indicado [...]” (idem, p. 15). Os sinais têm papel primordial, estabelecendo interação entre narrador e leitor, instituindo uma intimidade. Sua leitura deve-se realizar com uma modulação diferente, de modo que o ouvinte perceba a presença dessa opinião, diferenciando-a da trama narrativa. Situações muito frequentes nos textos de Machado demarcam dois atos de fala distintos, produzidos pelo mesmo enunciário. O fragmento sinalizado pela pontuação denota uma apreciação acerca do que está dito no contexto enunciativo.

No exemplo a seguir, retirado do jornal, da seção “Dos leitores”, embora não haja um diálogo com o leitor, o autor deixa transparecer sua indignação não só por intermédio da exclamação, como pelo próprio advérbio, que, ao ser colocado entre travessões, transpõe “uma voz interior” que se sobrepõe à do próprio ato de fala da carta: “O andamento do processo proposto contra os mensaleiros depende do voto do ministro relator, o esforçado Joaquim Barbosa, o qual não consegue — nunca! — concluir seu voto” (O Globo, 15/12/2011, p. 8).

Assim como os travessões, o parêntese, nos fragmentos, desempenha igual função: (1) “Onde estaria ele na hora do crime? (Será que devo dizer?)”; (2) “Entregou o governo com uma inflação mensal (é mensal mesmo, leitor), em março de 1990, de 84%” (O Globo, 29/11/11, p. 6). O aspecto prosódico da pontuação, nos exemplos, também exige que a leitura dos segmentos intercalados seja feita com uma entoação diferenciada.

Como signos enunciativos, tais sinais — vírgula, parênteses, travessão —, apesar de utilizados em um mesmo contexto, têm objetivos distintos, em situações em que configuram dois atos de fala de um mesmo enunciador ou em circunstâncias polifônicas. Para haver o destaque da voz do enunciador, verifica-se frequência absoluta dos dois últimos. Catach (1980, p. 22) aponta a dupla vírgula também com função enunciativa, afirmando que por muito tempo a vírgula junto com o ponto bastava para introduzir o discurso direto ou uma citação. Nos casos, a voz do outro está explícita.

Acreditamos que a preferência por sinais como parênteses e travessão, na mídia impressa atual, ocorra em razão de a vírgula não demarcar a voz do autor ou não fazer transparecer o trecho em que a opinião do autor se torna mais explícita, como no exemplo anterior, retirado do jornal O Globo — “nunca” — [...].

FONTE: MUNIZ, Valéria Campos. Pontuação: uma questão prosódica, sintática, discursiva e semântica. **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 8, p. 108-129, 2016.

RESUMO DO TÓPICO 5

Neste tópico você aprendeu que:

- Na manutenção de itens da cultura-fonte, além de fazermos um empréstimo lexical (geralmente sem aclimatação), o referente desse item emprestado não existe na cultura de chegada, de modo que soa exótico. O tradutor sustenta a manutenção do elemento cultural estrangeiro, esperando que o leitor ou interlocutor será capaz de compreendê-lo e contextualizá-lo.
- A manutenção de itens da cultura-fonte não prevê a elaboração de qualquer elemento paratextual por parte do tradutor, como notas de rodapé, explicações entre parênteses etc. O tradutor banca a manutenção do item, a despeito de um eventual comprometimento da inteligibilidade da obra. O procedimento transporta o leitor diretamente para a cultura-fonte e o obriga a contextualizar e buscar sentido, e não na sua própria cultura.



- 1 Tendo em mente o procedimento de manutenção dos itens da cultura-fonte, proponha uma tradução para os seguintes textos:
 - a) When you put your hands on your hips and your elbows are sticking out, your arms are akimbo, like when you stand in the bathroom, arms akimbo while yelling, "Who left the toilet seat up?"
 - b) He came up to me at the bar with this big cheesy grin on his face and said, 'Did it hurt when you fell from heaven?'
 - c) He stole, lied, deceived and pimped his way out of poverty.
 - d) You can't have it all; there is always a trade-off!
 - e) Cut through the gobbledygook and just tell me what the final cost of the car would be.
 - f) He told the state senate it exposed Texas to ridicule: "It makes us look like backward, bucktooth hillbillies."
 - g) There's a kind of facepalm moment in the terrific pilot episode of Amazon's terrific new series Transparent when you realize that the title is a pun.

TÉCNICAS DOMESTICADORAS DE TRADUÇÃO

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir do estudo desta unidade, você deverá ser capaz de:

- compreender a diferença entre manter e domesticar um texto estrangeiro;
- executar técnicas de domesticação do sistema linguístico, como transposição, modulação, equivalência, sinonímia e paráfrase;
- executar técnicas de domesticação do estilo, como omissão, explicitação, generalização, especificação, compensação, reconstrução, registro, fluidez e adaptação;
- executar técnicas de domesticação da realidade extralinguística, como transferência, explicação e ilustração.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade de estudos será apresentada em três tópicos. Em cada um deles, você encontrará um resumo e autoatividades para auxiliá-lo na compreensão dos conteúdos estudados.

TÓPICO 1 – DOMESTICAÇÃO DO SISTEMA LINGUÍSTICO

TÓPICO 2 – DOMESTICAÇÃO DO ESTILO

TÓPICO 3 – DOMESTICAÇÃO DA REALIDADE EXTRALINGUÍSTICA

DOMESTICAÇÃO DO SISTEMA LINGUÍSTICO

1 INTRODUÇÃO

Na unidade anterior exploramos diferentes maneiras de trazer a língua estrangeira para o leitor-interlocutor em uma tradução. Assim, vimos como podemos, se esse for o nosso desejo, fazer com que o leitor-interlocutor sinta que está em contato com um texto originário de outra língua. É a manutenção consciente de características da língua, que podem provir de diferentes níveis: morfológico, lexical, sintático, estilístico, cultural etc.

A partir deste tópico, porém, passaremos a examinar e a praticar técnicas que permitirão fazer com que o texto traduzido pareça ter sido escrito na língua de chegada. Em outras palavras, os procedimentos domesticadores de tradução permitem que o leitor-interlocutor “se sinta em casa” ao entrar em contato com o texto, de tal modo que pense que ele foi produzido na sua própria língua. A ação exige, como em qualquer operação de tradução, um tradutor que, acima de tudo, seja um usuário muito hábil na sua própria língua.



Portanto, aqui já vai uma recomendação: independentemente da postura que você assuma (estrangeirizadora ou domesticadora), um bom tradutor deve ser, acima de tudo, um excelente usuário da sua língua. É preciso ter boas influências para compor bem o seu próprio estilo: ler bons autores, inspirar-se em bons oradores etc.

2 TRANSPOSIÇÃO

Na segunda unidade, quando falamos em manutenção de ordenamento sintático, falamos de particularidades sintáticas do inglês que não possíveis de manutenção em português por diferenças na natureza das línguas. Exemplos são:

- A posição do adjetivo em sintagmas nominais (no inglês, à direita; em português, à esquerda).
- A dupla negação sintática (em inglês *standard*, inexistente).
- Os verbos perifrásticos (*phrasal verbs*), nem sempre possíveis em português.

Portanto, tomando o primeiro caso (a posição do adjetivo), é natural que, ao traduzirmos para o português enunciados como os seguintes, tenhamos que transpor o adjetivo para a direita do núcleo do sintagma nominal:

1. *John is a very clever boy* □ John é um garoto **muito esperto**.
2. *The high mountain is more difficult to climb* □ A montanha **alta** é mais difícil de escalar.
3. *Transplant patients need anti-rejection drugs* □ Pacientes **de transplante** precisam de drogas **antirrejeição**.

Nesses casos, já podemos assumir que a transposição dos constituintes no ordenamento da frase já é um procedimento domesticador, que respeita a natureza da língua portuguesa. Além disso, há casos em que é preciso fazer uma transposição, ou um reordenamento de constituintes, não para respeitar a ordem canônica dos constituintes em uma ou outra língua, mas porque, dependendo do gênero textual, por exemplo, este ou aquele constituinte costuma assumir uma posição em textos de uma língua e outra posição em textos da outra língua. Um exemplo é a posição de advérbios em manchetes jornalísticas, conforme o exemplo de Lanzetti *et al.* (2009):

4. *German scientists discovered a new type of stem-cell on Friday* □ **Na sexta-feira**, cientistas **alemães** descobriram um novo tipo de **célula-tronco**.

Aqui, além de o adjetivo ter sido transposto para a direita em português, temos também a transposição do advérbio (“na sexta-feira”) para o início da sentença. Supostamente, a posição canônica do advérbio em português é ao fim da sentença, como em inglês. No caso, porém, segundo Lanzetti *et al.* (2009, p. 9):

[...] a partir de observações de textos jornalísticos, parece que, em português do Brasil, prefere-se colocar os adjuntos adverbiais de tempo e lugar no início das sentenças, ao contrário do inglês americano, em que os adjuntos adverbiais aparecem com mais frequência no fim das sentenças.

Portanto, eis um exemplo de transposição domesticadora que respeita o padrão de um gênero textual na língua de chegada, e não propriamente a posição canônica de um constituinte frasal.

3 MODULAÇÃO

A modulação, como procedimento domesticador, refere-se àqueles casos em que o tradutor muda uma classe de palavra ao julgar que aquela construção é mais familiar na língua de chegada.

Lanzetti *et al.* (2009) exemplificam a modulação ao mostrarem que, ao passo que o inglês prefere compor títulos com verbos no gerúndio, o português prefere substantivos verbais ou sentenças adverbiais de modo. Exemplos:

1. *Introducing the concept of gene* □ **Introdução** ao conceito de gene.
2. *Connecting the cables* □ **Como conectar** os cabos.

4 EQUIVALÊNCIA

O problema da equivalência, na teoria da tradução, tem pelo menos dois teóricos clássicos: John Catford e Eugene Nida. Tanto um quanto outro estabelecem dois tipos de equivalência, que serão úteis para nossa análise. Catford (1980) dá a esses dois tipos os nomes de equivalência textual e correspondência (ou equivalência formal). Já Nida e Taber (1982) falam em equivalência dinâmica e correspondência formal. Veremos, adiante, que a noção de equivalência textual será útil para pensarmos a tradução de expressões idiomáticas e provérbios, ao passo que a noção de correspondência formal será útil para pensarmos na domesticação em termos de classes e categorias gramaticais.

Catford (1980, p. 29) define um equivalente textual como “qualquer texto ou porção de texto da LM [língua-meta] que [...] observamos ser, numa ocasião específica, o equivalente de determinado texto ou porção de texto da LF [língua-fonte]”. Para o mesmo autor, um equivalente formal é entendido como “qualquer categoria da LM que se possa dizer que, tão aproximadamente quanto possível, ocupa na economia da LM o ‘mesmo’ lugar que a categoria considerada da LF ocupa na LF” (CATFORD, 1980, p. 35).

Para Nida e Taber (1982), os conceitos são semelhantes: o autor entende que a correspondência formal enfatiza a mensagem em si, em força e conteúdo, enquanto a equivalência dinâmica teria como preocupação resgatar o efeito pretendido pelo texto original. Assim, com essas duas “ferramentas”, o tradutor estaria apto a trazer ao leitor da tradução as intenções e efeitos do texto “original”.

Lanzetti *et al.* (2009) parecem resgatar essa tipologia clássica da equivalência quando abordam esse procedimento em termos de equivalência de expressões idiomáticas e equivalência funcional. Vejamos.

4.1 EQUIVALÊNCIA DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS, DITADOS, PROVÉRBIOS ETC.

Vamos, aqui, usar expressões idiomáticas para ambos os tipos de equivalência. Em primeiro lugar, vejamos alguns casos de correspondência formal, aqueles em que há, na língua de chegada, uma expressão idiomática, ditado ou provérbio com o mesmo valor semântico e “os mesmos símbolos ou alusões da expressão idiomática da língua-fonte” (LANZETTI *et al.*, 2009, p. 10):

1. *Not all that glitters is gold* □ Nem tudo que reluz é ouro.
2. *Better late than never* □ Antes tarde que nunca.
3. *Can you give me a hand?* □ Você pode me dar uma mão?

Perceba que, em todos esses três exemplos, temos uma equivalência praticamente plena entre todos os níveis de análise formal: lexical, morfológico, sintático e semântico. Com exceção da tradução do advérbio *better* por *antes* e da transposição de *Can you* para *Você pode*, temos uma correspondência perfeita entre os demais itens.

Recapitulando o que discutimos na Unidade 1, no tópico sobre unidades de tradução, podemos dizer que os provérbios de 1 a 3 são típicos casos em que podemos estabelecer as unidades tradutórias no menor nível da sentença. A propósito, naquele tópico em que abordamos a seleção das unidades de tradução, também trabalhamos com provérbios. Vamos relembra-los aqui, pois serão úteis para ilustrarmos os dois tipos de equivalência:

1. *A bird in the hand is worth two in the bush* □ Um pássaro na mão vale mais do que dois voando.
2. *One swallow doesn't make a summer* □ Uma andorinha só não faz verão.
3. *Don't cry over spilt milk* □ Não adianta chorar sobre o leite derramado.
4. *Birds of a feather flock together* □ Farinha do mesmo saco.
5. *Make hay while the sun shines* □ Aproveite enquanto há tempo.

Nas traduções dos provérbios 1, 2 e 3 temos uma equivalência formal quase plena, com exceções para:

- As substituições de: *in the bush* por *voando* (uma **domesticação estilística**); e *don't cry* por *não adianta chorar* (caso de **modulação**, como vimos há pouco, pela troca do modo imperativo por construção com um verbo modal).
- A **transposição** de *spilt milk* para *leite derramado*.

No entanto, em 4 e 5, tomamos como unidade tradutória o provérbio todo e buscamos uma correspondência funcional. Eis o que vamos discutir na sequência.

4.2 EQUIVALÊNCIA FUNCIONAL

A equivalência funcional corresponde, a grosso modo, aos conceitos de equivalência textual ou equivalência dinâmica, nos termos de Catford e Nida, respectivamente. Como definem Lanzetti *et al.* (2009, p. 10), esse procedimento ocorre quando o provérbio não possui correspondente formal na língua de chegada “com os mesmos símbolos e referentes, mas outros para chegada ao mesmo valor semântico”. Há, portanto, a mesma **função semântica**. Nos exemplos 4 e 5, se buscássemos uma equivalência formal, não obteríamos um significado válido em termos proverbiais na língua de chegada. Pense em “pássaros de uma pena só andam juntos” e “faça feno enquanto o sol brilha”. Não **funcionaria**, certo?

FIGURA 1 – *BIRDS OF A FEATHER FLOCK TOGETHER*



FONTE: <<http://oels.byu.edu/student/idioms/proverbs/images/Birds.jpg>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

Outros exemplos análogos, que demandariam uma equivalência funcional, são os seguintes:

1. *The one who sleeps with dogs wakes up with fleas* (Aquele que dorme com cães acorda com pulgas) □ Quem se junta aos porcos, come farelo.
2. *The squeaky wheel gets the grease* (A roda que range recebe a graxa) □ Quem não chora não mama.

5 SINONÍMIA

A sinonímia, como procedimento de domesticação do sistema linguístico, é utilizada quando há, na língua de chegada, um termo de raiz semelhante ao termo da língua de partida (ex.: *accordion* e *acordeão*). O tradutor prefere um sinônimo (ex.: *sanfona* ou *gaita*). Exemplos:

1. *My uncle used to play the **accordion** when he was young* → Meu tio tocava **sanfona** quando era jovem.
2. *Chelsea won the **championship** on the last round* □ O Chelsea venceu o **certame** na última rodada.

No segundo exemplo, provavelmente por questões estilísticas, relativas ao gênero textual em que se escrevia, o tradutor preferiu *certame* ao invés de campeonato, que seria a opção etimologicamente equivalente à palavra *championship*.

FIGURA 2 – JOGADORES DO CHELSEA CELEBRAM O TÍTULO



FONTE: <<https://www.gettyimages.com/detail/news-photo/ngolo-kante-gary-cahill-john-terry-and-cesar-azpilicueta-of-news-photo>>. Acesso em: 3 jul. 2019.

6 PARÁFRASE

O conceito amplo de paráfrase é dizer a mesma coisa com outras palavras. É reorganizar o mesmo sentido em outra frase (observe que acabamos de parafrasear a primeira frase desta seção). Muitas vezes, na tradução, o tradutor se permite a liberdade de parafrasear uma tradução, geralmente por motivos estilísticos, como subjetivos ou discursivos.

Exemplos:

1. *In my opinion, the President **lied** about the corruption scandal.*

Trad. estrangeirizadora: *Na minha opinião, o Presidente **mentiu** sobre o escândalo de corrupção.*

Trad. parafrástica: *Na minha opinião, o presidente **faltou com a verdade em relação ao** escândalo de corrupção.*

2. *How **proficient** are you in Chinese?*

Trad. estrangeirizadora: ***Quão proficiente** você é em chinês?*

Trad. parafrástica: ***Como você avalia seu grau de proficiência** em chinês?*

Podemos assumir que, essencialmente, uma paráfrase na tradução pressupõe uma reorganização morfossintática da frase original, demandando mudanças de classes, palavras e reordenamento de constituintes. No entanto, além disso, uma tradução parafrástica também envolve outros procedimentos domesticadores, como transposição e sinonímia.

Confira, a seguir, o verbete “Paráfrase”, escrito por Douglas Robinson, para a célebre *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, editada por Mona Baker. O autor diferencia a paráfrase de outros procedimentos, como metáfrase, imitação e variação. Acompanhe!



Paraphrasis

In common usage as a term for loose rewording, saying something in your own words, paraphrase is best known in translation theory from John DRYDEN's 1680 preface to his translation of Ovid's *Epistles* (see BRITISH TRADITION): having promised to reduce all translation to three heads and begun with METAPHRASE, or word-for-word translation, he moves on to his second head: 'The second way is that of paraphrase, or translation with latitude, where the author is kept in view by the translator, so as never to be lost, but his words are not so strictly followed as his sense; and that too is admitted to be amplified, but not altered'. The third head is IMITATION.

For Dryden, metaphrase and imitation were 'the two extremes which ought to be avoided', and paraphrase the 'mean betwixt them' — the mode of translation which avoids the dangers of both extremes and combines their virtues of fidelity to the original (metaphrase) and IL fluency (imitation). In this he followed the orthodox tradition of translation theory since JEROME (see LATIN TRADITION), who first theorized sense-for-sense translation in the middle ground between Cicero's extremes, slavish fidelity and too-free imitation (see FREE TRANSLATION). Here are some of Dryden's remarks about paraphrase:

But since every language is so full of its own properties, that what is beautiful in one, is often barbarous, nay sometimes nonsense, in another, it would be unreasonable to limit a translator to the narrow compass of his author's words: 'tis enough if he chooses out some expression which does not vitiate the sense. I suppose he may stretch his chain to such a latitude; but by innovation of thoughts, methinks he breaks it. By this means the spirit of an author may be transfused, and yet not lost'.

Given the currency of *paraphrase* in ordinary English, it is often used in theoretical discussions of translation for loose or free renderings without specific reference to Dryden. Nor did Dryden invent the term. It was first used by Philo Judacus in *De vita Mosis* (20 BC): 'Yet who does not know that every language, and Greek especially, abounds in terms, and that the same thought can be put in many shapes by changing single words [*metaphrazonta*] and whole phrases [*paraphrazonta*] and suiting the expression to the occasion?' (2: 38).

These two terms, metaphrase and paraphrase, are picked up by Quintilian in *Institutes of Oratory* for two distinct approaches to the pedagogical practice of imitation, reworking classic texts by changing one word at a time (metaphrase) or one phrase at a time (paraphrase), and later by a long list of Renaissance and pedagogues and theorists: Fausto Sebastiano in *Del modo de lo tradurre d'una lingua in altra secondo le regole mostrate da Cicerone* (1556), Lawrence Humphrey in *Interpretatio linguarum: seu de ratione convertendi et explicandi autores tam sacros quam prophanos* (1559), Roger Ascham in *The Schoolmaster* (1570), Andreas Schottus in *Tullianarum Quaestio de instauranda Ciceronis imitatione* (1610), and Pierre-Daniel Huet in *De interpretatione* (1661). Dryden is thus only one of a long string of theorists who use paraphrase in roughly the sense of a reworking or translation that proceeds sententially, taking as its criterial segments whole sentences rather than individual words.

A less technical use of the term 'paraphrase', that remains in accord with its Latin definition, is to describe a work that is not translated directly from a foreign original but reworded from a previous translation in the same language (what is sometimes called a 'variation'). Thus, for instance, the authors of *The Living Bible* describe it as a 'paraphrase' rather than a translation — what one might call an intralingual paraphrase as opposed to an interlingual translation. Both usages derive from Quintilian.

FONTE: ROBINSON, D. Paraphrasis. In: BAKER, Mona. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. New York: Routledge, 1998. p. 166-167.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico, você aprendeu que:

- Os procedimentos domesticadores permitem que o leitor-interlocutor se sinta confortável com a tradução, de tal modo que ela pareça um texto produzido originalmente na sua própria língua.
- A transposição dos constituintes no ordenamento da frase é um dos procedimentos domesticadores mais básicos, pressupondo o respeito à ordem típica dos termos na frase da língua de chegada.
- A modulação ocorre quando o tradutor muda uma classe de palavra ao julgar que aquela construção é mais familiar na língua de chegada.
- A equivalência formal ocorre quando há, na língua de chegada, uma expressão idiomática que tenha o mesmo valor semântico e os mesmos símbolos ou alusões da expressão idiomática da língua-fonte.
- A equivalência funcional ocorre quando o provérbio não possui um correspondente formal na língua de chegada com os mesmos símbolos e referentes, levando o tradutor a usar outros termos para chegar ao mesmo valor semântico.
- A sinonímia, como procedimento de domesticação do sistema linguístico, é utilizada quando há, na língua de chegada, um termo de raiz semelhante ao termo da língua de partida. O tradutor prefere um sinônimo.
- Uma paráfrase na tradução pressupõe uma reorganização morfossintática da frase original, demandando mudanças de classes, palavras e reordenamento de constituintes. Além disso, uma tradução parafrástica também envolve outros procedimentos domesticadores, como transposição e sinonímia.



Analise a tradução do seguinte texto:

“The measure of risk to a woman’s life from pregnancy itself is called the “maternal mortality ratio.” That is the number of women who die of causes related to or aggravated by pregnancy per 100,000 live births. In Alabama, the overall maternal mortality ratio in 2018 was 11.9 per 100,000. Among white women, the 2018 maternal mortality ratio was 5.6; among black women, it was 27.6, making black women in Alabama almost five times more likely to die as a result of pregnancy than white women. For the United States overall, the maternal mortality ratio was 20.7.”.

FONTE: HERN, Warren M. **Pregnancy Kills. Abortion Saves Lives.** 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/05/21/opinion/alabama-law-abortion.html?action=click&module=Opinion&pgtype=Homepage>>. Acesso em: 2 jul. 2019.

Tradução:

“O cálculo do risco à vida de uma mulher por causa da gravidez é chamado de ‘taxa de mortalidade materna’. É o número de mulheres que morrem por causas relacionadas à gravidez ou agravadas por ela a cada 100.000 nascidos vivos. No Alabama, a taxa de mortalidade materna geral em 2018 foi de 11,9 por 100 mil. Entre mulheres brancas, a taxa de mortalidade materna foi de 5,6; entre mulheres negras, ela foi de 27,6, o que significa que a morte de mulheres negras por causa de gravidez é cinco vezes mais provável do que a morte de mulheres brancas. No cálculo geral, para todos os Estados Unidos, a taxa de mortalidade materna foi de 20,7”.

Agora, a partir da sua análise:

- 1 Extraia da tradução um exemplo de transposição.
- 2 Extraia da tradução um exemplo de modulação.
- 3 Extraia da tradução um exemplo de sinonímia.
- 4 Extraia da tradução um exemplo de paráfrase.
- 5 Faça uma pesquisa e traga um exemplo de provérbio inglês que pode ser traduzido por equivalência formal e outro que exija a tradução por equivalência funcional.
- 6 De acordo com a leitura complementar deste tópico, de Douglas Robinson, diferencie paráfrase, metáfrase, imitação e variação.

DOMESTICAÇÃO DO ESTILO

1 INTRODUÇÃO

Na unidade anterior, quando tratamos de estrangeirização estilística, já expusemos que o estilo diz respeito às escolhas formais que um autor faz mediante os recursos que a língua oferece, provocando certos efeitos de sentido, ora estéticos, ora discursivo-pragmáticos.

Vimos, a título de exemplificação, que a voz verbal pode ser usada como um recurso estilístico para enfatizar o agente que praticou um fato enunciado ou resultado da ação. Além da voz verbal, estudamos também em detalhe outras dimensões do estilo, como uso de sinais de pontuação, registro, layout, coordenação e subordinação, marcadores discursivos, referências anafóricas e adjetivação. Agora, visando à domesticação de uma tradução, isto é, pretendendo acomodá-la ao máximo à língua de chegada, vamos abordar outros procedimentos pertencentes ao âmbito do estilo: omissão, explicitação, generalização (uso de hiperônimo), especificação (uso de hipônimo), compensação, reconstrução, equivalência estilística (melhoria), mudança de registro, mudança de complexidade/fluidez estilística e adaptação.

Você deve ter notado que há mais procedimentos estilísticos domesticadores que estrangeirizadores, certo? Isso é normal, pois talvez o estilo seja a dimensão em que as línguas mais se especificam e se particularizam. É no âmbito estilístico que as línguas mais expressam a sua identidade.

2 OMISSÃO

Conforme Lanzetti *et al.* (2009, p. 12), a omissão ocorre quando o tradutor, deliberadamente, “decide não traduzir para o texto-alvo algum item lexical ou estrutura do texto-fonte”. Os autores mencionam o exemplo encontrado em seu corpus:

1. *Capoeira, an interesting blend of dance and martial arts, is facing gradual revival in Brazil.*

A capoeira [Ø] está passando por uma gradual revitalização no Brasil.

Na interpretação dos autores, o tradutor omitiu o aposto relacionado à capoeira provavelmente por considerar a explicação desnecessária ao seu leitor. No entanto, uma omissão pode ocorrer não apenas para evitar redundância de informação, mas também por certas incompatibilidades de usos entre as línguas. Pensemos, por exemplo, no caso do intensificador *very* em inglês. Muitas vezes, sua tradução é, discursivamente, inviável. Observe os seguintes exemplos:

2. *The battle has been teased since the opening scene of the **very** first episode of 'Game of Thrones'.*

A batalha tem sido anunciada desde a abertura do [Ø] primeiro episódio de 'Game of Thrones'.

3. *He needs to come out from under the **very** long shadow of Akihito.*

Ele precisa sair debaixo da [Ø] grande sombra de Akihito.

4. *And it was part of the plan from the **very** beginning.*

E isso era parte do plano desde o [Ø] começo.

Perceba que, em todos esses exemplos, se quiséssemos encontrar alguma estratégia parafrástica para tradução da função intensificadora de *very*, até poderíamos levar essa ideia a cabo, mas a verdade é que sua tradução é discursivamente desnecessária, motivo pelo qual convém usar o procedimento da omissão.

3 EXPLICITAÇÃO

Da mesma forma que, na omissão, o tradutor pode julgar alguma informação desnecessária ao leitor visado (e, assim, retirá-la), na explicitação ocorre o inverso: o tradutor entende necessária a ação de acrescentar uma informação não-óbvia ao seu interlocutor. Observe os seguintes exemplos:

1. *The [Ø] IRS may collect over 2 billion dollars in taxes this year.*

Este ano, a receita **americana** deve arrecadar mais de 2 bilhões de dólares em impostos.

2. *Elite Squad was the Golden Bear Award-Winner [Ø] in 2008.*

O filme Tropa de Elite foi o vencedor do Urso de Ouro **do Festival de Cinema de Berlim** em 2008.

No primeiro exemplo, o tradutor substituiu apropriadamente *IRS (Internal Revenue Service)* por *Receita*, mas julgou importante enfatizar que se trata do serviço de receita dos Estados Unidos, para não haver ambiguidade. No segundo exemplo, o tradutor presumiu que parte de seu público leitor pudesse não saber que o "Urso de Ouro" se trata do prêmio do Festival de Berlim, e assim julgou conveniente acrescentar tal informação.

4 GENERALIZAÇÃO (HIPERÔNIMOS) E ESPECIFICAÇÃO (HIPÔNIMOS)

Dentro do fenômeno maior da sinonímia encontramos dois subtipos de sinonímia, conhecidos por hiperonímia e hiponímia, tratados dentro do domínio do estilo, e não mais da estrutura da língua.

O hiperônimo tem um sentido mais abrangente. Geralmente, trata-se de uma relação de classe e pertencente àquela classe. Por exemplo, a palavra *flor* está associada a todos os tipos de flores: *rosa*, *dália*, *violeta* etc. Portanto, *flor* é um hiperônimo de *rosa*, *dália* ou *violeta*. Já o hipônimo pressupõe o sentido inverso: tem sentido mais restrito que os hiperônimos. Por exemplo, *observar*, *examinar*, *olhar* e *enxergar* são hipônimos de *ver*, ou seja, são tipos específicos de *ver*.

Esses elementos são muito recorrentes quando abordamos estratégias de coesão, pois são usados para evitar repetições através da retomada de ideias anteriores. No entanto, hiperonímia e hiponímia também constituem recursos interessantes para técnicas de tradução.

1. *When I opened the door, my **palmtop** was not there anymore.*

Quando abri a porta, meu **computador** não estava mais lá.

2. *The famous Brazilian “farofa” is made with fried **flour** and sausages.*

A famosa farofa brasileira é feita com **farinha de mandioca** frita e linguiça.

No Exemplo 1, talvez por julgar inconveniente especificar demais o tipo de eletrônico em questão, o tradutor optou por usar um hiperônimo: *computador*. Já no Exemplo 2, provavelmente ciente de que a verdadeira farofa brasileira requer um tipo específico de farinha, ele optou por um hipônimo: *farinha de mandioca*.



Excerto de “A semântica lexical e as relações de sentido: sinonímia, antonímia, hiponímia e hiperonímia”, de Fernanda Gomes da Silva e Simone Sant’Anna

Lyons (1979) afirma que a hiponímia é frequentemente denominada inclusão, ou seja, é a relação de um termo mais específico num termo mais geral. Entretanto, muitos semanticistas formalizam a inclusão em função da lógica de classes, isto é, da noção de referência. Isso acarreta certa ambiguidade com relação ao significado desses termos.

O vocábulo “inclusão” é considerado sob diferentes pontos de vista. Pode ser considerado como a extensão de um termo ou pode ser considerado como a compreensão de um termo que é o conjunto de atributos. Logo, extensão e compreensão, nesses diferentes pontos de vista, são inversamente proporcionais. Como solução deve-se optar preferencialmente pelo termo hiponímia, que deixa o termo inclusão livre para a teoria da referência e da sua formalização de acordo com a lógica de classes.

É importante saber que a hiponímia, como uma relação de sentido que se estabelece entre unidades lexicais, se aplica tanto aos termos que não têm referência como também precisamente aos que têm referência. Diferentemente, o termo inclusão é ambíguo porque, de um lado, um termo mais geral é mais inclusivo do que um mais específico, pois se refere a uma classe mais ampla. Por outro lado, o termo mais específico é, também, mais inclusivo, pois apresenta mais traços componentes do significado.

A hiponímia também pode ser definida em função de uma implicação unilateral.

Uma frase que contém um termo hiperônimo implicará:

- a. ou a disjunção das frases, contendo cada uma um membro diferente de um conjunto de co-hipônimos;
- b. ou uma frase em que os co-hipônimos são semanticamente "coordenados".

Exemplos:

(1) Comprei flores.

(2) Comprei rosas. Comprei violetas.

(3) Comprei rosas e violetas.

Um dos traços mais úteis do princípio da hiponímia é que ele permite com que sejamos mais genéricos ou mais específicos de acordo com as circunstâncias. Embora um termo hiperônimo não implique, em geral, o seu hipônimo, ocorre frequentemente que o contexto situacional o determinará no sentido de um de seus hipônimos. Essa é a origem da sinonímia dependente do contexto. Isso sugere igualmente a possibilidade de definir a relação de sinonímia como "hiponímia simétrica": se x é um hipônimo de y e se y é também um hipônimo de x – isto é, se a relação é bilateral ou simétrica –, então x e y são sinônimos.

Os vocabulários das línguas naturais tendem a apresentar muitas lacunas, muitas assimetrias e indeterminações. Ainda, é possível, muitas vezes identificar, de acordo com a sua aplicação, os hipônimos de certo termo em uma língua com certas unidades lexicais em outra, sem encontrar nesta última um equivalente para o hiperônimo. Disso se pode concluir que o sentido original nunca se mantém intacto no processo da tradução.

FONTE: SILVA, Fernanda Gomes da; SANT'ANNA, Simone. A semântica lexical e as relações de sentido: sinonímia, antonímia, hiponímia e hiperonímia. **Cadernos do CNLF**, v. 13, n. 3, p. 34-50, 2009.

5 COMPENSAÇÃO IBIDEM E ALIBI

A compensação é o nome dado ao procedimento de tradução geralmente aplicado a jogos de palavras. Jogos de palavras geralmente combinam um conjunto de características da língua localizadas em diferentes níveis – formal, semântico, contextual etc. Por essa dispersão de elementos, quase sempre é impossível a tradução estrangeirizadora de um jogo de palavras, e a tradução domesticadora precisa compensar as diferenças entre as línguas com outras alternativas. Talvez seja o procedimento que demande mais criatividade e talento literário do tradutor.

Quando afirmamos que há a exigência de talento literário, não estamos indicando que esse procedimento se aplique apenas à literatura, pois jogos de palavras se aplicam a diferentes gêneros, nem sempre literários. Vejamos, a propósito, o exemplo de um diálogo num filme trazido por Lanzetti *et al.* (2009:

- *You sit here and car.*
- *Ok, what kind of car am I?*
- *A 280-Zit.*

- Você fica aqui e finge que é um carro.
- Tá certo, e que tipo de carro eu sou?
- Um Mercedes Classe A-cne.

Conforme os autores, na cena em que ocorre esse diálogo, uma menina, aspirante a modelo, às vésperas de trabalhar numa exposição de carros, pede ao seu irmão que finja ser um carro (*to car*) para que ela ensaie o seu trabalho. O jogo em questão repousa no fato de ela dizer que ele é um 280-Z (modelo conhecido do público americano) e pronunciar a letra Z como *zit* (uma alusão à acne do irmão adolescente). Na tradução, o tradutor compensou a impossibilidade de manter o jogo de *zit* com a solução “Classe A-cne”.

Esse foi um típico caso de compensação *ibidem*, quando a compensação ocorre no mesmo lugar onde havia o jogo no texto-fonte. Podem existir casos, porém, em que a compensação ocorre em outro lugar do texto, não necessariamente no mesmo ponto em que o jogo ocorreu no texto original. Esses casos são chamados de compensação *alibi*. Isso é muito comum em letras de canções, por exemplo.

6 RECONSTRUÇÃO

A reconstrução é um procedimento utilizado quando precisamos alterar a organização sintática ou o significado do texto-fonte por exigências estilísticas da língua de chegada. Lanzetti *et al.* (2009) tratam a questão em termos de reconstruções sintática e semântica.

Você pode se perguntar: mas qual é a diferença entre paráfrase e reconstrução? Em termos formais, nenhuma. Em ambos os casos estamos colocando a mesma coisa em outras palavras. No entanto, na reconstrução, ocorre uma paráfrase por exigências estilísticas, e não por opções mais subjetivas do tradutor. Vejamos alguns exemplos extraídos do corpus de Lanzetti *et al.* (2009)

1. *We examined the patients after taking the prescribed medicine and [we] came to the conclusion that the substances utilized are harmless.*

Os pacientes foram examinados após tomarem a medicação prescrita e **chegou-se** à conclusão de que as substâncias utilizadas são inofensivas.

2. *Specialists are convinced that the WTC Twins were demolished rather than crashed down by the airplanes.*

Os especialistas estão convencidos de que **a causa da queda das torres gêmeas foi implosão**, e não a colisão com os aviões como antes se pensava.

3. *The father arrived, hugged his daughter and kissed her in the **mouth**.*

Ao chegar, o pai deu um abraço em sua filha e a beijou na **testa**.

4. *Oh, your test **was not bad at all**, Alex.*

Alex, sua prova **está muito boa**.

No Exemplo 1, temos um caso de texto acadêmico. No português brasileiro, a impessoalidade é mandatória nos textos acadêmicos. Embora o “nós majestático” seja usado como estratégia de impessoalidade, em artigos mais técnicos o “se impessoal” e a voz passiva parecem ser estratégias mais frequentes. É o que ocorreu nesse exemplo: enquanto que o inglês prefere “nós examinamos e nós chegamos à conclusão”, o português acadêmico prefere “os pacientes foram examinados e chegou-se à conclusão”.

No Exemplo 2, se traduzíssemos “as Torres Gêmeas foram demolidas em vez de abatidas pelos aviões”, haveria ambiguidade por uma diferença na estrutura argumental dos verbos *to demolish* e *to crash* em relação aos verbos *demolir* e *abater* em português. Por isso, o tradutor preferiu explicitar os papéis temáticos em questão, reorganizando a estrutura sintática e recorrendo a “explicitações”, conforme já estudamos há pouco.

Nos Exemplos 3 e 4, o tradutor alterou o significado, ou seja, procedeu com uma reconstrução semântica por conta de convenções sociais (beijo na boca e beijo na testa com sinal de intimidade paternal, e afirmação categórica ao invés de negação modalizadora com sinal de afirmação elogiosa).

7 EQUIVALÊNCIA ESTILÍSTICA (MELHORIA)

No tópico anterior, quando tratávamos de domesticação no nível estrutural, abordamos dois tipos de equivalência conforme Catford (1980) e Nida e Taber (1982): a equivalência formal e a equivalência funcional. Naquele momento, tratamos o procedimento da equivalência como algo capaz de transpor características formais de uma língua a outra (pensando no que é mais típico da língua de chegada) e também como algo ligado à reprodução de funções enunciativas (como no caso dos provérbios). Agora, porém, no domínio do estilo, a equivalência se aproxima dos procedimentos de explicitação e de omissão. Segundo a tipologia de Lanzetti *et al.* (2009, p. 17), “a equivalência estilística, também conhecida como melhoria, é usada quando o tradutor inclui no texto padrões retóricos relacionados com a tipologia textual a qual o texto pertence”. Vejamos um exemplo oferecido pelos autores:

1. *The little girl said she was carrying **a basket of food** to her grandmother.*

A menininha disse que estava levando **uma cesta de doces** para a vovó.

A tradução de “*a basket of food*” por “uma cesta de doces” representa uma equivalência estilística, pois os padrões de estilo típicos do gênero conto infantil em português demandam a figura do “doce” como símbolo do universo infantil.

8 MUDANÇA DE REGISTRO

Na segunda unidade, quando tratamos de manutenção de registro, reforçamos que registro diz respeito àquelas variantes que preferimos em cada contexto, em cada situação de uso, principalmente considerando fala vs. escrita e informalidade vs. formalidade. Assim, de modo geral, é conveniente buscar uma equivalência de registro na língua de chegada, pois isso é um aspecto importante que compõe o plano estilístico de um texto. No entanto, muitas vezes, dependendo do leitor visado ou do veículo do texto, o tradutor pode preferir não manter o registro por conveniências sociais. Nesses casos, é comum que se altere um registro vulgar para um registro mais neutro, ou vice-versa. Confira o seguinte exemplo:

1. *Hey, asshole, I'm going to bust your head all over this fucking parking lot!*

Ei, **seu babaca**, eu vou estourar seus miolos por toda essa droga de estacionamento!

No exemplo, vemos uma clara modalização de registro no vocativo da sentença.

9 MUDANÇA DE COMPLEXIDADE/FLUIDEZ ESTILÍSTICA

O procedimento de mudança de complexidade ou fluidez estilística pressupõe um trabalho mais amplo de edição. Ocorre quando o tradutor mexe profundamente no texto para que ele pareça mais elegante ou mais simples e de acordo com os objetivos da tradução.

Imagine, por exemplo, que você está traduzindo um texto escrito na Idade Média para compor um guia turístico moderno. No caso, é natural que você proceda com a ampla reconstrução estilística que afeta o texto todo, pois os padrões discursivos medievais eram radicalmente diferentes daqueles dos nossos tempos atuais. Contudo, o contrário também pode acontecer: imagine que você está traduzindo as especificações técnicas para uso de uma máquina industrial, escritas por um operador de máquinas, para um manual voltado a um leitor mais acadêmico. Provavelmente, no caso, você teria de fazer ajustes estilísticos para deixar o texto mais elegante, unívoco e coeso.

10 ADAPTAÇÃO

O procedimento da adaptação, conforme Lanzetti *et al.* (2009, p. 19), “só pode ser observado a partir de uma análise de todo o texto traduzido e é alcançado através de outros procedimentos”. Exemplos de adaptação como procedimento tradutório domesticador são as traduções de clássicos voltadas ao público infantil ou, ainda, roteiros de cinema retextualizados na forma de um romance.

A respeito do primeiro caso, são famosas as adaptações feitas pela tradutora Barbara Kindermann das peças “Romeu e Julieta”, “Sonho de Uma Noite de Verão” e “Muito Barulho por Nada”, todas de W. Shakespeare.

FIGURA 3 – ADAPTAÇÃO DE SHAKESPEARE



FONTE: O autor

Para encerrar a seção, confira a seguir o verbete “Adaptação”, escrito por Georges L. Bastin, para a célebre *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. O autor diferencia uma série de procedimentos de adaptação, os quais ele chama de “modos”, como transcrição do original, omissão, expansão, exotismo, atualização, equivalência situacional e criação. Fique atento a isso!



Adaptation

Adaptation may be understood it's a set of translative operations which result in a text that is not accepted as a translation but is nevertheless recognized as representing a source Eon of about the same length. As such, the term may embrace numerous vague notions such as imitation, rewriting, and so on. Strictly speaking, the concept of adaptation requires recognition of translation as non-adaptation, as a somehow more constrained mode of transfer. For this reason, the history of adaptation is parasitic on historical concepts of translation.

The initial divide between adaptation and translation might be dated from CICERO and Horace (see LATIN TRADITION), both of whom referred to the *interpres* (translator) as working word-for-word and distinguished this method from what they saw as freer but entirely legitimate results of transfer operations. The different interpretations given to the Horatian verse, *Nec verbum verbo curabis reddere fidus interpres* ('and you will not render word-for-word [like a] faithful translator') – Irrespective of whether they were for or against the word-for-word precept – effectively reproduced the logic by which adaptations could be recognized.

The golden age of adaptation was in the seventeenth and eighteenth centuries, the epoch of the *belles infidèles*, which started in France and then spread to the rest of the world (see FRENCH TRADITION). The very free translations carried out during this period were justified in terms of the need for foreign texts to be adapted to the tastes and habits of the target culture, regardless of the damage done to the original.

The nineteenth century witnessed a reaction to this 'infidelity', but adaptations continued to predominate in the theatre. In the twentieth century, the proliferation of technical, scientific and commercial documents has given rise to a preference for transparency in translation, with an emphasis on efficient communication; this could be seen as licensing a form of adaptation which involves rewriting a text for a new readership. Generally speaking, historians and scholars of translation take a negative view of adaptation, dismissing the phenomenon as distortion, falsification of censorship, but it is rare to find clear definitions of the terminology used in discussing this controversial concept.

Main definitions

It is possible to classify definitions of adaptation under specific themes (translation technique, genre, metalanguage, Faithfulness), though inevitably these definitions tend to overlap. As a translation technique, adaptation can be defined in a technical and objective way. The best-known definition is that of Vinay and Darbelnet (1958), who list adaptation as their seventh translation procedure; adaptation is a procedure which can be used whenever the context referred to in the original text does not exist in the culture of the target text, thereby necessitating some form of re-creation. This widely accepted definition views adaptation as a procedure employed to achieve an equivalence of situations wherever cultural mismatches are encountered.

Adaptation is sometimes regarded as a form of retranslation which is characteristic of particular genres, most notably drama. Indeed, it is in relation to DRAMA TRANSLATION that adaptation has been most frequently studied. Brisset (1986: 10) views adaptation as a 'reterritorialization' of the original work and an 'annexation' in the name of the audience of the new version. Santoyo (1989: 104) similarly defines adaptation as a form of 'naturalizing' the play for a new milieu, the aim being to achieve the same effect that the work originally had, but with an audience from a different cultural background.

Adaptation is also associated with the genres of advertising and SUBTITTLING. The emphasis here is on preserving the character and function of the original text, in preference to preserving the form or even the semantic meaning, especially where acoustic and/or visual factors have to be taken into account. Other genres, such as children's literature, require the re-creation of the message according to the sociolinguistic needs of a different readership (Purttinen 1995). The main features of this type of adaptation are the use of summarizing techniques, paraphrase and omission.

Adaptation is perhaps, most easily justified when the original text is of a *metalinguistic* nature, that is, when the subject matter of the text is language itself. This is especially so with didactic works on language generally, or on specific languages. Newmark (1981) points out that in these cases the adaptation has to be based on the translator's judgement about his/her readers' knowledge.

Coseriu (1977) argues that this kind of adaptation gives precedence to the function over the form, with a view to producing the same effect as the original text. However, while such writers start from the principle that nothing is untranslatable, others like Berman (1985) claim that the adaptation of metalanguage is an unnecessary form of exoticism.

Definitions of adaptation reflect widely varying views about the concept *vis-à-vis* the issue of remaining 'faithful' to the original text. Some argue that adaptation is necessary precisely in order to keep the message intact (at least on the global level), while others see it as a betrayal of the original author. For the former, the refusal to adapt confirms the reader to an artificial world of 'foreignness'; for the latter, adaptation is tantamount to the destruction and violation of the original text. Even those who recognize the need for adaptation in certain circumstances are obliged to admit that, if remaining faithful to the text is a *sine qua non* of translation, then there is a point at which adaptation ceases to be translation at all.

Modes, conditions and restrictions

By comparing adaptations with the texts on which they are based, it is possible to elaborate a provisional list of the ways (or modes) in which adaptations are carried out, the motivations (or conditions) for the decision to adapt, and the limitations or restrictions) on the work of the adapter.

In terms of **mode** of adaptation, the procedures used by the adapter can be classified as follows:

- *transcription of the original*: word-for-word reproduction of part of the text in the original language, usually accompanied by a literal translation;
- *omission*: the elimination or reduction of part of the text;
- *expansion*: making explicit information that is implicit in the original, either in the main body or in footnotes or a glossary;
- *exoticism*: the substitution of stretches of slang, dialect, nonsense words, etc. in the original text by rough equivalents in the target language (sometimes marked by italics or underlining);
- *updating*: the replacement of outdated or obscure information by modern equivalents;
- *situational equivalence*: the insertion of a more familiar context than the one used in the original;
- *creation*: a more global replacement of the original text with a text that preserves only the essential message/ideas/functions of the original.

The most common factors (i.e. **conditions**) which cause translators to resort to adaptation are:

- *cross-code breakdown*: where there are simply no lexical equivalents in the target language (especially common in the case of translating metalanguage);

- *situational inadequacy*: where the context referred to in the original text does not exist in the target culture;
- *genre switching*: a change from one discourse type to another (e.g. from adult to children's literature) often entails a global recreation of the original text
- *disruption of the communication process*: the emergence of a new epoch or approach or the need to address a different type of readership often requires modifications in style, content or presentation.

These conditions (which in practice may exist simultaneously) can lead to two major types of adaptation: **local adaptation**, caused by problems arising from the original text itself and limited to certain parts of it (as in the first two conditions), and **global adaptation**, which is determined by factors outside the original text and which involves a more wide-ranging revision.

As a local procedure, adaptation may be applied to isolated parts of the text in order to deal with specific differences between the language of culture of the source text and that of the target text. In this case, the use of adaptation as a technique will have a limited effect on the text as a whole, provided the overall coherence of the source text is preserved. This type of adaptation is temporary and localized; it does not represent an all-embracing approach to the translation task. Local, or as Farghal (1993) calls it, 'intrinsic' adaptation is essentially a translation procedure which is guided by principles of effectiveness and efficiency and seeks to achieve a balance between what is to be transformed and highlighted and what is to be left unchanged.

As a global procedure, adaptation may be applied to the text as a whole. The decision to carry out a global adaptation may be taken by the translator him/herself or may be imposed by external forces (for example, a publisher's editorial policy). In either case, global adaptation constitutes a general strategy which aims to reconstruct the purpose, function or impact of the original text. The intervention of the translator is systematic and s/he may sacrifice formal elements and even semantic meaning in order to reproduce the function of the original.

As in the case of translation, adaptation is carried out under certain **restrictions**, the most obvious of which are:

- *the knowledge and expectations of the target reader*: the adapter has to evaluate the extent to which the content of the original text constitutes new or shared information for the potential audience;
- *the target language*: the adapter must find an appropriate match in the target language for the discourse style of the original text and look for coherence of adapting modes;
- *the meaning purpose(s)* of the original and target texts [...].

FONTE: BAKER, Mona. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. New York: Routledge, 1998. p. 166-167.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico, você aprendeu que:

- O estilo diz respeito às escolhas formais que um autor faz mediante os recursos que a língua oferece, visando provocar certos efeitos de sentido, ora estéticos, ora discursivo-pragmáticos. Talvez o estilo seja a dimensão em que as línguas mais se especificam e se particularizam.
- A omissão ocorre quando o tradutor, deliberadamente, “decide não traduzir para o texto-alvo algum item lexical ou estrutura do texto-fonte”. Uma omissão pode ocorrer não apenas para evitar redundância de informação, mas também por certas incompatibilidades de usos entre as línguas.
- Na explicitação ocorre o inverso da omissão: o tradutor entende necessário acrescentar uma informação não-óbvia ao seu interlocutor.
- O hiperônimo é uma palavra que pertence ao mesmo campo semântico de outra, mas com o sentido mais abrangente. Já o hipônimo pressupõe o sentido inverso: tem sentido mais restrito. Esses elementos são muito recorrentes quando abordamos estratégias de coesão. No entanto, hiperonímia e hiponímia também constituem recursos interessantes para técnicas de tradução.
- A compensação é o nome dado ao procedimento de tradução geralmente aplicado a jogos de palavras. Pela dispersão de elementos que caracteriza um jogo de palavras, quase sempre é impossível a tradução estrangeirizadora de um jogo de palavras, e a tradução domesticadora precisa compensar as diferenças entre as línguas com outras alternativas.
- A reconstrução é um procedimento utilizado quando precisamos alterar a organização sintática ou o significado do texto-fonte por exigências estilísticas da língua de chegada. Na reconstrução, ocorre uma paráfrase por exigências estilísticas, e não por opções mais subjetivas do tradutor.
- O registro diz respeito àquelas variantes que preferimos em cada contexto, em cada situação de uso, principalmente considerando fala vs. escrita e informalidade vs. formalidade. Muitas vezes, dependendo do leitor visado ou do veículo do texto, o tradutor pode preferir não manter o registro por conveniências sociais. Nesses casos, é comum que se altere um registro vulgar para um registro mais neutro, ou vice-versa.
- A mudança de complexidade ou fluidez estilística pressupõe um trabalho mais amplo de edição, que ocorre quando o tradutor mexe profundamente no texto para que ele pareça mais elegante ou mais simples, de acordo com os objetivos da tradução.



Considerando que a adaptação envolve a combinação de outros procedimentos domesticadores e objetivando uma transformação mais profunda e global do texto-fonte, considere a adaptação do seguinte trecho da peça “Sonhos de Uma Noite de Verão”, de W. Shakespeare:

Texto-fonte:	Adaptação
PUCK Through the forest have I gone. But Athenian found I none, On whose eyes I might approve This flower's force in stirring love. Night and silence.--Who is here? Weeds of Athens he doth wear: This is he, my master said, Despised the Athenian maid; And here the maiden, sleeping sound, On the dank and dirty ground. Pretty soul! she durst not lie Near this lack-love, this kill-courtesy. Churl, upon thy eyes I throw All the power this charm doth owe. When thou wakest, let love forbid Sleep his seat on thy eyelid: So awake when I am gone; For I must now to Oberon. <i>Exit</i> <i>Enter DEMETRIUS and HELENA,</i> <i>running</i> HELENA Stay, though thou kill me, sweet Demetrius. DEMETRIUS I charge thee, hence, and do not haunt me thus. HELENA O, wilt thou darkling leave me? do not so. DEMETRIUS Stay, on thy peril: I alone will go. <i>Exit</i>	Enquanto isso, Puck havia encontrado um casal de atenienses adormecido em uma clareira. O que ele não podia imaginar era que não era Demétrio e, sim, Lisandro que estava ali deitado, descansando sobre o musgo macio ao lado de Hérnia. Rapidamente, Puck esfarelou algumas pétalas da flor mágica sobre os olhos de Lisandro e partiu. Tudo estaria certo se Lisandro tivesse encontrado Hérnia assim que despertasse. Mas não foi isso que aconteceu.

HELENA O, I am out of breath in this fond chase! The more my prayer, the lesser is my grace. Happy is Hermia, wheresoe'er she lies; For she hath blessed and attractive eyes. How came her eyes so bright? Not with salt tears: If so, my eyes are oftener wash'd than hers. No, no, I am as ugly as a bear; For beasts that meet me run away for fear: Therefore no marvel though Demetrius Do, as a monster fly my presence thus. What wicked and dissembling glass of mine Made me compare with Hermia's sphery eyne? But who is here? Lysander! on the ground! Dead? or asleep? I see no blood, no wound. Lysander if you live, good sir, awake.	Helena perdera seu amado Demétrio de vista e, sem rumo, vagou sozinha pela noite, atravessando a escuridão da floresta. Chegou na clareira por acaso e, por estar escuro, tropeçou em Lisandro, que ali continuava adormecido. Ele, então, acordou assustado e viu Helena. Foi então que a seiva mágica mostrou imediatamente seu poder, porque Lisandro se apaixonou por ela perdidamente.
LYSANDER [Awaking] And run through fire I will for thy sweet sake. Transparent Helena! Nature shows art, That through thy bosom makes me see thy heart. Where is Demetrius? O, how fit a word Is that vile name to perish on my sword! HELENA Do not say so, Lysander; say not so What though he love your Hermia? Lord, what though? Yet Hermia still loves you: then be content.	- Oh, bela Helena! - disse - Por você, sou capaz de qualquer coisa! Sem entender, Helena perguntou, confusa: - O que você está falando, Lisandro? Está gostando de mim? Está brincando comigo? Você ama Hérnia, e ela o ama. - Não mais, porque agora eu amo só você, Helena! – gritou Lisandro.

LYSANDER

Content with Hermia! No; I do repent
The tedious minutes I with her have
spent.

Not Hermia but Helena I love:

Who will not change a raven for a
dove?

The will of man is by his reason
sway'd;

And reason says you are the worthier
maid.

Things growing are not ripe until their
season

So I, being young, till now ripe not to
reason;

And touching now the point of human
skill,

Reason becomes the marshal to my
will

And leads me to your eyes, where I
o'erlook

Love's stories written in love's richest
book.

HELENA

Wherefore was I to this keen mockery
born?

When at your hands did I deserve this
scorn?

Is't not enough, is't not enough, young
man,

That I did never, no, nor never can,
Deserve a sweet look from Demetrius'
eye,

But you must flout my insufficiency?

Good troth, you do me wrong, good
sooth, you do,

In such disdainful manner me to woo.

But fare you well: perforce I must
confess

I thought you lord of more true
gentleness.

O, that a lady, of one man refused.

Should of another therefore *be* abused!

Exit

A triste Helena achava que era uma
brincadeira de mau gosto e, chorando,
saiu correndo pela floresta. Louco de
amor, Lisandro corria atrás dela.

- 1 Na primeira parte do trecho, em que o solilóquio de Puck é adaptado para uma narração em prosa, que procedimento domesticador a tradutora usou?
- 2 Na tradução da fala de Lisandro “And run through fire I will for thy sweet sake. ITransparent Helena!” por “– Oh, bela Helena! – disse – Por você, sou capaz de qualquer coisa!”, que procedimento domesticador podemos reconhecer?
- 3 Baseado na leitura complementar, de Georges L. Bastin, associe os modos de adaptação elencados pelo autor às definições:

- I- Transcrição do original
- II- Omissão
- III- Expansão
- IV- Exotismo
- V- Atualização
- VI- Equivalência situacional
- V- Criação

- () Eliminação ou redução de parte do texto.
- () Reprodução palavra por palavra de parte do texto na língua original, geralmente acompanhada de uma tradução literal.
- () Substituição de trechos com gíria, dialeto, palavras sem sentido etc. No texto original por equivalentes aproximados na língua-alvo.
- () Tornar explícita a informação implícita no original, seja no corpo principal, em notas de rodapé ou em um glossário.
- () Inserção de um contexto mais familiar.
- () Substituição mais global do texto original por um texto que preserve apenas as mensagens/ideias/funções essenciais do original.
- () Substituição de informações desatualizadas ou obscuras por equivalentes modernos.

DOMESTICAÇÃO DA REALIDADE EXTRALINGUÍSTICA

1 INTRODUÇÃO

Assim como na unidade anterior, na qual tratamos da manutenção de itens culturais da cultura-fonte, agora vamos enfocar os procedimentos pelos quais podemos enfatizar a cultura da língua de chegada, isto é, a realidade extralinguística do texto traduzido.

Como veremos, a domesticação dessa realidade implica mudar ou substituir certos itens culturais e referências exóforas (externas à cultura de chegada) presentes no texto-fonte. Antes, porém, de entrarmos em detalhes sobre a tradução domesticadora de elementos culturais, que tal entendermos mais sobre cultura e como isso importa para a tradução? Acompanhe!

2 OS ESTUDOS CULTURAIS E SUA IMPORTÂNCIA PARA A TRADUÇÃO

Até o nascimento da antropologia, a cultura se referia exclusivamente ao ideal humanista do que era considerado civilizado em uma sociedade desenvolvida. Desde então, um segundo significado da cultura, como o modo de vida de um povo, tornou-se influente. Com o desenvolvimento de disciplinas surgiu um terceiro significado que tenta identificar razões políticas ou ideológicas para um comportamento cultural específico. Assim, dependendo da definição adotada, a cultura pode ser formalmente aprendida, inconscientemente compartilhada. Para complicar ainda mais as coisas, os próprios antropólogos agora questionam seriamente a velha ideia de um povo possuindo uma cultura compartilhada.

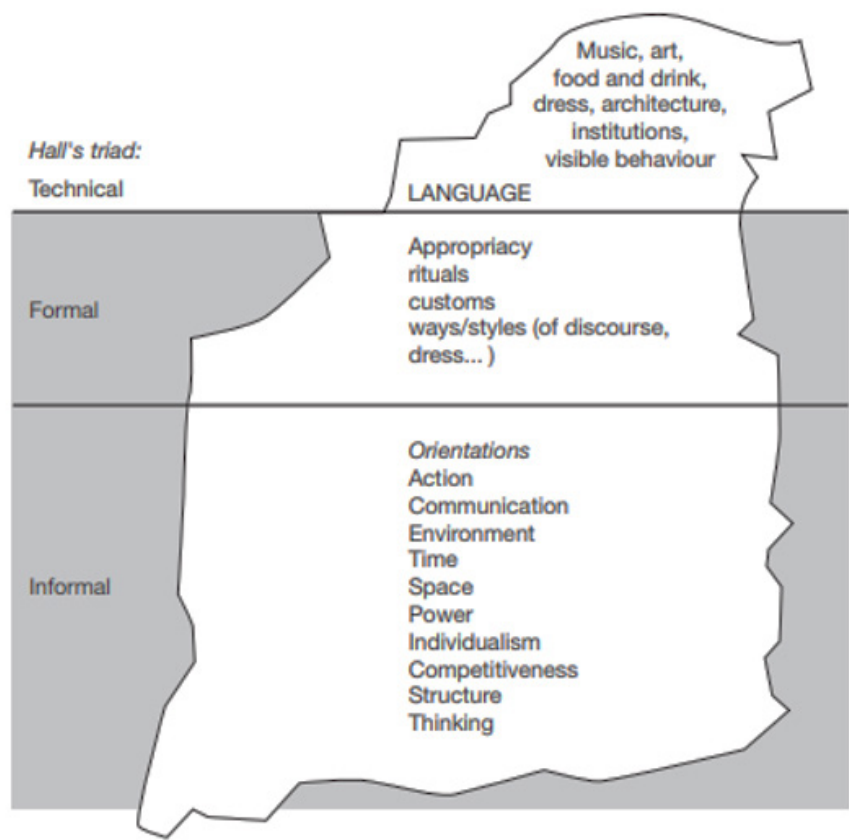
Nos estudos de tradução, teóricos e praticantes estão igualmente divididos quanto ao significado e importância da cultura, embora a maioria aceite tacitamente que existe alguma forma de “filtro cultural” (HOUSE, 2002) envolvido no processo de tradução.

3 CULTURA COMO UM SISTEMA DE FRAMES

Podemos esclarecer as definições aparentemente contraditórias de cultura, apresentando-as como frames ou níveis hierárquicos. Essa hierarquia é baseada na teoria dos tipos, que permite que cada tipo de cultura concorrente (ou seja, definições) seja válido para tradução, embora dentro de seu próprio nível. Em outras palavras, todos esses conceitos de cultura disponíveis importam e influenciam no tipo de tradução que se faz e como se faz.

Katan (2004) propõe uma definição de cultura como um “modelo de mundo”, um sistema hierárquico de crenças, valores e estratégias congruentes e inter-relacionados que pode orientar ação e interação, dependendo do contexto cognitivo. Em seus termos, “cada aspecto da cultura está ligado a um sistema [fluido] para formar um contexto unificador de cultura” (KATAN, 2004, p. 26). Os próprios níveis baseiam-se no popular modelo de iceberg antropológico de Edward T. Hall, a “Tríade da Cultura” (1990), que serve para introduzir uma dimensão do sistema, dividindo aspectos da cultura em visíveis (acima da superfície), semivisíveis e invisíveis.

FIGURA 4 – TRIÁDE DA CULTURA DE HALL: NÍVEIS TÉCNICOS, FORMAIS E INFORMAIS



FONTE: Adaptado de Brake, Medina-Walker e Walker (1995, p. 39)

Os frames abaixo da superfície estão cada vez mais ocultos, mas também progressivamente próximos de nossas suposições inquestionáveis sobre o mundo e nossas próprias identidades (culturais). Uma outra dimensão sociológica pode ser descrita como operando no próprio *iceberg*. Os níveis também refletem as várias maneiras pelas quais aprendemos cultura: tecnicamente, através de instrução explícita; formalmente, através de modelagem de tentativa e erro; e informalmente, através da inculcação inconsciente de princípios e visões de mundo. Os estudiosos da tradução tendem a se concentrar nos níveis mais ocultos, enquanto os praticantes estão mais preocupados com o que é visível na superfície.

4 CULTURA TÉCNICA: CIVILIZAÇÃO

O primeiro frame cultural está na ponta do *iceberg* e coincide com o conceito humanista de cultura. É o que o senso comum reconhece por patrimônio cultural imaterial. O foco está no texto, vestido nas melhores roupas civilizadas de uma cultura particular.

Nesse nível técnico, os sinais de idioma têm uma função referencial WYSIWYG (What-You-See-Is-What-You-Get) clara, e quaisquer valores ocultos associados são universais. A tarefa do tradutor é transferir os termos e conceitos no texto-fonte para o exterior com perda mínima (de literatura e ideias filosóficas para manuais de software), de modo que “o que você vê” no texto de origem é equivalente “ao que você vê” no texto de destino. Enquanto as duas culturas alcançaram um grau comparável de desenvolvimento, argumentaram alguns que não há razão para que o significado, a resposta do leitor e a compreensão não devam ser universais. Isso é o que Newmark (1981, p. 184-185), por exemplo, chama de “o valor cultural” da tradução. De fato, o Estatuto da Federação Internacional de Tradutores assume similarmente que o valor da tradução é que ela “ajuda na disseminação da cultura” em todo o mundo.

Em relação aos títulos dos capítulos, em *Translators through History*, Delisle e Woodsworth (1995) nos dão uma ideia do que está envolvido em tal nível: a invenção dos alfabetos e a redação de dicionários, o desenvolvimento de línguas e literaturas nacionais e a disseminação de religiões e valores culturais.

Dependendo das assimetrias de poder, espalhar os novos termos e conceitos pode ser uma ação entendida de maneiras antagônicas: ora como iluminação ou uma adição muito valiosa ao debate intelectual, ora como o fardo do homem branco, como uma afronta, ou como o manejo da hegemonia. No entanto, as principais preocupações dos tradutores que intervêm nesse nível são o texto em si e a tradução de termos ligados à cultura ou “culturemas” – definidos como fenômenos formalizados, que existem em uma forma ou função particular em apenas uma das duas culturas. Esses culturemas, ou categorias culturais, nos termos de Newmark (1988, p. 95), cobrem uma ampla gama de campos semânticos: da geografia e tradições às instituições e tecnologias. Vários estudiosos ofereceram uma infinidade de estratégias para compensar a falta de equivalência nesse nível.

5 CULTURA FORMAL: PRÁTICAS FUNCIONALISTAS E APROPRIADAS

O segundo nível de Hall, o nível formal, deriva da definição antropológica que focaliza o que é normal ou apropriado (e não o que é civilizado). A definição de cultura de Hans Vermeer, aceita por muitos tradutores como a padrão, pertence a esse nível: “A cultura consiste em tudo o que se precisa conhecer, dominar e sentir. É preciso avaliar onde os membros de uma sociedade estão se comportando de maneira aceitável ou desviante em seus vários papéis” (SNELL-HORNBY, 2006, p. 55).

A cultura aqui é um padrão previsível de práticas compartilhadas que orientam o uso real da linguagem (nível técnico). Por exemplo, preferências de gênero específicas da cultura, protótipos e esquemas, ou simplesmente bom estilo. O que é julgado como uma boa prática de tradução também é guiado por normas, regras e convenções de tradução, incluindo quais textos são aceitos para tradução, o tipo de estratégia de tradução e compensação a empregar e os critérios pelos quais uma tradução é julgada.

A intervenção concentra-se no escopo da tradução e na adaptação da tradução. Na prática, no entanto, frequentemente são os gerentes de projeto e os intérpretes culturais da indústria da linguagem que, em última instância, mediam a cultura formal, deixando o tradutor com a parte técnica da língua/cultura.

6 CULTURA INFORMAL: SISTEMAS COGNITIVOS

Hall (1980) refere-se ao terceiro nível de cultura como nível informal ou nível fora da consciência, porque normalmente não é acessível ao cérebro consciente para comentários metacognitivos. Nesse nível, não há guias formais para a prática, mas valores e crenças fundamentais inquestionáveis, ou histórias sobre o eu e o mundo. Dessa forma, a cultura, inculcada por exemplo através da família, da escola e da mídia, torna-se uma representação interna da realidade relativamente fixa (o *habitus* de Bourdieu).

Paralelamente a essa concepção, a antropologia psicológica define a cultura em termos de:

- um modelo, mapa ou visão compartilhada do mundo perceptível;
- uma programação mental;
- a forma das coisas que as pessoas têm em mente.

Esses são valores éticos primários e essenciais ou valores transcendentais, que guiam as escolhas culturais formais. A hierarquia das orientações de valor preferidas é vista como resultado de uma resposta da comunidade às necessidades ou problemas humanos universais, tais como as relações com o tempo e entre o indivíduo e o grupo.

Lefevere e Bassnett (1990) foram os primeiros a popularizar a visão de que a tradução é uma prática bicultural que requer mudanças mentais de um modelo linguístico de um mundo para outro. Ainda, mediar (ou compensar) habilidades para lidar com a inevitável refração entre uma realidade e outra.

Nessa perspectiva, as línguas/culturas foram estudadas através, por exemplo, da descrição de sua gramática cultural, regras subconscientes que moldam as formas de pensar, sentir, falar e interagir. Seus roteiros culturais fornecem forte evidência linguística para a necessidade de tradução no nível informal.

7 FORA DO ICEBERG: RELAÇÕES DE PODER

Sociólogos e estudiosos de estudos culturais tendem a se concentrar na influência que a cultura exerce na sociedade e nas instituições em termos de ideologias predominantes. A cultura aqui é vista como o resultado das pressões que as estruturas sociais aplicam à ação social. Essas pressões moldam, manipulam ou entram em conflito com o indivíduo, mas compartilham os modelos do mundo.

Duas outras diferenças fundamentais distinguem a abordagem do modelo antropológico tradicional. Primeiramente, indivíduos (e textos) não podem ser atribuídos a uma única cultura nessa visão. Eles têm muitas proveniências culturais, são diversamente privilegiados ou suprimidos de diferentes perspectivas, e irão negociar uma posição dentro de um conjunto de sistemas culturais complexos que estão constantemente disputando poder. Nos estudos de tradução, os estudiosos que se baseiam na teoria do polissistema, na teoria pós-colonial e na teoria da narrativa compartilham essa suposição.

Em segundo lugar, o próprio sistema de cultura está constantemente sujeito a questionamentos (como é a ideia da relatividade cultural). Nesse nível, os tradutores intervêm entre sistemas de poder concorrentes (e desiguais), reconhecendo que os textos (e eles mesmos) são portadores de ideologias. Por exemplo, a decisão de traduzir *The Satanic Verses*, de Salman Rushdie, ou *Did Six Million Really Die?*, de Harwood, são casos claros que ilustram o problema em questão.

O tradutor nesse nível não é mais um mediador imparcial, mas está consciente de ser um agente ético de mudança social, ou um ativista envolvido em renunciar ao mundo.

Na mesma linha, a preferência de Venuti por estratégias estrangeirizadoras “decorre em parte de uma agenda política [...], uma oposição à hegemonia global do inglês” (VENUTI, 1992, p. 10), uma hegemonia que comunica e normaliza valores culturais específicos (por exemplo: capitalistas, coloniais). A intervenção claramente levanta muitas questões éticas.

Em um nível prático, a dificuldade de desestabilizar o terceiro nível de cultura (informal ou fora do conhecimento) significa que apenas uma linha tênue distingue uma tradução bem-sucedida, resistindo a convenções genéricas para introdução de uma nova maneira de escrita ou pensamento. Como Baker (2006, p. 98) coloca, até violações de enredos canônicos têm que ser efetuadas dentro de enredos normativos circunscritos (isto é, cultura formal) se quiserem ser inteligíveis.

Em última análise, a cultura deve ser entendida não apenas como um conjunto de níveis ou frames, mas como um sistema integrado, em constante estado de fluxo. Os sinais textuais são negociados e reinterpretados de acordo com o contexto e a posição individual.

AUTOATIVIDADE



- 1 Com base na seção que você acabou de estudar, relacione os conceitos de cultura apresentados ao papel atribuído ao tradutor em cada nível:

- I- Cultura técnica (civilização)
- II- Cultura formal (práticas funcionalistas e apropriadas)
- III- Cultura informal (sistemas cognitivos)
- IV- Cultura como produto das relações de poder

- () Neste nível, o tradutor intervém entre sistemas de poder concorrentes (e desiguais) não mais para facilitar, mas para participar da construção do mundo, reconhecendo que os textos (e eles mesmos) são portadores de ideologias. Assim, o tradutor deixa de ser um mediador imparcial e passa a ser um agente ético de mudança social, ou um ativista envolvido em renunciar ao mundo.
- () A tarefa do tradutor neste nível é respeitar normas, regras e convenções de tradução culturalmente específicas, incluindo quais textos são aceitos para tradução, estratégias de tradução e compensação e os critérios pelos quais uma tradução é julgada. O tradutor precisa pensar bem no público-alvo da sua tradução e na adaptação diante das expectativas dos destinatários.
- () Neste nível não há guias formais para nortear a tarefa do tradutor. A prática apoia-se na transferência de material apoiando-se em valores e crenças que resultam de formas de ver o mundo, inculcadas pela família, a escola, a mídia. Traduzir, neste nível, corresponde a transferir modelos de valores transcendentais.
- () A tarefa do tradutor neste nível é transferir os termos e conceitos no texto-fonte para o exterior com perda mínima, de modo que o que se vê no texto-fonte é equivalente ao que se apreende no texto de destino.

8 TRANSFERÊNCIA

Agora que fizemos uma grande digressão diante das implicações dos estudos culturais na teoria da tradução, vejamos alguns procedimentos específicos que envolvem a domesticação de itens culturais do texto de partida, começando pelo procedimento da transferência.

O procedimento de transferência ocorre quando o tradutor decide transferir certa referência cultural para a instituição correspondente na cultura-alvo. Nos exemplos a seguir, vemos um símbolo (a Estátua da Liberdade) e uma instituição cultural americana (a festa dos “Sweet 16”), sendo transferidos para possíveis correspondentes culturais brasileiros:

1. *Mount McKinley has the height of 135 Statues of Liberty.*

O Monte McKinley possui a altura equivalente a **165 estátuas do Cristo Redentor**.

2. *My daughter is going to throw a great party at her Sweet 16.*

Minha filha vai dar **um grande baile de debutante nos seus 15 anos**.

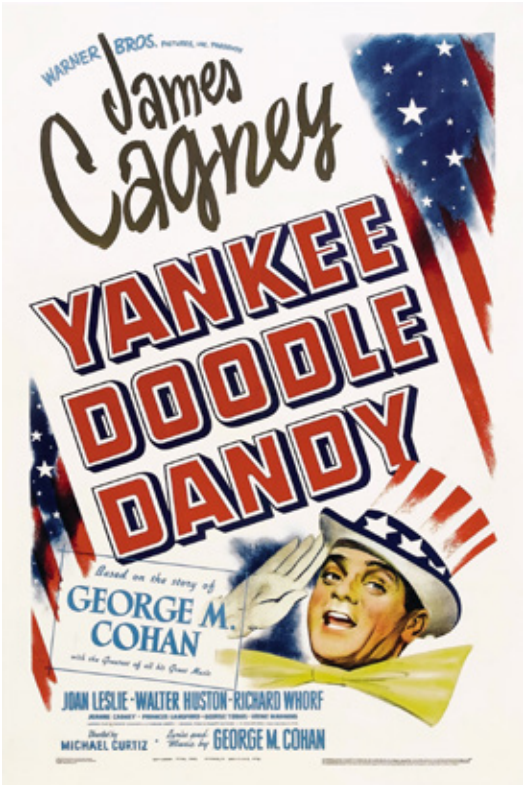
Nesses exemplos, o tradutor julgou conveniente transferir essas referências para a realidade brasileira, julgando mais efetivo usar o “Cristo” como escala de medida e a “festa de debutante” como instituição equivalente. Algo semelhante acontece no exemplo seguinte, retirado de um texto literário:

3. *We know he's not whistling "Yankee Doodle Dandy" – we know he's foretelling the truth. But how many of 'them' do you think still believe he just whistling?*

A gente sabe que ele não está apenas assoviando “**Brasileirinho**” – a gente sabe que ele está tentando dizer a verdade. Mas quantos você acha que ainda acreditam que estão apenas assoviando?

“Yankee Doodle” é uma cantiga muito simbólica para a identidade cultural americana, equiparável ao choro “Brasileirinho”, sempre quando buscamos uma canção representativa da identidade brasileira. Por isso, o tradutor transferiu a referência de “Yankee Doodle” para “Brasileirinho”, crente de que o leitor brasileiro entenderá mais rapidamente a função que essa referência cultural tem no contexto.

FIGURA 5 – CARTAZ DE UM MUSICAL BASEADO NA CANÇÃO YANKEE DOODLE



FONTE: <<https://2.bp.blogspot.com/-6oGYQLbFOzI/W2grpcV4rEI/AAAAAAAAKoE/JvCjADGxISUQqCGxHvgGYqtWIK1LbXHigCLcBGAs/s1600/A%2BCAN%25C3%2587%25C3%2583O%2BDA%2BVITORIA.jpg>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

9 EXPLICAÇÃO

A explicação como procedimento domesticador de tradução no plano da realidade extratextual diz respeito aos paratextos que o tradutor agrega para esclarecer certas escolhas, explicar referências culturais específicas do texto-fonte etc.



Um paratexto é todo elemento que se coloca paralelo ao texto, a fim de contribuir na construção do seu contexto e para garantir a sua inteligibilidade. No contexto da tradução, os principais paratextos são notas intratextuais (colocadas entre parênteses, geralmente), notas de rodapé, prefácios e apêndices.

Lyra (1998) comenta, por exemplo, quatro casos em que os tradutores recorreram (ou poderiam ter recorrido) ao procedimento da explicação por meio de notas. No primeiro caso, em um conto de Poe, um homem pede a outro para provar que era maçom, e o segundo mostra uma pá de pedreiro. O jogo em questão repousa sobre a palavra *mason*, que pode significar tanto *maçom* quando *pedreiro*. A autora defende que, no caso, o tradutor deveria ter usado uma nota para explicar o contexto original.

O segundo caso remete a um trecho de Alice no País das Maravilhas, de Carrol. Alice pergunta: “Por que é que seu gato sorri assim?”, e a Duquesa responde: “Porque ele é um gato de Cheshire”. A tradutora aqui acrescentou uma nota explicativa, esclarecendo que a cidade de Cheshire na Inglaterra é famosa por um queijo cuja forma parece um gato sorrindo, de onde surgiu na época de Carrol a expressão “sorrir como um gato de Cheshire”.

FIGURA 6 – ILUSTRAÇÃO DO GATO DE CHESHIRE



FONTE: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1e/Cheshire_Cat_Tenniel.png>. Acesso em: 12 jul. 2019.

O terceiro caso, que aparece em um conto de Hemingway, é uma nota ao termo *eland*, que designa um animal que, embora grande, não pode ser considerado um troféu de caça, símbolo de bravura. O termo poderia ser traduzido por *elã* ou *celfo*, mas essas opções não esclareceriam, ao leitor brasileiro, a metáfora e a função retórica que esse termo desempenha na narrativa.

FIGURA 7 – UM ELÃ



FONTE: <<http://www.portaldosanimais.com.br/wp-content/uploads/2017/01/Elande-Gigante.jpg>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

Por fim, Lyra (1998) ainda comenta o caso de *Labor Day*, que, embora pudesse ser traduzido forçosamente por *Dia do Trabalho*, tem significados e valores completamente diferentes e requer uma nota explicativa ao leitor brasileiro. Você pode acompanhar o texto completo na leitura complementar a seguir.

LEITURA COMPLEMENTAR

A INFLUÊNCIA DA NOTA NA FLUÊNCIA DO TEXTO

Regina Maria de Oliveira Tavares de Lyra

No campo da literatura de consumo, inclusive a infanto-juvenil, o objetivo do tradutor mais comumente apontado como primordial por editores, críticos e leitores é manter a fluência do texto, cujo objetivo principal é transmitir uma história, sem a preocupação de debater ideias ou conceitos.

O leitor, em princípio, carecerá das notas todas as vezes em que dificuldades fundadas na falta de um equivalente ideal na língua-alvo fizerem com que sua compreensão seja incompleta, confusa ou até mesmo impossível. É o caso, por exemplo, do conto “O Barril de Amontillado”, tradução de “The Cask of Amontillado”, de Edgar Allan Poe. A tradução de Oscar Mendes e Milton Amado, bem como duas outras que pesquisei (de José Paulo Paes, no livro *Histórias Extraordinárias*, Editora Cultrix, São Paulo, 1958 e de Brenno Silveira e outros, no livro *Histórias Extraordinárias*, Editor Victor Civita, São Paulo, 1981), não contêm nota para esclarecer uma passagem que ficou completamente sem sentido. Na página 88, para provar que é maçom, o personagem mostra ao interlocutor uma colher de pedreiro, o que faz com que o outro se irrite.

Em inglês, a irritação é perfeitamente compreensível, já que o personagem que responde, apesar de saber que o outro está se referindo à Maçonaria, mostra um sinal de que é pedreiro, em uma nítida atitude zombeteira. Para o leitor do texto em português que desconhece que a palavra inglesa para pedreiro é mason, homônima, do adjetivo que denomina os membros da Maçonaria, o diálogo e a reação irritada do personagem ficam sem sentido.

É possível que os tradutores tenham acrescentado a nota, posteriormente retirada pelo editor, não havendo como esclarecer se isso, de fato, ocorreu. É interessante, porém, notar que o mesmo trecho foi entregue a uma turma de alunos do curso de formação de tradutores da PUC/RJ para tradução e que nenhum dos alunos propôs uma nota explicativa.

No outro extremo encontra-se o exemplo de uma nota que, embora acrescente uma informação cultural ao texto, não é absolutamente necessária para sua compreensão. Na tradução da escritora Ana Maria Machado para Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, página 61, Alice pergunta: “Por que é que seu gato sorri assim?” e a Duquesa responde: “Porque ele é um gato de Cheshire”. A tradutora faz, então, uma nota explicando a origem da expressão sorrir como um gato de Cheshire, dizendo que a expressão era usada na época em que transcorre a história: “Na Inglaterra daquela época usava-se a expressão “sorrir como um gato de Cheshire” (justamente a região onde o autor nasceu), pois o famoso queijo de Cheshire era fabricado num molde que tinha a forma de

um gato sorrindo”. Depois de mais de cem anos, um falante de língua inglesa, hoje, diante do texto original de “Alice”, também desconhecerá o significado da expressão Cheshire.

Existem inúmeras edições de Alice no País das Maravilhas feitas para adultos. Numa delas seria mais do que justificável a presença de tal nota. No fim do livro, a tradutora fala sobre seu trabalho, inclusive sobre as notas explicativas que deixou de acrescentar porque “um monte de notas iria interromper o prazer da leitura”.

Das cinco notas que a tradutora afirma ter resistido à tentação de acrescentar, apenas duas se referem a dificuldades oriundas da falta de equivalência na língua alvo: nº 3 e 5. A nota que acrescentou não pertence à seara da tradução e sua necessidade foi sentida pela tradutora na qualidade de escritora. Sem nenhum intuito de crítica, até porque há enorme coerência na forma como foi abordada a empreitada de traduzir obra tão especial, acredito que esta nota não seria cogitada por um tradutor que não fosse escritor.

O último exemplo consta da tradução feita por Enio Silveira e José J. Veiga do conto de Ernest Hemingway “A Vida Breve e Feliz de Francis Macomber”. Na página 16 aparece a palavra *elan*, sobre a qual os tradutores fizeram uma nota explicativa que me parece pertinente. O equivalente em português, no caso (elã ou movimento), não informaria tão bem o leitor quanto à explicação ao pé da página. Como é longo o período em que se discute o referido animal e com implicações na história, mesmo não sendo indispensável, a nota cumpre um papel e preenche uma lacuna originada especificamente pela ausência de equivalente ideal na língua-alvo.

Dos três exemplos, apenas no primeiro caso (em que não foi acrescentada), a nota parece ser imprescindível para que o texto traduzido cumpra a mesma função do texto original.

Acredito ser um dos princípios que deve nortear a opção do tradutor por uma nota. Sua finalidade será dar ao leitor a mesma habilidade de compreensão que tem o leitor do original, considerando-se o termo “idioma” mais abrangente do que “língua”, envolvendo não só estrutura e vocabulário, mas, também, seu emprego convencional. Expressões idiomáticas e idiomatismos culturais nem sempre encontram equivalência, havendo necessidade, em alguns casos, de notas explicativas para que seja preservada a função do texto original. Um exemplo é dado por Stella Tagnin:

[...] O feriado denominado Labor Day, nos Estados Unidos, é um idiomatismo cultural por não poder ser traduzido literalmente, embora tenhamos no Brasil um feriado com o mesmo nome - “Dia do Trabalho”. Entretanto, os feriados têm significados diferentes nas duas línguas, além de serem comemorados em datas distintas. Dessa forma, uma tradução literal deixaria de transmitir uma informação cultural contida na expressão da língua de partida.

Assim, “faz-se necessária uma explicação do tradutor, pois o feriado americano foi estabelecido por sugestão de um carpinteiro de nome Peter McGuire para celebrar o espírito industrial dos Estados Unidos”. Além disso, “é comemorado na primeira segunda-feira de setembro, sendo que as aulas, na maioria das escolas americanas, têm início logo após esse feriado”.

Em um caso assim, como acontece com relação à homonímia da palavra mason, o leitor da tradução, salvo se informado através de uma nota do tradutor, não será capaz de ler o texto com a mesma compreensão do leitor americano, não por falta de equivalência na língua de chegada, mas porque a equivalência que existe poderá levá-lo a uma compreensão equivocada.

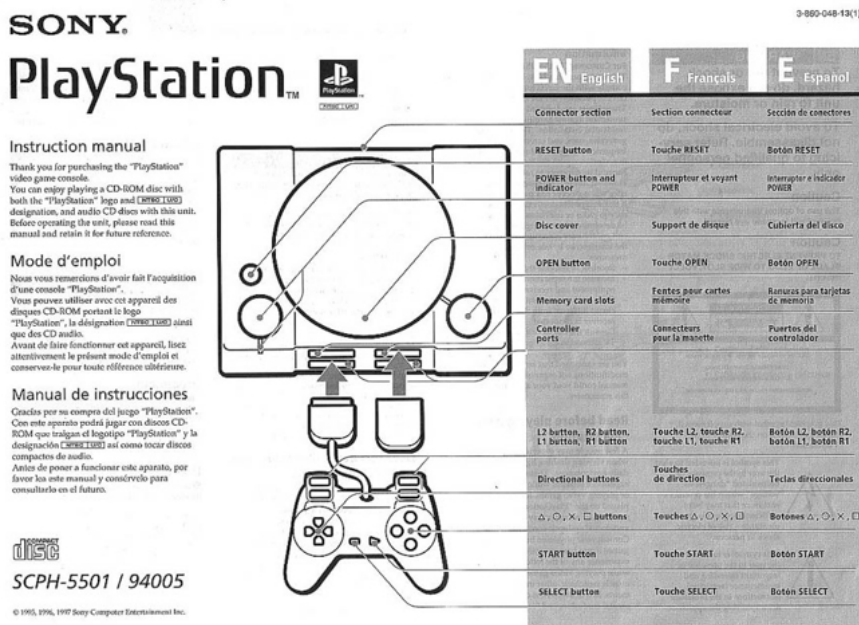
FONTE: LYRA, Regina Maria de Oliveira Tavares de. Explicar é preciso? **Fragmentos**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 74-76, 1998.

10 ILUSTRAÇÃO

A ilustração refere-se ao acréscimo de elementos gráficos paratextuais para esclarecimento da tradução: formas gráficas, ícones, desenhos, fotos etc. Assemelha-se à explicação em termos de função, porém o paratexto aqui é gráfico, e não verbal.

Lanzetti *et al.* (2009, p. 20) lembram que esse procedimento “é geralmente utilizado em manuais técnicos. Fotos dos aparelhos, botões, substâncias ou materiais referidos no texto-fonte aparecem ao lado de seus referentes”.

FIGURA 8 – EXEMPLO DE ILUSTRAÇÃO



FONTE: O autor

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico, você aprendeu que:

- Há, pelo menos, quatro conceitos de cultura que implicam diferentes posturas do tradutor: cultura técnica (civilização), cultura formal (práticas funcionalistas e apropriadas), cultura informal (sistemas cognitivos) e cultura como produto das relações de poder.
- Admitindo a concepção técnica de cultura, o tradutor se preocupa em transferir os termos e conceitos no texto-fonte para o exterior com perda mínima, de modo que o que se vê no texto-fonte é equivalente ao que se apreende no texto de destino.
- Compreendendo a cultura como cultura formal (práticas funcionalistas e apropriadas), o tradutor se preocupa em respeitar normas, regras e convenções de tradução culturalmente específicas, incluindo quais textos são aceitos para tradução, estratégias de tradução e compensação e os critérios pelos quais uma tradução é julgada. O tradutor precisa pensar bem o público-alvo da sua tradução e na adaptação diante das expectativas dos destinatários.
- Assumindo a cultura como cultura informal (sistemas cognitivos), o tradutor busca respeitar normas, regras e convenções de tradução culturalmente específicas, incluindo quais textos são aceitos para tradução, estratégias de tradução e compensação e os critérios pelos quais uma tradução é julgada. O tradutor precisa pensar bem o público-alvo da sua tradução e na adaptação.
- Entendendo a cultura como produto das relações de poder, o tradutor intervém entre sistemas de poder concorrentes (e desiguais) não mais para facilitar, mas para participar da construção do mundo, reconhecendo que os textos (e eles mesmos) são portadores de ideologias. Assim, o tradutor deixa de ser um mediador imparcial e passa a ser um agente ético de mudança social, ou um ativista envolvido em renunciar ao mundo.
- A domesticação da realidade extralinguística implica mudar ou substituir certos itens culturais e referências exóforas presentes no texto-fonte.
- O procedimento da transferência ocorre quando o tradutor decide transferir certa referência cultural para a instituição correspondente na cultura-alvo.

- A explicação como procedimento domesticador de tradução no plano da realidade extratextual diz respeito aos paratextos que o tradutor agrega para esclarecer certas escolhas, explicar referências culturais específicas do texto-fonte etc. No contexto da tradução, os principais paratextos são notas intratextuais (colocadas entre parênteses, geralmente), notas de rodapé, prefácios e apêndices.
- A ilustração refere-se ao acréscimo de elementos gráficos paratextuais para esclarecimento da tradução: formas gráficas, ícones, desenhos, fotos etc.

AUTOATIVIDADE



- 1 Relembre os quatro casos comentados por Lyra (1998) na Leitura Complementar deste tópico, em que se poderia utilizar o procedimento da explicação por meio de notas de rodapé. Você concorda com as posições da autora? Indique em quais dos quatro casos você agregaria uma nota explicativa e explique por que você, como tradutor, faria isso.
- 2 Imagine que você é o tradutor dos quatro textos referidos por Lyra (1998) e proponha uma nota de rodapé para cada um dos casos referidos.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Roger M. A. **Arabic literature**. 2018. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/Arabic-literature>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ALLEN, Woody. **Without feathers**. New York: Random House, 1975.

ALVES, Fábio. Unidades de tradução: o que são e como operá-las. *In*: ALVES, Fábio; MAGALHÃO, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, 2000.

BAKER, Mona. Translation and activism: emerging patterns of narrative community. **The Massachusetts Review**, v. 47, n. 3, p. 462–84, 2006.

BAKER, Mona. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. New York: Routledge, 1998. p. 166-167.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução**. Campinas: Pontes, 1990.

BASSNETT, Susan. **Estudos da tradução**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BRAKE, Terence; MEDINA-WALKER, Danielle; WALKER, Thomas. **Doing business internationally: the guide to cross-cultural success**. Burr Ridge: Irwin, 1995.

BYRD, Pat. **Coordination & Subordination**. Atlanta: Georgia US, 2009. Disponível em: www2.gsu.edu/~eslhpb/grammar/lecture_9/co_sub.htm. Acesso em: 12 fev. 2019.

CAMPBELL, Stuart. **Translation into the second language**. London & New York: Longman, 1998.

CATFORD, J. C. **Uma teoria linguística da tradução: um ensaio em linguística aplicada**. São Paulo: Cultrix; Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1980.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Translators through history**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1995.

FURLAN, M. Teoria de tradução de Lutero. *In*: ENDRUSCHAT, Annete; SCHÖNBERGER, Axel. **Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische**. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2004.

FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: I. **Cadernos de Tradução**, PGET/UFSC, n. 8, p. 11-28, 2001.

GERLOFF, P. Identifying the unit of analysis in translation: some uses of think-aloud protocol data. In: FAERCH, C.; KASPER, G. **Introspection in second language research**. Philadelphia: Multilingual Matters, 1987.

GUERINI, Andréia; COSTA, Walter. **Introdução aos estudos de tradução**. Florianópolis: CCE/UFSC, 2006.

HAAS, W. **The theory of translation**. London: The Royal Institute of Philosophy, 1968.

HALL, E. T. **The silent language**. Santa Barbara: Greenwood Press, 1980.

HENRÍQUEZ, Cristina. **Come together, fall apart: a novella and stories**. New York: Riverhead, 2006.

HOUSE, Juliane. Universality versus culture specificity in translation. In: RICCARDI, Alessandra. **Translation Studies: perspectives on an emerging discipline**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

KATAN, David. **Translating cultures: an introduction for translators, interpreters and mediators**. 2. ed. Manchester: St Jerome, 2004.

KRISHNAPPA, Yathin S. **Common eland in Etosha National Park**. 2015. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Common_eland#/media/File:Taurotragus_oryx_-_young_bull_-_Etosha_2015.jpg. Acesso em: 28 jun. 2019.

LACZKOWSKI, Wojciech. **Pôster do filme Yankee Doodle Dandy**. 2019. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Yankee_Doodle_Dandy.jpeg. Acesso em: 28 jun. 2019.

LANZETTI, Rafael *et al.* Procedimentos técnicos de tradução: uma proposta de reformulação. **Revista do ISAT**, São Gonçalo-RJ, v. 7, n. 7, 2009.

LANZETTI, Rafael. Domesticação e estrangeirização nas estratégias e procedimentos tradutórios de tradutores aprendizes. **Confluências**, Lisboa, v. 4, p. 10-40, 2006.

LEFEVERE, André. **Translation, history, culture: a sourcebook**. Londres/Reino Unido: Routledge, 2003.

LEFEVERE, André; BASSNETT, Susan. Introduction: Proust's grandmother and the thousand and one nights: the "cultural turn" in translation studies. In:

LEFEVERE, André; BASSNETT, Susan. **Translation, history and culture**. London & New York: Pinter, 1990.

LIANG-LAN, Wu. **Birds of a feather flock together**. 2005. Disponível em: oels.byu.edu/student/idioms/proverbs/Birdsofafeather.html. Acesso em: 28 jun. 2019.

LUTERO, Martinho. Carta aberta sobre a tradução. Trad. Mauri Furlan. In: FURLAN, M. (org.). **Clássicos da teoria da tradução**: Renascimento. Florianópolis: UFSC/NUPLITT, 2006. v. 4. p. 94-118.

LYRA, Regina Maria de Oliveira Tavares de. Explicar é preciso? **Fragmentos**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 74-76, 1998.

MAGALHÃO, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2000.

MANZOLILLO, Vito César de Oliveira. Empréstimo semântico, decalque e retroversão: breve estudo do empréstimo linguístico. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 2., 2016, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016. Disponível em: https://www.filologia.org.br/anais/anais_iicnlf37.html. Acesso em: 25 jan. 2019.

NARLOCH, Leandro. Tragédias de tradução: a TV a cabo gerou uma enorme demanda por tradutores, que nem sempre são qualificados. **Superinteressante**, São Paulo, n. 180, 2002. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/tragedias-de-traducao>. Acesso em: 22 nov. 2018.

NEWMARK, P. **A textbook of translation**. London: Prentice Hall, 1988.

NEWMARK, P. **Approaches to translation**. Oxford: Pergamon Press, 1981.

NIDA, E.; TABER, C. R. **The theory and practice of translation**. Leiden: E. J. Brill, 1982.

NIDA, E.; REYBURN, W. D. **Meaning across cultures**. New York: OrbisBooks, 1981.

PAGANO, Adriana. Mitos e crenças sobre a tradução e o tradutor. In: ALVES, Fábio; MAGALHÃO, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2000.

PAZ, Octavio. **Traducción**: literatura y literalidad. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2012.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. **Testes de proficiência linguística em língua de sinais**: as possibilidades para os intérpretes de libras. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

PINKER, Steven. **Guia de escrita**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

RAN, Amalia; MORAD, Moshe. **Mazal Tov, amigos! Jews and popular music in the Americas**. Leida: Brill Academic Pub, 2016.

REIß, Katharina; VERMEER, Hans J. **Towards a general theory of translational action: skopos theory explained**. London: Routledge, 1984.

ROBINSON, D. Paraphrasis. In: BAKER, Mona. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. New York: Routledge, 1998. p. 166-167.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMAN, W. **Clássicos da teoria da tradução: alemão-português**. Florianópolis: UFSC, 2001.

SILVA, Fernanda Gomes da; SANT'ANNA, Simone. A semântica lexical e as relações de sentido: sinonímia, antonímia, hiponímia e hiperonímia. **Cadernos do CNLF**, v. 13, n. 3, p. 34-50, 2009.

SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns of translation studies**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2006.

STEINER, George. **Depois de Babel: questões de linguagem e tradução**. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

TENNIEL, John. **The Cheshire cat in Lewis Carroll's Alice in Wonderland drawn by John Tenniel (1820-1914) in the 1866 edition**. 2009. Disponível em https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cheshire_Cat_Tenniel.png. Acesso em: 28 jun. 2019.

TIME. South America Rio de Janeiro. **Time**, New York, v. 139, n. 9, p. 34, 1992.

UNIVERSITY OF SOUTHERN CALIFORNIA. **Academic programs of study: rules and regulations**. 2019. Disponível em: <https://undergrad.usc.edu/programs/minor/rules>. Acesso em: 15 fev. 2019.

VENUTI, L. **Rethinking translation: discourse, subjectivity, ideology**. London/ New York: Routledge, 1992.

VINAY, J. P.; DARBELNET, J. **Stylistique comparée du français et de l'anglais**. Paris Didier, 1957.

WOODHAM, Roger. **Learn it! The passive**. BBC World Service: Ask about English, 2019. Disponível em: www.bbc.co.uk/worldservice/learningenglish/grammar/learnit/learnitv65.shtml. Acesso em: 12 fev. 2019.